



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

Inventário de Junho

Cartas sem Moral Nenhuma

Agosto Azul

Sabina Freire



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

Inventário de Junho

Cartas sem Moral Nenhuma

Agosto Azul

Sabina Freire



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

Inventário de Junho

Cartas sem Moral Nenhuma

Agosto Azul

Sabina Freire

Volume I

Coordenação

José Alberto Quaresma

Nuno Júdice

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S.A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
prelo.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

Reservados todos os direitos,
de acordo com a legislação em vigor.
© José Alberto Quaresma e Nuno Júdice
© 2020, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.



Conceção gráfica
Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Revisão

Madalena Alfaia

Paginação

Leonel Duarte

Fontes tipográficas

Títulos Tribute | Frank Heine | 2003 © Emigre
Texto Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts



1.ª edição: julho de 2020
ISBN: 978-972-27-2819-5
Depósito legal: 465 292/19
Edição n.º 1023815



Imagem da contracapa: Manuel Teixeira-Gomes (c. 1910), fotografia,
Officinas Photographicas, Lisboa. BNP Esp. N46/cx. 40

PREFÁCIO

I

18 de outubro de 1950. 13 horas e dez minutos. Manuel Teixeira-Gomes é apeado no cais de Portimão. Chegou na lancha *Fomalhaut*, desembarcado do *Dão*, o cruzador da Armada Portuguesa fundeado frente à Praia da Rocha. Não imaginou a derradeira viagem, a partir de Bougie (Bejaia), Argélia. Aqui, no modesto quarto 13 do Hôtel de l'Étoile, secou os últimos dez anos de vida. O silêncio vencera-o, naquele dia, nove anos antes.

Em Portimão, teve funeral de Estado. Aguardavam-no Trigo de Negreiros, ministro de Salazar, o presidente da Câmara, as autoridades civis e militares, a família próxima e uma multidão densa, nunca vista. Alves Redol, Mário de Azevedo Gomes, Salgado Senha, Tito de Morais, Virgínia de Moura, José Dias Coelho, Margarida Tengarrinha, e tantos outros. Gente anónima que desabelhou das suas casas ou, de longe, veio prestar-lhe a última homenagem. Uma enorme e inesperada manifestação contra o regime, seguida de repressão bruta e detenções arbitrárias. O costume.

Havia um quarto de século que se demitira da presidência da República, a meio do mandato, a 12 de dezembro de 1925. Cinco dias depois, embarca no cargueiro *Zeus*, o primeiro barco a rumar de Lisboa para o Mediterrâneo. Passa ao largo da sua terra. Ninguém notou.

Na sua mala de porão, a *Neverbreak*, leva o indispensável. No país, deixa o escusado, que era quase tudo. Prédios rústicos e urbanos, milhares

de livros, coleções de arte, objetos pessoais, fortuna notada. E, também, Ana Rosa e Maria Manuela, as filhas. Só não largou a mãe, Belmira, porque já o havia feito, quando se instalou em Londres, como ministro plenipotenciário da República.

Nascera em berço aconchegado. Rua dos Quartéis, n.º 1. Casa vasta com jardins a debruçar o rio Arade. Fizera as primeiras letras na melhor escola particular da vila, o Colégio de São Luís de Gonzaga. Aos 10 anos, a separação dolorosa da família para entrar no seminário dos Olivais, em Coimbra. É um dos «filhos da melhor gente do Reino» que o frequenta. Parceiro de carteira de José Relvas. Firma aqui o credo republicano. Nunca o abandonará.

Preparatórios do seminário concluídos, segue para Medicina, na Universidade de Coimbra. Tem 15 anos e empenho frouxo. Falta às aulas. Passeia-se pelo Mondego. Convive com os maiores intelectuais da Lusa Atenas. Salta para Lisboa e, depois, Porto, onde se matricula nas respectivas Escolas Médico-Cirúrgicas. Nunca será o médico que o pai quer na família. O tempo que lhe sobra do estudo que adia é substituído por leituras densas em todas as áreas do conhecimento e por convívios férteis com colegas e amigos, figuras gradas da arte e da cultura, da segunda metade do século XIX. Guerra Junqueiro, Fialho de Almeida, Fortunato da Fonseca, Joaquim de Araújo, Domingos Ciríaco Cardoso, Sampaio Bruno, Basílio Teles, Marques de Oliveira, Soares dos Reis são alguns dos muitos que o envolvem.

Quando se estreia na escrita literária, aos 21 anos, na *Folha Nova* — periódico do Porto que tinha como colaboradores Eça de Queirós, Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão, Gomes Leal —, indicia logo que será um deles. Debandara o putativo médico, chegara o escritor. Sem pressa. Só tarde, com um pé nos 40, publicará *Inventário de Junho*, o seu primeiro livro.

Coimbra, Lisboa e Porto dão-lhe infinita riqueza espiritual. Mas são sorvedouros de dinheiro largo. O pai chama-o à razão. Corta-lhe a mesada. Força-o a regressar a casa. E transfigura-o, de imediato, no caixeiro-viajante de que necessita para expandir o negócio internacional dos figos secos.

Culto, loquaz, informado, meticoloso, Teixeira-Gomes, com 25 anos, começa a fazer as campanhas do figo no Algarve. E logo zarpa para o Norte da Europa para os vender. Tem escritório em Antuérpia. Arrecada

receitas volumosas. Bem ap provisionado, deambula longos meses pela Europa, pelo Mediterrâneo das múltiplas margens e pelo Médio Oriente. Busca conhecimento e extasias plurais. Frequenta teatros, salas de concertos, catedrais, palácios, exposições, restaurantes, botequins, prostíbulos. É dos viajantes mais incendidos e cultos deste tempo.

Quando se aproxima dos 40 anos, arrepia caminho. Estaca na terra. Quer apenas cuidar do negócio familiar, dirigir o amanho das muitas propriedades, amodorrar no seu escritório. E entregar-se à escrita e edição dos primeiros livros. O pasmo da vila, a quietude do rio Arade, as enleantes paisagens de mar e campo atiçam-lhe a criação literária. Tudo parece bastar-lhe.

Só que nunca é tarde para um homem se desassossegar. O alvoroço da queda da Monarquia troca-lhe as voltas. Por ela, tanto esperara. E, aos 50 anos, a falar seis línguas, é convidado para representar a República, em Londres. Não tem experiência. Mas a vida cosmopolita de que abusara e o conhecimento pessoal de muitos diplomatas constituem cabedal precioso. Não enjeita o desafio.

Não vai passear, apenas, intuição política, inteligência, elegância, cultura. Espera-o trabalho árduo. Tem de travar a conspiração permanente da Corte portuguesa ali refugiada e obter o reconhecimento internacional da República. Desenvolve um esforço gigantesco, com fraco apoio de Lisboa, para dar resposta às complexas questões diplomáticas. Negocia, cheio de dúvidas, a entrada de Portugal na Grande Guerra. Debruça-se sobre milhares de dossiês e esgota-se em diligências sem fim. Chega a trabalhar 18 horas por dia.

Portugal consegue ficar do lado dos vencedores. Mas em tudo o mais parece um derrotado. Teixeira-Gomes anteviu o enorme desastre militar e humano. Do mal, o menos. Seguraram-se as colónias em África, cobiçadas por aliados e inimigos.

Entre notícias do horror e bombardeamentos sobre a capital do império, vive intensamente. Frequenta o melhor da sociedade londrina. Até no Palácio de Buckingham os seus passos ecoam. E o corpo freme, em clubes seletos, festas privadas, concertos *promenade*, jantares opíparos pela mão do amigo Auguste Escoffier, nos hotéis Carlton e Ritz.

Findo o conflito, dirige a delegação portuguesa aos múltiplos fóruns internacionais do pós-guerra, decisivos para o futuro de Portugal e do mundo. É eleito vice-presidente da Assembleia-Geral da Sociedade das Nações.

Prestígio adquirido, sensibilidade política e conhecimento profundo dos grandes dossiês nacionais e internacionais motivaram sucessivos convites para primeiro-ministro e presidente da República. Enjeita-os todos. Aceita apenas um. Com muitas reticências.

Em Agosto de 1923, é eleito presidente da República, pelas duas câmaras do Congresso. Contrariado, tem de abandonar Londres, onde está mais do que enraizado. Desembarca em Lisboa. Toma posse. Sorriso descrito.

A vida no Palácio de Belém não será fácil para o sétimo presidente da República. Cedo constata a deriva anárquica do país, revoltas militares, greves, atentados bombistas. Bagunça solta, a franquear o caminho para a ditadura. Antevê-a. Conhece bem o exemplo da Espanha de Primo de Rivera, e da Itália de Benito Mussolini.

O democrata de sempre não hesita. Sabe que tem as mão atadas. Com metade do mandato por cumprir, bate com a porta. Cinco meses depois, a 28 de maio de 1926, Gomes da Costa toma o poder. Não tardará Salazar e o Estado Novo. Congeladas a democracia e as liberdades.

Solto da «gaiola dourada» — no longo hiato de década e meia em funções oficiais —, retoma as viagens da juventude. Deambula, de novo, pelo Mediterrâneo. Regressa à escrita literária. Segue à distância o país. Escreve copiosamente.

Muitas e boas razões teve este homem livre para só regressar, sem o saber nem o querer, nove anos após a morte. A pátria acomodava-se a um Estado policial. Tolhia-se no medo, na censura, na repressão. Dela, nada esperava. Da família, muito pouco. Da sua terra, ainda menos: «A vida, aí, anda numa grande mistura de elementos maus, e a inveja tem mais por onde roer, pois esquadrinha por todos os lados e nada lhe escapa. Ela vai até abranger indistintamente pobres e ricos, desgraçados e felizes.»

Nesta carta, ainda inédita, expedida da Tunísia para Francisco Corte-Real, o médico da família, em dezembro de 1929, quatro anos depois de ter deixado para sempre o país, confessava-se sereno e apaziguado: «Grande e constante quietação de espírito; trabalho livre da imaginação ao sabor da fantasia; faculdade de atenção, que me permite ler — embora muito lentamente — quatro horas por dia e escrever outras tantas. E aqui está o quadro da minha saúde, que não parece conter tintas negras.»

Assim seguiu. Livre e determinado. Até ao último suspiro. Madrugada de sábado. 5 horas e 10 minutos. 18 de outubro de 1941.

Oitenta e um anos vividos como bem quis este boémio fogoso, negociante arguto, colecionador esclarecido, melômano informado, viajante sôfrego, diplomata presciente, presidente da República dedicado, mas impotente. E, acima de tudo, um dos grandes escritores do século xx.

José Alberto Quaresma

II

Neste volume, o primeiro de uma série que irá reunir a obra édita de Teixeira-Gomes, reúnem-se os seus primeiros livros, publicados entre 1899 e 1905: *Inventário de Junho* (1.^a ed. 1899), *Cartas sem Moral Nenhuma* (1.^a ed. 1903), *Agosto Azul* (1.^a ed. 1904) e *Sabina Freire* (1.^a ed. 1905). A publicação segue as normas da edição já feita na Imprensa Nacional por Urbano Tavares Rodrigues, excluindo as notas da autoria de Urbano, Helena Carvalhão Buescu e Vítor Wladimiro Ferreira, que podem ser consultadas nos volumes então publicados, em que foi seguida a última edição revista por Teixeira-Gomes com as alterações por ele feitas, de que a mais significativa é o acrescento de recordações de João de Deus que completam *Inventário de Junho*, «Desenhos e Anedotas de João de Deus», por ele publicadas em 1907. Foram ainda corrigidas pequenas e mínimas imperfeições entretanto notadas, além de uma ou outra gralha.

Podemos desde já notar que, em cerca de cinco anos, nessa transição do século xix para o xx, Teixeira-Gomes dá à estampa livros em que logo se manifesta um estilo e um tom inteiramente únicos na nossa literatura. Talvez *A Correspondência de Fradique Mendes* ou *A Cidade e as Serras* de Eça de Queirós, publicados respetivamente em 1900 e 1901, se possam considerar um equivalente quer no cosmopolitismo quer na marca que neles se imprime do decadentismo da época, sob a influência de um J.-K. Huysmans ou de um Villiers de L'Isle-Adam, entre outros. Embora Teixeira-Gomes não tivesse ainda entrado na diplomacia, o que só irá suceder depois da proclamação da República, em 1910, que o levará de resto a pôr de lado a publicação de novas obras durante décadas, até ao início do seu exílio autoimposto na Argélia, em fim de 1925, na sequência da sua decisão de se demitir da presidência da República, é nele visível o

mesmo cosmopolitismo e a mesma cultura em tudo o que se faz nos mais variados planos da vida artística, incluindo música, teatro, artes plásticas, arquitetura e, como é evidente, literatura.

O que mais impressiona, porém, é vermos como ele consegue agregar todos estes aspetos da cultura da época com uma obra absolutamente original, conciliando memorialismo e ficção, embora nestes primeiros livros seja a primeira característica a dominante; mas podendo notar-se, desde logo, como essas memórias de personagens, homens ou mulheres da sua adolescência e princípio de vida, são dadas em quadros em que, por muito reais que essas figuras tenham sido, tudo nos é apresentado em passagens narrativas que permitem passar desse fundo autobiográfico a pequenos episódios romanescos. E talvez seja isto que nos permite ver, com olhos de leitor de uma realidade em que o imaginário se sobrepõe à verdade daquela época, descrições de episódios que colidem totalmente com os valores atuais. É surpreendente, de resto, vermos a coragem e o confessionalismo sem limites de um escritor que, desde os seus primeiros livros, se coloca contra esses valores morais que já então, em muitos aspetos, seriam objeto de censura, por muito tolerada que fosse a sua prática.

E podemos colocá-lo a par de um André Gide, de um Pierre Louÿs, de um Pierre Loti, de um Oscar Wilde na forma como cultivava um esteticismo levado às últimas consequências, um cosmopolitismo do viajante que junta comércio e cultura nas suas deslocações, visitando o que de melhor há na civilização da época, e no modo como dá corpo à sociedade do Algarve nas suas múltiplas camadas sociais, sem esconder nenhum aspeto da vida do seu tempo, e sem nunca cair no regionalismo, podendo ser colocado a par de João Lúcio nessa visão algarvia sem cedências ao local. Admita-se que há pontos que hoje podem levantar polémica de acordo com os critérios morais da nossa época, nomeadamente em relação a descrições em que entram jovens de menor idade; mas teríamos de entrar num capítulo censório que levaria por caminhos perigosos, e o próprio Teixeira-Gomes, no «Posfácio ou Carta aos Leitores sobre Coisas Mínimas», que termina as *Cartas sem Moral Nenhuma*, alerta para as consequências a que o puritanismo, na arte como na literatura, pode conduzir.

Um sinal de rutura com os hábitos literários da época encontra-se na intersecção de géneros na sua escrita: há momentos narrativos, momentos autobiográficos, passagens que poderiam fazer parte de um diário, crítica de arte, apreciações literárias, relatos de viagem: a diversidade não nos

afasta nunca de uma lógica que nunca se perde, passando de um tópico a outro de forma natural, refletindo a imensa cultura de quem se mostra identificado com as mais modernas, na sua época, correntes estéticas. É preciso notar que, nesse fim de século XIX e princípio de século XX, nada de análogo se encontra, não só em Portugal, talvez com a exceção de Raul Brandão, mas também noutros países europeus, o que nos permite um acréscimo de surpresa e de admiração por quem, só anos mais tarde, terá num António Patrício um equivalente, ainda que a obra deste seja mais reduzida no campo da ficção.

Um outro ponto que merece destaque é o interesse que muitos capítulos ao longo destes livros apresentam para conhecermos a sociedade europeia desse período. Um início de vida adulta que o conduziu, entre homem de negócios e turista, a países quer do Mediterrâneo quer da Europa do Norte, com destaque para Itália, Turquia, Espanha, Holanda, Inglaterra, França (Paris, claro), ilha da Madeira, reflete-se em diversas situações narradas com uma finura senhorial que lhe permite fazer retratos notáveis quer de espaços monumentais, de cidades, de paisagens, como de figuras femininas ou masculinas, destacando-se o seu olhar sobre os corpos que o fascinam, independentemente do género, apenas pela beleza e pela elegância.

Um outro género em que Teixeira-Gomes se distingue é a epístola. Dirigindo-se a amigos ou a um destinatário que, no fundo, será o próprio leitor, captando a sua atenção pela forma como o faz participar no seu mundo, como consegue levá-lo a viver através de um olhar atento aos mais ínfimos pormenores, dando-lhes uma significação que, no quotidiano, passaria despercebida, e sobretudo transmitindo o prazer com que ele vai atravessando a vida.

E talvez seja a palavra «vida» a mais eloquente para dar conta do que percorre esta obra. É o gosto de viver que sentimos a cada passo, e para o manter Teixeira-Gomes sacrifica o que for preciso, para que não se perca o seu amor pelas coisas belas e a sua dedicação ao instante, desde que ele lhe permita ganhar uma sensação desse êxtase que tanto pode nascer da contemplação de uma obra de arte como do corpo humano. E é esse epicurismo que o leva a renunciar ao país no momento em que se apercebe de que o Poder, que o levou ao mais alto cargo da nação, constitui afinal um contrapeso ao seu desejo de uma vivência estética. A ida para Bougie foi um exemplo dessa entrega a uma existência em que a liberdade é o único valor em jogo, mais importante para ele do

que o outro lado da balança, que foi a perda das relações próximas com família ou com amigos.

Temos ainda neste volume a revelação de uma peça de teatro que se pode pôr ao lado do que de melhor se encontra tanto em Raul Brandão como em António Patrício, nomeadamente com o livro de contos *Serão Inquieto*, de 1910, para voltar a referir os dois autores que poderíamos equiparar a Teixeira-Gomes. A sua *Sabina Freire* é igualmente um prodígio de invenção e de crítica social, tanto no plano dos diálogos como no das situações. A denúncia da moral burguesa e do patriarcado como instituição assente no meio das famílias burguesas tem um aspeto revolucionário, terminando no chamado *coup de théâtre* que converte a tragédia no que, nas palavras finais, o autor designa como comédia, apesar do desfecho fatal. E a visão da mulher como anjo lascivo é outra das suas provocações que colocam *Sabina Freire* como um dos melhores exemplos desse teatro de situações que, na época, talvez não tenha equivalente em termos de invenção e de jogo com a ambiguidade, para lá do modo como os diálogos fazem viver cada personagem.

E ainda neste ponto Teixeira-Gomes pode colocar-se, com esta sua obra, que foi a única no género dramático, novamente ao lado de dramaturgos como Raul Brandão e António Patrício, que souberam ir buscar a situações históricas ou sociais o argumento para uma renovação da linguagem teatral de que ele é um dos expoentes, apesar de não ter prosseguido essa sua vocação.

Nuno Júdice

CARTAS SEM MORAL NENHUMA

*Para o meu amigo,
Luís Botelho*

Sevilha — janeiro

Meu querido amigo:

Várias foram as razões que demoraram tanto o meu agradecimento à sua carta de novembro, avultando entre elas o sério estorvo que nasce de uma doença de olhos, bastante, penso, a antecipar-me na certeza do seu perdão e que me dispensa de enumerar as outras.

Não é grave o mal, mas impertinente, e já lá vão dois meses que me acho privado de toda a leitura aturada e escassamente posso cumprir com o que seja de imprescindível obrigação escrever.

Tudo seria coisa nenhuma sem o efeito moral da moléstia, o qual deveras me apoquento. Tenho arrecadado por estes olhos tanta impressão valiosa, e deve-lhes tanto e tanto a minha alma, a esses dois infatigáveis transmissores de tudo quanto o mundo exterior resume de movimento, cor ou forma, que um secreto presságio, uma suspeita de castigo, não cessa de me remorder no pensamento: não sejam estes os avisos precursores de outra penalidade mais forte, correspondente ao meu tão fundo sensualismo.

Vou porém melhor. Com estas distrações andaluzas se me têm desvanecido as inquietadoras imaginações e sinto-me hoje tão bem que ousa até, para conversar com os meus amigos, valer-me desta escrita

aborrecida, sim, mas que, se eu me ativesse exclusivamente ao prazer que dela aufero, quando se trata deles, me tomaria todo o meu tempo.

O que é para surpreender, e bem se pode taxar de extravagância, dada a minha quase mania epistolar, é o pouquíssimo que eu lhe escrevo, a V., talvez o mais estremecido dos meus amigos, e em quem penso com tanta constância. E isso não provém de julgar que as excessivas ocupações da sua vida lhe empecerão a rapidez nas respostas, roubando-me o benefício que delas haveria; para mim melindres tais nada significariam no presente caso. Perscrutando bem, vejo que tudo se origina da natureza dos pensamentos que a sua lembrança forçosamente me sugere e que são mais graves, mais penetrantes, mais em harmonia com a consciência do nosso destino, e sempre fugindo à esfera dos conceitos «espirituosos» ou vãos, onde a minha inteligência se ajeita tanto a meu gosto.

Sem o representar calçando o coturno do «imperativo categórico» nem pelando-se ao sopro ardente da Ética, acostumei-me a ver em V. um exemplo de incorruptível tenacidade e retidão intransigente, capaz de resistir a quantas afagosas tentações incitam ao abandono do caminho direito, e isso sem que a bondade se lhe embotasse ou, mais, sem que se lhe hipertrofiasse o egoísmo, e, ainda, sem prejuízo desses tesouros de indulgência que o meu amigo tão liberalmente acumula em proveito dos outros.

Ser-lhe-ia difícil, caro amigo, mesmo à luz de bem deduzidas dilucidaciones, avaliar até que profundidade V. influiu na reconstituição da minha alma e porque, desta, a parte sã seja seu reflexo...

Como escrever-lhe pois no tom oco pelo qual afina toda a correspondência «agradável», urdindo-a em gracejos comezinhoamente inspirados no convencional ceticismo de que se usa e abusa tanto? e, procurando alcançar o austero diapasão das «perfeitas harmonias», como descobrir expressões que não enfastiam e, realmente alado, provar que há envergadura bastante a acometer — esperançoso — as máximas alturas, alijado da conspiciência e purificado de todo o fartum do Pedantismo?...

Desejaria, quando projeto escrever-lhe, querido amigo, dar às minhas cartas o cunho irrefragável do que é infrangivelmente belo, mas joias de um tão puro quilate não lhas posso eu oferecer e seria baldada a pretensão de prender à realidade aquilo que flutua livremente no sonho, e só ali...

Tal o obstáculo, agora posto de lado, para cumprir com o que seja dever restrito.

V. aceita-me a intenção e conversaremos acerca do que se nos deparar pelo caminho plano e sem mais modelado da vida de sempre...

II

Sevilha — janeiro

Eis o que me ia pela mal temperada alma, véspera da minha saída de casa:

«Neste vil escaninho do mundo, que a arte não alumiou nem alumiará nunca, e onde o indígena se fortifica pela usura gadanhosa, ou impa com as glórias do dinheiro arrebanhado, a elas se restringe, e delas tira a única razão de ser, dias tenho eu, na verdade, deliciosamente tristes, mas o morno dia de hoje é excedente de amargura.

Empapa-me o espírito a impressão — o terror — de que nunca mais deixarei este buraco do mundo, lugar sem interesse para ninguém, longe da tangente de toda a civilização. Que peregrino acaso, que naufrágio, que desventura, poderia trazer aqui a qualquer das mulheres que eu amo, tão dispersas e absortas no que a vida oferece de melhor; e onde estão esses senhoris retratos de Piero della Francesca, ou essa orgulhosa catedral deslumbrante, em cuja vista a mais negra solidão se reconforta?...

Convém renunciar a toda a simpatia, a todo o amor! Ou antes, sem disfarce, empedernir-me no isolamento, varrer da memória tudo quanto lembre essas criaturas que deixaram de ser meus pares e, sobretudo, furtar-me à vulgaridade, à miséria, de admirar incondicionalmente a ambígua primazia de entidades cuja existência é superior só, talvez, porque palpita nas regiões privilegiadas, invejadas, para mim, pouco a pouco, pela distância, pela ausência, fantasmagóricas...»

Achava-me na praia deste modo esbagoando os meus tormentos, e o ar que respirava, arrefecido pelo mar, tão inebriante, de ordinário, tão próprio para alargar o coração de esperança, ressequia-me o peito. Maldosamente corria sobre as delicadas medusas, cuja rara estrutura marchetava a areia de tão caprichosos moldes, como nunca em Murano artista algum soprou no vidro ténue, e ia-as pisando, contente de mudar em escarro nojoso a inflorescência nacarada — violeta e púrpura; carmim, violeta e rosa — daquelas mimosas formas, imagens das minhas fantasias, ali obscuramente abandonadas à mercê do tacho de um bruto!...

Adrede se me torrava a consciência clara com o que pungia de injusto e de perverso nestas imaginações. Tão feliz sempre na minha vida, tão intensamente feliz, e só por haver penado cem dias escassos nesse meio hostil, falho de sugestões afinal tão leves de prescindir, embora figuradas urgentíssimas, tudo se me cortava em infinitas avenidas de ressentimento e de tédio, ao fundo das quais luzia, teimoso, o festivo, suposto, pórtico da felicidade, arquitetado na miragem da «partida»...

A hora da partida, talvez na existência o mais delicioso, esquisito momento, onde tudo é alacridade, gozo, esperança... Fugir a todas as prisões, mesmo às mais doces, supor que um instante basta para borrar todo o usado cenário da vida atual e que outra vida começa, enredada de incertezas, sim, mas pejada de larguíssimas promessas, de inquietadoras visões, de frutuosas quimeras, nada que se compare a esse momento de alvorada, tanto mais incitante quanto mais a miúdo repetido, a cujo feiticeiro rejuvenescimento a alma se dilata ilimitadamente.

Pus-me a caminho e logo o espírito se alimpou dos requentados azedumes...

Que lindíssima terra esta, exclamava eu, ainda na passagem da ponte, e o que temos nós a invejar à Sicília do Teócrito e mesmo ao panorama voluptuoso da Baía de Baías? E assim era que, naquele momento, a minha de ordinário tão embelezadora paisagem algarvia se idealizava, graças à magnificência do poente. O céu alaranjado empanava-se de escumilhas doiradas com franjas de púrpura, e pelo cetim do rio corriam, leves, para a barra, as velas cor de açafão, cruzando outras, brancas de cal e curvas, que cortavam o ar com o movimento sereno de asas livres no espaço.

Já fora da ria, ao entrar na terra firme, começou a cair a noite; mas lavrava-se ainda na várzea, junto à estrada, e atrás dos bois os rapazes que os tangiam entoavam, alto, as lamentações do fado, num ritmo apressado e rústico.

Nenhum outro ruído perturbava o adormecer dos campos. No povoado próximo, à minha passagem e a meio da rua, ateou-se um fogareiro em alas; alguém o tomou nas mãos, à altura do rosto e, correndo, as labaredas lhe cresceram na escuridão, em madeixas de cabeleira solta.

A noite esfriou perto de Silves com o despontar da Lua, cuja luz desmaiada, curta, reintegrava os torreões da cidade na sua lendária arrogância. Tudo rescendia à flor das amendoeiras, que branquejavam, juntas, no fundo dos vales, como um luar mais denso... e desse perfume se repassava o primeiro sono da minha viagem...

O dia seguinte foi de alegria sem mescla, a alma presa no contentamento de viver, só por viver, e toda atenta ao gozo do «momento presente», liberta dos puxões do passado importuno e do aventar desassossegado do futuro.

Eu ia correndo o litoral algarvio, que é um ininterrompido jardim, muito povoado de gente e de arvoredos; as amendoeiras, agora, na realidade do Sol, atraíam de novo as minhas imagens, que nelas pousavam de envolta com as abelhas. Havia-as tão fechadas em flores que perdiam a sua forma de árvores e plagiavam formas fabulosas, ou ajoelhando, como anjos vestidos de arminho, ou tremendo dentro de imensos véus de noivas, ou arremetendo, de pé, à moda dos ursos brancos, ou correndo sobre os esgalhos curvos — despropositados aranhaços de flores rosadas...

Mas os tons, do branco de neve, pulcro, até ao vermelho-cereja, nos quais aquela absurda eflorescência disparava a sua pirotecnia cromática, arrebatavam, e a retina, gulosa, provia-se de festões e grinaldas para os sonhos de grande mágica.

De vez em quando, através dos hélices em que as figueiras da Berberia se armam pelas sebes da estrada, acendiam-se vastos espelhos de mar, onde a luz se quebrava ao sabor da aragem, em mil facetas ardentes, até que, empecendo-lhes de todo o brilho, as dunas principiaram a ondular, miseravelmente...

Do lado de terra, pouco a pouco, as serras altas foram-se coando pelo azul do céu; as colinas nivelaram-se; por fim as árvores faltaram: a estrada rastejou, em lanços monótonos, na campina lavrada, como um risco de giz na ardósia limpa. Alargou-se o terreno em planície arenosa, malhada com o azebre dos hortejos definhados, onde o hálito do mar se sentia arrefecer, e à vista de Ayamonte um leve aperto do coração dizia-me já que a saudade da paisagem familiar e amada começava ali...

III

Sevilha — janeiro

Dir-se-ia que a conceção pombalina, legítima, donde saiu, às ordens do poderoso marquês, em poucas semanas, Vila Real de Santo António, fronteira a Ayamonte, obedeceu ao intuito de melhor frisar o contraste possível entre povoações típicas dos dois países, arranjado que fosse o nosso padrão pelos moldes do reformador.

Vila Real, geométrica, tirada a cordel, bisonha, embora toda em fachada, com os seus escuros telhados íngremes onde até nos prédios térreos se não dispensam águas-furtadas, para os ouriçar de ângulos banais e para os ornar de manchas retangulares ainda mais escuras, e Ayamonte, petulantíssima, em montão, caiada, irregular — quase labiríntica — sem um só telhado e toda em cubos de gesso, as janelas do mesmo prédio variando absurdamente em dimensões e feitio, ora imensas e metidas nas gaiolas de vidro que as transformam em aéreas estufas, ora acanhadas e desguarnecidas, mas com a larga sacada, de ladrilhos sobrepostos, escorada por longos e desiguais palmitos de ferro forjado.

E no interior das casas, nos habitantes, em tudo, alimentação, vestuário, costumes, a mesma diferença flagrante.

Aos nossos tetos lisos, de tábuas pintadas, e às infalíveis bandeiras de vidros das nossas portas interiores que devassam e tornam dependentes as divisões de uma habitação, aos nossos deslavados soalhos, que

preciosamente guardam as nódoas e sonoramente repercutem o ruído das passadas, correspondem ali os tetos de descoberto abarrotado, cujas vigas, frequentemente afeiçoadas com certa arte, aguentam a abobadilha das varandas; as portas de um só batente, armadas aos pedacinhos, com o engenhoso arranjo dos jogos chineses chamados «quebra-cabeças», mas fortíssimas e isolando os vários aposentos, de indústria a dar-lhes condições de seguros calabouços, e o chão ladrilhado, coberto por espessos capachos de esparto que todo o barulho abafam.

A dissemelhança nas mulheres dos dois países, então, ainda é mais notável. A portuguesa, de olhos embevecidos, lenta no andar, tristonha, mal vestida e embiocada no lenço escuro ou no xale, ou no capote; a espanhola, viva, buliçosa, garrida, sempre em cabelo, luzindo imaginosos e floridos penteados, os olhos talvez pouco expressivos e falhos de sentimento, mas em perpétuo anseio de amorosa exploração.

Por fim, e para abreviar a lista dos contrastes, ao Algarve agrícola, povoado tão densamente nos seus campos que torna possível transmitir de um extremo ao outro da província, em competência vantajosa aos roneiros telégrafos, qualquer notícia, quando a gritem de casal para casal, opõe a Andaluzia os seu infinitos andurriais, por onde não transita vivalma, nem se topa choupana, telheiro ou monte.

Dormi em Ayamonte no mesmo casarão lúgubre, histórico solar mudado em estalagem, onde pernoitara quando por lá passei a primeira vez, há mais de vinte anos: «Fonda de la viuda». A mocidade suscitava-me então esperanças em aventuras prodigiosas e foi nessa noite memorável que, impressionado talvez pelo aspeto sombrio do velho palácio, sonhei inquisitoriais perseguições filipinas, à Fernandez y Gonzalez, e no horror do pesadelo, para resistir aos quadrilheiros do Santo Ofício, saltei da cama empunhando um inocente revólver de sala, que por acaso levava comigo, e apontei-o ao meu fortuito e desconhecido companheiro de quarto, caixeiro-viajante de uma papelaria de Sevilha que, em trajes menores, escrevia aos patrões sobre instável mesa de pé-de-galo...

Apontei mas não disparei — e que disparasse, estava descarregado —, metendo-me logo, sempre adormecido, na minha cama.

No entanto, o meu companheiro que, louco de terror, empurrou a mal equilibrada mesa de pé-de-galo, atirando com ela em terra e provocando a queda da única vela do serviço da alcova, cuja luz se apagou, mais morto que vivo lá conseguia, arrastando-se de gatinhas, alcançar a porta

de saída; e quando se encontrou na casa imediata, correndo o ferrolho, ao qual para mais segurança se agarrou com ambas as mãos, desata em gritos feridos, pondo em revolução a hospedaria, a rua e boa parte da cidade.

A casa contígua era justamente a sala de jantar e aí se congregou sem demora a numerosa família da viúva — mulherio enlutado pela morte recente do seu chefe —, as criadas e alguns hóspedes, entre os quais brilhava um senhor cura, abetumado homenzarrão, ao lado de quem eu tivera a honra de me sentar à ceia.

A desvairada narrativa que o sevilhano lhes fez dos meus desatinos a todos estarreceu e houve quem aventasse a urgência de recorrer à *guardia civil*; a viúva, porém, criatura sensata e inimiga de escândalos, descontando nos exageros do caixeiro, foi escutar a uma porta interior, à qual se encostava a cabeceira do meu leito, e, certificando-se de que eu dormia a sono solto, batendo e bradando, facilmente conseguiu acordar-me.

Esta precipitação e alvoroço na chamada convenceram-me de que soara a hora da partida; mesmo às escuras me vesti apressadamente e passei à outra casa, não sendo pequeno o meu espanto quando, ao abrir a porta, deparei com aquela onda de mulheres de luto, recuando espavorida para a outra extremidade da sala e levando ao centro, como venerável paládio, o cura gigantesco, ainda avolumado pelo estranho chapéu eclesiástico espanhol posto às três pancadas. Sobre aquele trágico fundo negro as ceroulas brancas do caixeiro-viajante destacavam indecorosamente.

Como se verificasse o evidente pacifismo das minhas intenções, tudo correu sobre mim, enrodilhando-me nos xales de longos cadilhos, que as mulheres agitavam freneticamente, talvez para me esconjurar, falando todas ao mesmo tempo no seu cerrado andaluz de que eu não entendia patavina.

Mas sempre consegui apurar o caso e desatei às gargalhadas. Então o furor subiu ao seu auge, sobretudo, como percebi, por não mostrar pena alguma em haver desassossegado *el señor cura*, hóspede conspícuo e pessoa melindrosa a quem muito prejudicava o cortarem-lhe os sonos.

Se a viúva não se interpõe, arrancando-me aos flagelos do alucinado bando de filhas e sobrinhas, ali ficava feito em «pedacitos» às suas brancas e sapudas mãozinhas de euménides andaluzas...

Quando saí, de manhã, metade da população acotovelava-se nas ruas mais próximas da hospedaria, para conhecer *el portugués que intentara matar a un viajante sevillano*...

Sobre este romanesco sucesso ainda paira denso mistério em Ayamonte, onde continuaram a conceder-me foros de assassino, mas assassino simpático, visto como o tal caixeiro não executou nenhuma das encomendas que aceitava e por conta das quais recebera somas relativamente avultadas.

Dois anos depois, estando eu num café à espera da diligência, ouvi um freguês, pessoa anafada e de respeitável aparência, gritar ao criado: «Paco, áquel señor portugués nó le cobres nada... Es el mismo de lo viajante... Ojalá hubiese muerto al perro!...»

Essa diligência, desmantelado armatoste que se arrasta com o ruído próprio de uma pesada carga de ferragens soltas, infundindo-me sempre um tal ou qual terror, que a festiva guizalhada das cavalgadas não consegue dissipar, era já há vinte anos, sem tirar nem pôr, a mesma que hoje, nos seus dois igualíssimos exemplares, transita de Ayamonte a Gibraleon. Ao tempo chegava até Huelva.

Nela me meti eu, ainda algo estremunhado e tresnoitado após o episódio do caixeiro sevilhano — porque, para o poupar a novos sustos, levava até romper o dia estendido sobre cadeiras, na sala de jantar — e mal seguro de mim ao encontrar-me com um passageiro único e de tão *mala facha* que aos meus sentidos excitados tresandava a puro bandido. Acolhi-me a um dos cantos do veículo, engolfando-me no gabão, como quem se dispunha a levar a travessia de um sono só, mas sem perder movimento algum do companheiro suspeito.

A breve trecho havíamos deixado a povoação e as pouquíssimas casas de campo dispersas no arrabalde, e, quando entrávamos em franco descampado, eis que subitamente, sem parar a diligência, outro personagem de péssima catadura, a cabeça envolta, como o primeiro, em sujo lenço de cores, abre a portinhola e instala-se comodamente no meu banco, ajeitando a almofada pouco fornida em palha debaixo das pousadeiras, sem se lhe dar coisa nenhuma com o que isso me poderia molestar, sendo aliás evidente que tudo quanto ele puxava a mais naquela extremidade faltava às minhas doloridas polpas lá na outra onde me aconchegara.

Trocaram os dois algumas, poucas, palavras roufenhas, que me entraram pelos ouvidos com sinistra toada e, havendo inquirido da verosimilhança do meu sono com olhares entre sarcásticos e ameaçadores, pareceu-me perceber que diziam: «Vamos a isto que já é tempo...» Então, enquanto um dos facinoras buscava o quer que fosse debaixo da bancada, o outro tirou da algibeira um facalhão tremendo, examinou-o com extremo

cuidado, interrompendo o exame apenas para relançar sobre mim o olhar fulgurante, criminoso, e, dando-se por satisfeito, abriu-o de um só golpe, tão rápido que a mola repenicou nos encaixes de segurança com um atrocíssimo ruído de serra que se me repercutiu geladamente nos ossos...

Aberta e empunhada a arma, brandiu-a selvaticamente sobre a própria cabeça e quando eu, hipnotizado, ia já oferecer a minha ao escarpelo, vejo-o mergulhar a reluzente lâmina dentro de um cesto que o outro lhe apresentava e de lá trazer fígado um linguadinho frito, mas tão pequenino, tão ridiculamente insignificante, que à sua vista os nervos distenderam-se-me e não me foi possível conter a mais estrídula gargalhada que ainda soltei na minha vida.

— *Usted le gusta?* — exclamaram os dois a um tempo, convidando-me urbanamente a regalar-me com os linguadinhos.

Vingado estava o caixeiro-viajante...

O do cesto era condutor da diligência e o outro um pacífico e talvez probo negociante de pescado da Isla Cristina.

E assim acabaram em riso as minhas primeiras aventuras trágicas por terra alheia...

Sevilha — janeiro

Encontrando-me agora em Ayamonte pela trigésima vez, levanto-me ao romper do dia para dar a acostumada volta na cidade, enquanto não parte a diligência.

Já se nota por todas as ruas o característico hálito matutino de aguardente anisada, tão castelhano como andaluz, que os cafés exalam. Esses cafés espanhóis onde boa parte da população vive — e que, mesmo em terras de nenhuma importância, tal Ayamonte, excedem nas dimensões os mais vastos das melhores cidades portuguesas — oferecem infalivelmente à curiosidade do forasteiro o espetáculo permanente de uma reunião de velinhos típicos, verdadeiras múmias de chapéu desabado e alpergatas, que levam os dias e as noites, sem prejuízo de suas nobres atitudes, a chupar grossos cigarros amortalhados em papel de cartas e incombustíveis, mau grado a presteza com que obstinadamente os afofam entre os dedos secos, negros e recurvos como garras de milhanos.

A manhã estava fria, com uma aragem de leste, muito prometedora de turbilhões de pó pelo dia fora, e já implicando mesmo com quem caminha em povoado ao abrigo das casas.

Entro nas Angústias, a igreja matriz, solicitado pelos sinos que tocam à missa. Os sinos espanhóis têm o som mais grave do que os nossos, mas badalam com outra arrogância, outra viveza, e parecem pedir

acompanhamento de pandeiretas e castanholas. Isto não é fantasia, porque são tangidos por mãos humanas e provado está como o «canto flamenco» dirige as tendências musicais de qualquer bom espanhol; se até na Semana Santa os padres gemem as lições de trevas alternando o ritmo das seguidilhas com o das malaguenhas.

A Igreja das Angústias é um templo vasto, de teto de madeira, muito mal alumiado, cujas paredes se cavam a cada passo em profundas capelas onde luzem ídolos pavorosos. A esta hora já não faltam beatas caídas, e espalhadas como desarrimadas e volumosas trouxas de panos pretos pelos capachos de esparto que alcatifam o solo.

Saio de Ayamonte com o velho cocheiro Ramon, para quem todo o gozo humano se consubstancia na *buena hembra* e no *anisado del Mono*. Sibarita frascário, nos limites de um *Don Juan* de estrebaria, suas aventuras conheço-as bem, tantas vezes mas tem contado, mas escuto-as de novo, complacente, enquanto espraia a vista pela paisagem.

A estrada mete-se a um pinhal que a acompanha quase até Lepas. Eu vi as primeiras árvores desta mata aparecerem por uns cabeços mal povoados de figueiras raquíticas, há vinte anos, e tenho-lhes seguido o desenvolvimento progressivo que, suponho, é obra natural, de autorreprodução. Tem-se propagado tenacissimamente, suprimindo qualquer outra vegetação, e agora estende, por muitas léguas, o seu escuro manto aveludado e aromático. Nestes últimos três anos o tecido cerrou; é difícil descobrir-se-lhe a mínima clareira e abunda em trechos de deliciosa ornamentação, grupos de árvores majestosas que abrem a grande altura as copas de para-sol, e esquadrões de pinheiritos novos, armando, uns em candelabros outros em tenebrários que os rebentos resinosos parecem encher de cera amarela.

Próximo a Lepas o horizonte desafoga-se e, como o terreno se eleve consideravelmente, a vista corre sobre a mata, alcançando a foz do Guadiana e a vasta região que a circunda. A linha azul do mar recorta-se na costa arenosa, mostrando, entre dunas, o baixo casario da Higuierita; Ayamonte avulta e branqueja como grosseiro crescente de gesso; na margem oposta negrejam as fortificações de Castro Marim e num riscado de mastros e vergas descortinam-se os relevos geométricos de Vila Real.

Lepas é destituída de interesse, longe do tipo aiamontino, e lembra as nossas vilas alentejanas, como a paisagem entre Lepas e Cartaya evoca os monótonos, embora gloriosos, campos de Ourique.

Mas encontro compensação a esta ausência de pitoresco contemplando as duas companheiras que o destino me deu por uma tão escassa hora. Recordo que eram encantadoras. Uma delas teria 16 anos: grandes olhos garços e maliciosos mas quietos, de sensualidade dormente, a boca vermelha, os dentes alvíssimos e o farto cabelo — não sei bem como isto podia ser — da cor dos olhos... Da outra só vejo o olhar de pura safira, cuja luz as sedosas pestanas pudicamente peneiravam...

Topámos a meio caminho de Cartaya com um comboio de carretas levando altíssimas cargas cuidadosamente cobertas de bons panos. Pelo compassado e vagaroso dos bois; pela compostura e excelente arranjo das cargas; pelo ar grave e concentrado dos carreiros, e ainda por mais não sei o que de majestoso que ressumbrava daquela teoria de imponentes vultos, ocorria-nos que se transportasse ali o riquíssimo espólio dalgum magnate ou príncipe da Igreja; pois é simplesmente uma pequena parte da mobília que ornava os confortáveis bordéis da nossa bem conhecida Antónia Morena, cujos herdeiros vivem em Cartaya, e ali recolhem as preciosas alfaias. Afirmam que riqueza igual vem já descendo o Guadiana e muitas outras arcas de extraordinárias dimensões e recheio serão expedidas de Lisboa para idêntico destino.

É Ramon quem me fornece estas informações, ajuntando em voz baixa e cava — evidentemente comovido: — «Antonia la Morena!... Conheci-a descalça, vendendo peixe, pelas ruas de Cartaya e sei que em Portugal chegou a ser senhora de grande tom, muito apreciada na boa sociedade... Dizem-me que os seus patrícios, sobretudo na Corte, têm em grande conta o comércio a que ela se dedicava; nós, aqui em Espanha, nem por isso... O que deixa aos herdeiros excede a soma de 12 milhões de reales...»

A figura já lendária de Antónia Morena, as alfaias que vão enriquecer Cartaya, os muitos milhões de reales da grande hospitaleira da Rua de São Roque, drenados da capital lusitana para engrandecimento de um humilde povo andaluz, dão pasto às conversações e constituem o grande acontecimento que traz alvoroçada toda a região que percorremos.

Ramon compraz-se em saber que a sede dos estabelecimentos da sua ilustre patricia se encontrava precisamente em rua da invocação de São Roque, de quem ele é fiel devoto.

Um dos principais herdeiros da nobre Antónia está indigitado para futuro alcaide de Cartaya. O acaso, meu constante protetor, meteu-o na

diligência, pô-lo na minha frente e ali o conservou em todo o bastante alongado trajeto de Gibraleon, que, desta vez, me pareceu mais curto.

A exemplo dos outros passageiros, remirei-o com respeito e em silêncio, enquanto ele, respeitoso de si mesmo e também silencioso, fumava, enfiadas umas nas outras, três brevas de palmo. Os cartaienses fizeram-lhe um honradíssimo bota-fora e em Gibraleon esperava-o uma carinhosa recepção. Os atores, em ambos os lances, haviam sido recrutados entre os principais personagens das duas povoações.

O rio Odiel, que atravessamos, serve à lavagem de grandes quantidades de minério e quando passa em Gibraleon é um rio fabuloso: cor de rubi, cintilante e facetado na corrente, espelha sobre os pegos em largos planos de ametista, e junto às margens, pelas sombras das tamargueiras, opaliza-se como um turvo leite irisado de verde e oiro...

Encontro que alguma coisa essencial falta ao quadro de Gibraleon. Destruíram o que restava do castelo dos condes de Luna, uns panos colossais de muralhas de taipa que defendiam a entrada ao povoado e ilustravam esplendidamente o arrogante som heráldico do seu nome: Gibraleon!

O pequeno troço de via-férrea entre Gibraleon e Huelva corta uma levemente ondulada região cerealífera, agora toda reverdida em favais nascentes e searas que apenas pungem a terra.

Huelva recebe-nos com o húmido bafejo, temperado de salmoira, da sua vastíssima ria, cujo panorama se desfruta do comboio por entre os cais atulhados de mercadorias e as ruas de palmeiras postas há pouco para marcar limites a futuros jardins. No horizonte, em Palos, o monumento do Colombo ergue-se — estafada mas insubstituível imagem — como prodigioso círio branco apagado, cujo pavio ou morrão seria a estátua do navegador.

E aqui o símil dessorado aceita-se talvez sem maior repugnância, porque, antes de tudo, foi o concentrado esforço religioso que prantou o círio onde tanta falta faz um farol...

No comboio de Sevilha encontro alguém que julgou reconhecer-me e averiguado o engano se faz meu conhecido. É um capitão de longo curso que me descreve o Amazonas a palmos e me diverte com umas intermináveis e fabulosas histórias de tartarugas...

Passamos La Niebla já ao crepúsculo, luz favorável que lhe restaura as muralhas e nos restitui intacta uma grande praça-forte da Renascença, e às nove da noite chegamos a Sevilha.

Pela escuridão, passando lentamente sobre a ponte de ferro e lobrigando outra ponte a luzir, ao longe, em continuação da cidade iluminada, sentindo o remurmúrio dos salgueiros no rio, o coaxar das rãs pelos charcos das ínsuas, onde se reflete, rápido, o farol da locomotiva, e vendo tocar nos vidros a vegetação que povoa os altos taludes na volta da estrada, não é Sevilha cuja aproximação pressinto, mas a Coimbra dos meus regressos à cábula e à vagabundagem pelo Choupal.

Ainda não entrei vez alguma em Sevilha sem experimentar esta curiosa substituição de lugar e tempo...

Sevilha — janeiro

Eu quase que tornei agora — se bem que através de novo prisma — aos meus primeiros amores, a esta Espanha carnal e grosseira mas de cujo poderio e riqueza passada ao menos se conservam mil maravilhosas memórias. O mundo inteiro deu para aqui, no decorrer de séculos, os primores da sua arte, que as catedrais arrecadaram, conservando-as ciosamente até hoje na pureza da sua hora primitiva.

Falei-lhe, por certo, em tempo, da fabulosa paixão que Sevilha me inspirou durante anos, paixão obcecante e exigente a ponto de me não consentir nem veleidades de resistência à necessidade forçosa de a vir ver a miúdo. Aos frequentes rebates da saudade me punha eu logo a caminho desta aliciadora terra e era sentindo esse mesmo alvoroço, essa mesma perturbação que nos causa a presença da mulher apeteçada que dela me aproximava.

Era uma entidade cuja vida se traduzia para mim nas embelezadoras manifestações da alegria e da lascívia, e que se me afigurava sempre envolta num manto por tal forma opulento e de uma tão soberana magnificência, que à minha visão vedava-se designar-lhe o conjunto e só à força de ligar detalhes a outros detalhes lograva reconstituir-lhe alguma das infinitas pregas.

Ao calor da soberba mocidade que acertei de conservar até tarde se me exacerbava a embriaguez da paixão, cegando-me para o que não fosse

elemento de beleza e de prazer a ajuntar ao sentimento já entesourado de uma perfeição acabada e só aqui existente.

Mas, força é confessá-lo, essa ingente fogueira do entusiasmo esmoreceu e consumiu-se, e hoje recorro, com a desvalida saudade de tudo o que se não repete na mesma vida, os trechos mais turbulentos da vida de aventuras — que as tive — aqui passada.

Eu queria soltar dentre essas aventuras alguns quadros da mais trágica, daquela onde a minha alma ia soçobrando, e pintar-lhe a encantadora figura de uma criança ambiciosa e inteligente, que fez de mim o seu ídolo e me levantou na febre do seu amor às cumeadas da adoração que só o génio merece; depois, quando esclarecido na experiência e amesquinhado o ideal de que eu fora a miragem, contar-lhe os tormentos nos quais essa caprichosa e cruel menina me fez expiar a perda da sua ilusão. E contar-lhe mais como fui eu próprio quem lhe sopeou a imaginação e, no temor da queda irreparável, a chamei à realidade desta vida por um caminho cujas asperezas se amaciavam ao amparo dos meus sofrimentos; e como, para satisfazer ao carinho de um amor tão límpido que, em mim, só podia guiar-se pela probidade, fui eu quem lhe arrancou do coração as últimas raízes do seu amor, mau grado o receio de que, ao penoso esforço, se me afundasse a inteligência e a vida!...

Mas não se morre de paixões semelhantes e tal qual os heróis do romantismo me meti eu logo pelas cafurnas da crápula e da devassidão, à busca — e com êxito — do esquecimento por onde restituísse novamente ao espírito a descuidada indiferença da mocidade.

Dizer-lhe então, meu amigo, as noites sensuais de Sevilha, essas noites de cruciante deboche, de bestialidade, de sadismo, algemado à embruxada carne de umas bailarinas desgorjadas e sovadas, mas cujo suor e cujo sangue me eram suaves e deleitosos, como no abrasamento da sede o sumo de sorvados frutos; de umas bailarinas que ressuscitavam da sufocação do meu corpo, do apolear mortal dos meus braços, para os moventes frisos em que desdobravam as suas danças engendradas nos mistérios infames de não sei que lascivos e olvidados ritos ou que infernais liturgias, e se faziam assim cada vez mais desejadas, mais apetecidas, mais necessárias; e dentre elas — como num canteiro de flexuosas papoilas levantinas, dobradas ao peso dos túmidos novelos purpúreos em que florescem — traçar o altivo, puro jato, do lírio alvíssimo que foi o corpo insexuado da minha — única! — «Rosário», dulcíssima caçõila de perfumes onde se acoitava

a alma enxovalhada da rameira — como em adorado relicário um gás mefítico; corpo, que eu comprei, à viva força violado — o impudor da alma não sujeitara ainda o pejo da sua carne —, corpo mimoso e cheio como a rosa de cem folhas, por onde me integrei nas beatitudes de um incalculável gozo; descrever-lhe a consumpção dessas noites ao ardor duma pungente febre que, gulosa, nos fosforescia em lúbricas faíscas no olhar, ou languesciente, o encarvoava de vazias negridões, quando aos arrancos dos derradeiros espasmos os nervos se sepultam no lodo da saciedade; e — ao compassivo canto das violas, o acariciar das dolentes melodias que se tecem em brandas teias de harpejos abafados — as noites desveladas, noites sem descanso, no agoniar das quais se nos rompem os nervos rete-sados, com o desfalecer da consciência e o torvar do cérebro nos véus da incerteza gêmea da loucura, noites angustiadas, que nos vomitam para o dia, desamparados espectros — já à luz frouxa dos primeiros alvares, pela manhã que oscila levemente no céu deslavado e se adianta às revessas, trazida na imensa asa dum cisne branco...

Mas deixe-me cobrir de cinzas o rosto e a cabeça e, arrepelando-me, bater com fúria nestes peitos, para que me não doa tanto o corrosivo remorso de outras noites bem mais criminosas, lembradas ao travo, que mesmo agora me amaruja, de uns inocentes corações vilmente desflorados; noites singulares, noites de exaltação e de iniquidade, noites de toda a noite mas breves, mas ardentes, das quais uma só bastava à poluição da mais pura das almas puras, sorvendo-lhe a candidez e a castidade para a despenhar na depravação e na infâmia, já amortalhada nas dobras lívidas do fastio...; à violência de uma só noite mais eficaz do que o rondar de vidas inteiras, quando através do corpo trespassado nas mil puas do delicioso cilício da luxúria se vai para todo o sempre eivar uma alma que para todo o sempre ficou perdida. Devastou-se a ferro e fogo a espessíssima floresta, para que aos ouvidos da ninfa graciosa e cismadora que a habita chegue o dobre de finados, eternamente retumbando no bronze do nosso egoísmo.

Pois muito embora — que basta de impostura! — eu desejaria reviver os horrores voluptuosos de todas essas noites...

VI

Sevilha — janeiro

Mas não divaguemos, que muito diverso é agora o meu objetivo, quando toda a curiosidade de novo se concentra nas figurações excelentes onde se materializou a inspiração de tanto artista esquadrinhador e requintado.

E para melhor resumir, fugindo à dispersão, saborosa e habitual em quem recorda, imagino momentaneamente que lhe devia dirigir os passos — peregrino prazer quando não resvale da fantasia à realidade; aqui, nesta hora, até a sua afável presença me seria importuna. De resto V. não ignora que, se acontece porem-se dois amigos a correr mundo de conserva, breve se lhes mudará a afeição em ódio.

Imagino pois que o devia encaminhar nos giros deste atraente labirinto, e dele delinearei o breve roteiro.

A catedral é aquela aérea máquina gótica, abrolhada de vazados coruchéus que, amparando-se à esquinada torre árabe, e fortificada nos envolventes baluartes da Renascença — cujas maciças superfícies a arte plateresca cobriu de escudos e medalhões — se avista de muito longe, movente e recortada, ao de cima da flutuante casaria da cidade. Porque de longe e de toda a parte a imensa articulada máquina arremeda alguma fantasiada galera, levando a Giralda por mastro à popa e navegando em mar coalhado de batéis.

Ali o conduziria eu, caro amigo, como se fôssemos cumprir voto de peregrinação piedosa, tão depressa nos encontrássemos em Sevilha e ali tornaríamos todos os dias, tenha-o por certo, mesmo quando houvéssemos de permanecer meses e meses na capital andaluza.

Concebida e levantada pelos últimos moldes da arte gótica, em chão que sustivera o templo moiro, enfeitou-a — exteriormente — a arte italiana. Da antiga mesquita só pouparam a torre e a tímida ogiva que dá acesso ao Pátio das Laranjeiras. A conservação daquela velha torre, assim intacta nas suas arestas vivas, e ainda entalhada de geométricos labores, surpreende; o Pátio das Laranjeiras é recompensa falaz ao que a tímida ogiva prometia.

Das numerosas portas da basílica somente quatro, as mais pequenas, exigem a nossa atenção e isso graças, principalmente, aos altos-relevos das arquivoltas, obra esquisita, em barro cozido, de mestres florentinos e lombardos. Na *Adoração dos Pastores* da Porta de São Miguel, certa figura de turbante, rústica e risonha, que se adianta para o presépio, entranha-se-nos obstinadamente na memória e aí se fica a par das mais vibrantes criações da arte. Algumas imagens de santos, postas nas mísulas lavradas, ao abrigo de rendados dosseletes, embebem-se em profundas e pias meditações ou exprimem intensamente arroubos místicos. Com tão apurada arte lhes compuseram as atitudes que o próprio ceticismo as reputaria verosímeis ou naturais.

Por essa mesma porta entrávamos ao templo e o dia seria breve para lhe admirarmos, na majestosa vastidão, a harmonia das insólitas proporções e o milagre, mercê do qual as altíssimas abóbadas se sustêm na leve ramada que brota dos pilares, armando em feixes de hastes delicadas, de modo a deliciar a vista por engenhosas convergências e sucessivas euritmias.

Ao simples relancear de olhos no rápido exame de certos arranjos bem caracterizados, genuínos, da terra que pisamos, e embora o coração do templo — a capela-mor e o coro levantados no centro do cruzeiro — não resplandeça à semelhança de chama crepitante em vasta urna de cristal, como em Léon, ou pelo túmulo de figuras e ornatos, deslumbrante, estonteador, como em Toledo; ou joia de primorosos labores, complementar do mais adorável dos escrínios, como Burgos; ou jacente diadema recamado de esmaltes donde se erguem altivos e floridos tirsos, como Palência; ou círculo lanceolado de agudíssimas pontas guardando o mistério de uma cripta sagrada, como Barcelona; — ao simples relancear de olhos e rápido

exame do interior do templo, bem veríamos que este só poderia ser obra da devoção espanhola, tal é a insaciável exuberância da sua ornamentação, por vezes barbaramente pomposa mas sempre esplêndida.

Nesse primeiro dia, pois, consentiríamos que a imaginação se prendesse ou se dispersasse, absolutamente livre, nos contornos daquelas augustas naves, ao fundo das quais a luz chega trémula e desfeita, coada nas cambiantes dos vitrais, como pelas doiradas frondes de uma floresta milenária.

Essas mesmas vidraças proporcionariam à nossa visita do dia seguinte o gostoso tema para admiração e estudo de uma arte preciosa que, alcançando o último grau de excelência, se perdeu. Permutaríamos as nossas impressões na surpresa de ver refulgir as prestigiosas cenas bíblicas em pompas veridicamente orientais, mercê das gemas com que se enfeitam aqueles faustuosíssimos, translúcidos quadros.

Então passaríamos revista às grades que, obra de ferro batido, doirado, esmaltado, são também obra da fantasia espanhola, nunca atingida, nem por sombras, da arte dos outros países. E de tais prodígios é, por certo, esta igreja ótima parada. Começaríamos no altar-mor, pela cesta de vergas de ouro que o envolve, armando no ar em teias onde se prendem, ao amparo dos arabescos, mil diversas figurinhas; depois iríamos às capelas laterais, e como o acaso o desse, à arquivolta da Capela do Espírito Santo com a inflorescência extravagante dos apóstolos saindo, a meio corpo, dos cálices de fabulosos lírios; aos monstros mitológicos que emolduram certos medalhões nas grades que ladeiam a Porta de São Cristóvão; e à cena completa do enterro do Salvador, esboçada com a amplidão do génio, que se move no arco da Capela do Mariscal, e, sem preferência, às formas caprichosas que guardam a entrada de todas as demais capelas.

Viríamos depois um dia todo só para examinar as cadeiras do coro — hoje quase restituído da medonha, conhecida catástrofe que por pouco o não pulveriza e que eu, agora, para maior simplicidade, darei já como acabado de restaurar — as cadeiras do coro onde um formigueiro de figuras miudinhas ri e vive em cenas sempre diversas, mas como que dispostas na mesma incendiada realidade, por combinações ditadas ao sabor de uma arte imaginosa e superior, a qual, é certo, também arranca em voos insensatos para o desvairamento místico, e outros de nevrose, pelos domínios da magia, ou cruelmente satíricos e obscenos, assim aquela excedente página da desgrenhada mulher nua, que uma descomunal

serpente cerca e aperta em frenéticas roscas, ao passo que a vai sugando pelo... golpe sexual...

E como palpita a carne por essas formas apenas esboçadas que se aninham ou, leíssimamente, se encrespam nas molduras do facistol, qual um sonho gracioso do Miguel Ângelo — se ele o tivesse que a dor não baldasse!...

Logo acudiríamos às pinturas, ao gigante São Cristóvão que as dimensões da parede onde o puseram fazem aqui mais gigante do que em nenhuma outra parte e, a seus pés, aquele retábulo — toscano mas já repassado de funestas imaginações toledanas — no qual uma franzina princesa, toda formosura e mimo, sorri disfarçadamente, por entre lágrimas, junto ao corpo, putrefacto mas ainda estrelado de chagas vivas, do Cristo morto. Sobre essas chagas levanta ela as mãos diáfanas, flores que germinaram na pompa das mangas enfunadas do seu roupão de brocado, ao premer dos fios de pérolas que as estrangulam; mãos torneadas no âmbar pálido que eu vejo, nem sei porquê, mais erguidas pela noite fora ir seguindo a rotação da Lua, se um raio furtivo lhes vem afagar as doces palmas.

Outros velhos pintores espanhóis — à parte as «dolorosas» do Morales — tomam o colorido de Carpaccio em retábulos de madeira polilhada.

Mas só aqui será possível ver quem foi o admirável flamengo, Campaña, na sua grande obra *O Descimento da Cruz*, agora na sacristia nova, e nos retratos de donatários desse fascinador retábulo, da Capela do Mariscal.

Outro pintor raro, mas sevilhano, Luís Vargas, cujo temperamento reponta nas fórmulas clássicas que abraçou, tem aqui também a sua obra-prima, o quadro, celebrado, *Della Gamba*.

Do Murillo não direi hoje coisa alguma, que a sua lembrança, agora, me impacienta, mau grado o *Santo António de Pádua* e o *Anjo da Guarda* — tão graciosamente andaluz — e a *Imaculada* da Sala capitular, e tudo o mais que, dele, a catedral encerra. Esse por vezes delicioso mestre era cativo de um espírito plebeu e, usando de grosseiros recursos, em mira a gabos gregários, usurpou a fama dos consumadamente grandes: os Zurbarán, os Roelas... Mas louvaremos os recreativos frescos do Cepeda e louvaremos sobretudo esse pequeno quadro da Sacristia dos Cálices com o passamento de Nossa Senhora, cuja paternidade flutua, ao sabor dos expertos, dos píncaros do Dürer, para as cumeadas dos Van Eyck, permanecendo, inalterável e imperiosamente, absoluta obra-prima.

De caminho haveríamos de reparar nas esculturas santas entre as quais foi, por incontestável injustiça, assinalada a primazia ao *Crucificado* — quase de carne e osso — do Montañez, hoje na Sacristia dos Cálices. Este mestre, no benefício que soube tirar da sua arte, equiparou-se ao Murillo, mas, plagiário e intencionadamente, senão fundamentalmente achavascado, procurou assombrar o público soez por meio de transfusões duma realidade crua. Nelas frisou as raias do génio e, felicíssimo no êxito, durante vida e póstumo, até obscureceu a glória desse prodigioso Pedro Roldán, cuja obra capital resplandece nesta mesma basílica, mas ao fundo da despropositada Capela do Sagrario, onde arquitetura, ornamentação, tudo, enfim, se torna hostil a nervos que vibrem por sensações de arte.

Como se tratasse de escultura passaríamos à Sacristia Nova, acabada conceção plateresca e à qual este rótulo — «plateresco» —, mais aplicável a trabalhos de ourivesaria, cabe com extrema propriedade, pois nela tudo lembra, guardadas as proporções necessárias, as harmónicas fantasias que, primeiro, os grandes cinzeladores italianos se compraziam em repuxar e lavar nos metais preciosos. A abóbada é bem uma dessas celebradas salvas da Renascença, invertida sobre colunelos que dividem as paredes em quadros graciosamente ornados e vêm nascer aos lados das amplas cómodas de cedro entalhado onde se arrecada o melhor dos paramentos religiosos, mas tudo envolto em linhas e relevos que se completam e combinam para alcançar um conjunto de leveza, e suprema elegância.

A Sacristia Nova serve de arca às preciosidades sem número, e ao mesmo tempo raríssimas, que são o tesouro da catedral. A um canto o *Tenebrário* de Bartolomé, que é de bronze e deveria ser de oiro se outro metal não há mais estimado e digno das tão nobremente modeladas figuras que o enfeitam; em armário especial a *Custódia* afamada de João de Arfe, nome consagrado, sumidade que levantou ao zénite a ourivesaria; e, de todos os lados, toneladas de prata, mas afeiçoada em gomis, bandejas, cálices, cruces, castiçais, turíbulo, navetas, píxides, lanternas, tudo lavrado e repuxado e burilado e cinzelado, para de uma vez se fixar, até nas minudências que são do exclusivo domínio do microscópio, quanto a Flora e a Fauna da natureza, da imaginação e do sonho prestam às transfigurações da arte.

A coleção dos paramentos daria para meses de sério estudo; velhos brocados onde coalharam reflexos de carne moça, ou que se encrespam como a derme, ao estremecimento do calafrio, ou que se enrugam em pregas hirtas sob a lepra de oiro ocelada por infinitas gemas; outros tecidos

de incalculável vetustez, teias puídas onde mal se seguram miúdas flores naturais tão vivas ainda como na própria hora em que mãos de princesas as bordaram, à sombra de bizantinos claustros; uns véus de fio de prata estrelados de pepitas de oiro; entalhos de vivo maciço a guarnecer mantos de veludo, cada um dos quais dava para vestir de gala a dez imperatrizes; teorias de ternos bordados à mão, a froco, num mesmo estilo, com as imagens de todos os santos da corte do céu, para arrougar centenas de padres em determinadas funções; cláusulas de troçal e pérolas, rígidas e tiras de pé, como cascas duma inventada espécie de tartarugas; sendais multicores, de imponderável seda, que um sopro de criança agita e desfralda, desfranzindo-lhe no ar a superfície iluminada a castelos e leões heráldicos, assim o guião, peregrina relíquia, de el-rei Fernando, *o Santo*.

Mas o estranho resplendor desse tesouro jaz sobre o altar da sacristia, em um desvão que quase toma a parede de lado a lado, e se patenteia ao público, diariamente, a hora fixa, como de costume nas catedrais espanholas. Através dos límpidos cristais vê-se então mexer e reluzir todo um microcosmo de oiro, de esmaltes, de pedrarias. Muitas dessas joias consumiram a vida inteira do artista de génio que as engendrou; eu não tenho o génio necessário para as descrever...

Registrados que fossem estes primários retalhos e soltos nós, já, dos fios obrigatórios, penetraríamos deliciosamente à intimidade do monumento por visitas que outra bússola não tivessem além do capricho e do acaso.

São inúmeras as capelas que, por não oferecerem particularidades tão principais, nem por isso merecem menor atenção; acharíamos maravilhas, ainda não maculadas pelo louvor de assalariados charlatães, ali, naquelas pequeninas igrejas, reduções da grande basílica, em alvéolos que, à semelhança dela, nas minguidas proporções, encerram altares, tribunas, criptas, sacristias e coros.

E, já de vez para os passeios contemplativos, voltaríamos a miúdo errar, descansar, viver, na majestade das assombrosas naves.

Principiaria então o embevecimento. Tal recanto ignorado despertará inesperadamente, borbulhando formas desusadas, ao clarão de uma madrugada radiante que se filtrou nos cristais matizados das janelas; em certos dias e ainda ao sabor de determinadas claridades, o oiro, tão prodigamente esparso, que envelheceu nas trevas de uns altares cavados no coração dos muros, refulgirá a modo de prodígio e povoará essas cavernas de sumptuosas quimeras; nos imensos panos das vidraças ressurgirão

teorias de personagens magníficos, descolando-se à intorção de uma luz propícia; haverá nelas transparências astrais e horrores de poentes e uma vida misteriosa que agite em cambiantes os protagonistas daquelas cenas... Recrudescerá o vigor — a leal firmeza — na disposição das grades, nos truculentos ímpetos com que respondem às investidas dos crepúsculos noturnos, arremetendo contra a sombra nas pontas triangulares, nos cardos de ferro, nas macetas ouriçadas de paus, agressivos remates das suas lanças, congregando-se em cerradas fileiras, à entrada das capelas — alabardeiros gigantes, de guarda a tesouros de magos... Desfalecerão as cores, a certas horas de encantamento, vencidas pelo arrojo das linhas que se encurvam aereamente; a população microscópica, que gorgulha no coro, engrossará e tomar-nos-á posse da imaginação; pela Sacristia Nova acometeremos a realidade do que era fabuloso n'As *Mil e Uma Noites*.

Por fim estabeleceremos morada ali, naquela catedral; fora dela, terra de estranhos, casas de vizinhos. Tal o palácio por que anseia a pomposa loucura da nossa fantasia!

E eu sei o que vale viver assim, digno da inveja de príncipes e de reis...

Mas para integrar o gozo urgia viver ali também de noite. O que pesará então o silêncio daquelas naves, e a deslumbrante princesa da velha *pietà* espanhola, se estremeçerá ela quando um raio furtivo da Lua, decantado nos olhos de ametista dalgum Salomão fulvo que se estadeia nas vidraças, lhe vier afagar as palmas das mãos ambarinas...

VII

Sevilha — janeiro

Por pouco me não engasgo com a inchada exposição de belezas atrás especificadas, no recheio da catedral de Sevilha. Não confeíçoei ainda xaropada assim tão grossa e não era eu que engolia semelhante medicina, quando fossem outras as mãos que — à mesa do espírito — ma propinassem...

Oh supremo fastio de «descrever»!

Muito boa boca terá V. se a droga lhe chegar ao estômago sem náusea...

Que, afinal, eu fui «descriptor» puxado pelas minhas excelentes intenções e relacionando quanto a mocidade portuguesa perde em não vir aqui «tentear» o que seja arte, visto não ter havido em toda a Península mais acendido centro artístico do que este; e à nossa nativa indigência bem conviria ver a coisa em termos de proporcionar fomento à fantasia que se nos vai ressequindo.

Esses jovens lisbonenses, ou portuenses, ou bracarenses, ou o que sejam, aqui vêm, nas Semanas Santas mas para dar ensanchas à pândega indígena, liando, no decorrer dos breves dias, os deleites dos gineceus àqueles igualmente acirrantes da praça de toiros, e apenas conseguem — na obra da civilização — iberizar a sífilis.

Bem prevenido desejaria eu conclamar o que aqui há de sublime ou pitoresco a par dos regalos sensuais — não para condenação destes — e no tentâmen de caracterizar quase encetei um «guia oficial» que me

entenebreceria a existência, nos emaranhados crepes do aborrecimento, se porventura porfiasse em o levar a cabo, correndo todas estas igrejas e palácios.



Mas sem refrançar: à inexperta juventude portuguesa tão bem como à prudente, sagaz, velhice lusitana, conviria servir-se desta vizinhança afagosa para efetuar surtidas contra a envolvente estupidez e, fora das suas redomas — os pequeninos aquários onde luzem as suas gracinhas —, dar realidade aos domínios, hoje apenas ilusórios, da estética cujas culturas, à míngua de adubo conveniente, mal conseguem transformar em forragem vergonhosa.

Daí resulta a farta insipidez dos nossos predestinados mestres e cavilosos psicólogos, em todos os variadíssimos ramos da Arte.

E não será para lamentar que tão extremadas aptidões — assim as há, sem dúvida — andem às marradas de encontro a meras sombras? Cá fora, ao menos, os críticos saem ao redondel para escoucinar as corpóreas revelações plásticas e à força de lhes assentarem nos peitos as marcas das ferraduras conseguem por vezes fazê-las verter sangue, provando que esses produtos da inteligência também podem encarnar.

Na pátria nossa parecem andar as coisas tão torcidas que até se comentam e falseiam obras literárias por glosas e deturpações de segunda e terceira mão, como nesses dois espeques, o Schiller e o Goethe, indispensáveis ao acrobatismo prefacial de livrinhos de versos, onde eles devem figurar com a oportunidade de Pilatos no Credo.

O que admira então ver a quem nem por fotografias conhece a Sacristia Nova de São Lourenço, ou a abóbada da Capela Sistina, andar aos boléus com o desgraçado Miguel Ângelo, só porque certos fantasistas obnoxios abriram coroa nos falos de cantaria, a que nós chamamos «frades de esquina», e desrespeitosissimamente os trazem a público, como características imagens de um São Gonçalo ou de um São Gil?

Há gravosa desproporção em tudo isto, pois não há?

E pior ainda quando os críticos se pranteiam sobre as glórias passadas...

Pode paralelamente vir aqui à balha a menina que dizia: «Vai má mês pra nós, mana, morreu-nos o nosso pai e agora a mula não mija...»



Sevilha é um muito completo e bem comentado livro de arte, luminoso em todas as suas páginas, de fácil compreensão e, por vezes, profundamente sentido, a ponto de satisfazer as mais nobres exigências estéticas em capítulos que não foram reproduzidos ou arremedados: o austero, extático e expressivo *São Jerónimo* do Torrijano, de onde se derivou toda uma levantada escola de escultura; as pinturas do Zurbarán cuja eloquência segreda maravilhas espirituais, que são iniciações de natureza divina; a portada de Santa Paula, imorredoura na fragilidade do barro, ornada e esmaltada qual a ampliação de um amuleto ritual dos sacerdotes de Karnak; e as rajadas de harmonias trazidas das tragédias cósmicas para encarecer a paixão do Cristo com que o nosso padre Guerreiro, mestre de capela da catedral, nas suas composições musicais se antecipou quase três séculos aos desvariados arrojados dos maestros atuais.

Para cortejo à catedral pululam nesta cidade igrejas — muitas incondicionalmente merecedoras de admiração e exigindo minucioso estudo, tais a da Universidade, de Sant’Ana, da Caridade — onde sempre algum surpreendente detalhe serve de preciosa lição artística.

Não cansa ir em busca destas igrejas porque o aspeto das ruas é, aqui, limitadamente variado e atraente, emaranhando-se ainda nas mesmas civilizações traçadas pelos moiros e que hoje apenas se reproduzem, assim empedradas, em volta dos bazares naquelas já raríssimas cidades levantiscas onde foi vedado ao Europeu sapor à vontade. Ruas tortuosas e estreitas e que a miúdo mais se adelgaçam, entre paredes altas de prédios cujos telhados cabecearam até se juntarem para intercetar a luz do dia, a qual, por fim, sempre coa pelas portadas das casas, alumando suficientemente do interior dos pátios, vastos estes e cercados de galerias à moda árabe.

Estes pátios que, cenários encantadores, lindamente adornados de plantas verdes, desafogam da estreiteza das ruas e dão ao transeunte o risonho espetáculo dos seus vistosos quadros, fácil é povoá-los convenientemente, acomodando em redor do fio de água que repuxa no tanque de mármore e cai sobre as lájeas, familiar, esperto e sonoro, grupos de airosas raparigas e com elas a animação, a vida, o doído canto andaluz e os movimentos rítmicos da orquéstica espanhola.

O canto é qualificadamente triste e parece detalhar as mágoas de uma alma namorada ao despedir-se de tudo quanto amou.

O anelo daquelas danças que atraem, juntam, separam dois corpos, de leves alados quase, na tangente infrangível de um desejo nunca satisfeito, denuncia origens sagradas e imprime a dignidade própria do sacerdócio a quem as executa com paixão. É uma arte capaz de enobrecer cenas de intimidade caseira.



A par da arte que modula os movimentos do corpo humano, outra se aperfeiçoou aqui, vinda também do Levante, de uma expressão admirável, ritmando especialmente o esplendor das cores em sumptuosas sinfonias murais: a cerâmica.

A indústria espanhola — rival da italiana — robusteceu e fecundou os elementos árabes por livres ampliações, às quais o arrojo — o desacato — só acrescentou diversidade e brilho, sem prejuízo do mimo, de uma certa graça melindrosa que é peculiar a esta arte.

Convém não perder em Sevilha o ensejo de observar a magnificência das antigas tapeçarias de azulejos, tão profusamente colgadas nas paredes dos palácios, das igrejas, dos conventos.

Por vezes de uma tonalidade amortecida, quando expostas à luz crua no ar livre dos pátios e das varandas, sensibilizam-se de líquidos esmaltes no fausto das antecâmaras e dos salões, cintilam na penumbra das alcovas e quase crepitam, revogando as leis naturais, para denunciar a sua presença nas trevas dos santuários e das criptas.

Na pequenina e arruinada capela, agora ao abandono, da Casa de las Dueñas o frontal do altar é de oiro flavescente que se alaranja como um céu de aurora, no seio de topázios esvaídos; visto um pouco mais de lado craveja-se de esmeraldas refulgindo no fundo das águas puríssimas de uma gruta marinha; do ponto oposto veem-se-lhe os leves desenhos gris e simétricos avultar, como aplicações de veludo na superfície gelada e lisa de um cetim acobreado.



Coincidência milagrosa: por Espanha abundam as ruínas romanas, templos, anfiteatros, aquedutos, necrópoles; os supremos monumentos sarracenos ficaram encravados no seu solo, a par das graciosas construções bizantinas, de tão miúda estrutura e tão cinzeladas, estas, que foram modelos consagrados para sacrários; o período gótico petrificou a sua ansiosa aspiração mística, a poesia das suas crenças, o desvario das suas imaginações, a ingenuidade do seu sentir, em cem catedrais gigantescas, rainhas do enxame de igrejas e capelas, floridas nas infinitas variações do mesmo estilo, que ilustram a nação inteira; ao remodelar as fórmulas clássicas, os Italianos mandaram para aqui do melhor e mais esquisito que inventaram, sementes para novas, muito mais livres, atrevidas, pujantes fantasias: a renascença espanhola tomou carácter e moldes particulares, divulgando-se nos requintes de ornamentação inconfundível com que todo o país ainda hoje se enfeita.

A majestade augusta das múltiplas arcadas sobrepostas do Aqueduto de Segóvia, a obra de magia por onde se inflorou esse visionado paço de Sultanas, a Alhambra, os alvéolos arrendados do claustro de Ripoll; o ideal dos palácios satisfeito em Salamanca para glória dos Montrey de quem tomou o nome, exemplares de beleza peregrina que baldam quantos esforços a imaginação ponha em os aperfeiçoar, estão longe de Sevilha, mas aqui, nas vastas ruínas da Italica, nas sumptuosidades orientais do Alcazar, nos platerescos labores do Palácio Municipal e, nas infinitas divisões desse inexplorável universo, a catedral, fácil é topar com subsídios suficientes ao conhecimento acabado do que a arte produziu em volta do Mediterrâneo, ou seja no mundo civilizado, depois da vinda do Cristo.

Sevilha é dos mais bem ajustados compêndios que existem da «Arte através das idades modernas».



(Entre parênteses observar-lhe-ei sem exagerada modéstia que os parágrafos findos, todos em cicloides de eloquência, bem poderiam

pertencer à mortalha do ilustre Dom Emílio; pois sejam eles mais uma «palma de homenagem» que a minha admiração depõe no panteão das glórias espanholas.)



Por tanto motivo ponderável é que me não canso de repetir: deveria ser Sevilha o escopo das romarias estéticas dos nossos patricios.

Mas aproveitariam eles mais quando aqui viessem dispostos a «ver» do que quando vêm exclusivamente decididos a «gozar»?

Aqueles que respiram e vivem em atmosfera assim carregada de tão sugestivos elementos, os mesmos Sevilhanos pouco lucram. Insensíveis à incitação instantânea para investigar das suas curiosidades históricas nas próprias pedras que pisam; indiferentes à poesia de um inesgotável manancial de lendas varonis e romances divinamente fantasiados, herança do seu passado heroico e aventuroso; alheios à intrínseca estimação que requerem as manifestações tão patentes da solitudine artística dos seus antepassados, mais parecem frutos pecos pendentes por fios de guita de uma árvore que o seu peso esteriliza.

À sua lembrança ocorre-me repetir o dito de certos gaiatos que matraqueavam um pobre companheiro cujo pai morrera de mal bruto: «De teu pai só herdaste o bruto.»

E porque os não havemos de considerar libertos da tradição importuna?

Tal velhinho teso e seco como boneco de sabugo; o redenhoso, refoucinhado notário cujo vozeirão soa fundíssimo e parece, derivado dos calcanhares, arrastar para fora as trovoadas intestinais; o cavalheiro importante e pisa-mansinho, que passa coleando como um cisne; o saracotear das esculturais nádegas dos toureiros, quando não parece que as levam em andores — a vaidade da beleza plástica, no homem, é talvez o único ridículo de que ele não conseguirá libertar-se —, tudo ressuma pitoresco «natural» e espontâneo, não inspirado nos ancestrais ensinamentos.

As damas, em sua apregoada formosura, tão-pouco plagiam os modelos que lhes legaram, à laia de figurinos, os mestres da pintura. Deixam desenvolver livremente a ucharia das suas formas até ao acume da monstruosidade, perturbando e empecendo a circulação por estas ruazinhas

estreitas. Assim aquela senhora que, há pouco, trancava a Calle Martin Villa, obrigando a retroceder quem em sentido contrário vinha.

Que mulher! Que assombrosa mole! Que roda de saia, que volume de ventre, que dimensões de pousadeiro, forte, circular, pomposo como a popa de uma galeota holandesa! Um sinal pardo que lhe crescia na face esquerda tinha traça de verruga férrea, desvio de blindagem, ou quando menos insígnia, distintivo de petrecho guerreiro. Era mulher apropriada a exercícios ou manobras alpinas; de se marinhar pelas obras da frente e descer pelas traseiras com o auxílio de cordas de nós e escadas de incêndio.

Para acudir a tudo isto, penso eu, exibem os chupados indígenas do sexo forte, no sítio próprio, como em idóneo escaparate, volumes que, talvez, também artefactos de embusteiros, excedem o pão de trinta réis, torcido em forma de arrocho, com o qual certo pintor parisiense de grande fama aumentava a freguesia, enfeitando-se quando tinha de retratar, estando presente o modelo, alguma dama de alta jerarquia.

Verdadeiramente os nossos patrícios bem fazem em impregnar o sentido de volições didáticas, todas adequadas ao campo dessa ciência especial, se aqui vêm; e nestas manhas são eles excelentes mestres. E por vezes ainda mais industriosos quando inutilizados, tal um velho mendigo lá da minha terra que punha toda a sua complacência em exhibir a enorme potra que o afligia e assim invocava frutuamente a caridade pública.

VIII

Sevilha — janeiro

Esta carta, meu amigo, que destoa pela sua intenção moralista do evidente amoralismo de todas as outras, deveria epigrafar-se «Dia cheio, ou Carnalidade e misticismo, ou Festa de santos imortais e de mortais pecadores», se porventura eu a destinasse a fornecer entrecho a alguma zarzuela da moda atual como a «Verbena de la Paloma, ó el boticario y las chulapas, ó zelos mal reprimidos». Mas como seja uma simples e despretensiosa carta a ensartar na larga coleção que lhe destino, caro amigo, baralhe-a V. com as outras e perdoe-me se a escabrosidade do assunto o impacientar, encrespando-lhe os nervos.

Deus escreve direito por linhas tortas, estatuiu a sabedoria dos povos, e não me pareceu indigno de registo ver num só dia, pelo trabalho afanoso de um Alcibiades andaluz, desmascarar a gelada hipocrisia sacerdotal e humilhar a insolente prosápia triunfante.

Hoje foi de soleníssima festa na catedral, a que eu concorri, como incansável curioso de espetáculos grandiosos, e verdadeiramente em toda a cristandade não existe qualquer outro templo mais bem apetrechado do que este, ou que melhor se preste ao desdobrar da sumptuosa liturgia católica. Dentro dele a alma do crente deverá ampliar-se, ascendendo às alturas a que paira o céu das assombrosas naves, com inexcedível sensação de orgulho, sobretudo se diante dos seus olhos encandeados passam teorias

de ministros divinos faiscando oiro e pedraria, e a seus ouvidos atónitos chega o reboar das tempestuosas harmonias desencadeadas pelo órgão.

Hoje cantava-se uma infundável missa de pontifical a que assistiam inúmeros cavalheiros de oficial importância, esses inconfundíveis aspirantes a estadistas que em Espanha se distinguem dos outros mortais pelo seu perfil de chocolateira — com o bico invertido — e são ultradecorativos.

O cabido estava completo, com basta comparsaria de frades, clérigos de outras freguesias, seminaristas, sacristães, e os «seices» — meninos de coro escolhidos pela cristalina pureza das suas vozes, com que lançam ao céu agudíssimas preces, no timbre da cotovia saudando o sol.

A certa altura da missa o cabido passou à sacristia nova e saindo a breve trecho, em vestes apropriadas ao rito, deu lenta e processionalmente volta ao templo, solfejando cantochão com acompanhamento de trombone e fagote. Era sem dúvida um espetáculo bárbaro, mas imponentíssimo, o dessa turba ondulando em damascos brancos, a nasalar o mal entoado latim, pela vastidão daquelas dilatadíssimas naves. Todo o vestuário, feito a propósito para servir somente no dia de hoje, se compõe de peças maravilhosamente ricas; a todas sobrelevam os pluviais que descem, despejando-se dos ombros dos cónegos, e atufando em fartíssimas rodas, com a macieza de caudas de pavões brancos ligadas umas às outras por sabastos iluminados a troco de cores vivíssimas.

Dois «seices» abrem caminho agitando no ar duas hastes de prata doirada a cuja extremidade, em guisa de castiçais, se prendem dois anjos de asas abertas segurando na mão direita uma pequenina vela acesa — anjos que parecem dançar sobre as veneráveis cabeças do cabido com movimentos desordenados e cómicos de «bonecos de cachamorrada».

No coice da procissão, mirrado, mumificado, quase espectral, caminha o arcebispo, vergando ao peso da mitra deslumbrante, onde a luz cintila ardentemente nas pedras facetadas, e nos grossos cabochões de rubi penetra e estagna como se desse em ampolas de sangue vivo... A expressão do seu rosto é angustiosa, na aparente impassibilidade que lhe aperfeiçoa a admirável máscara de ascetismo e orgulho; dir-se-ia que não é ao peso da preciosa mitra que ele inclina sobre o peito a cabeça descarnada, mas à consciência dos infinitamente múltiplos pecados humanos, a que em pensamento vai acudindo com pavorosas e eficazes penas. O fulgor dos seus olhos desmente a humilíssima curva dos lábios entreabertos à prece e a dor resignada que as suas feições traduzem. O seu olhar mede a altura fantástica

das naves em cujo recinto impera e lança-o talvez à convicção histórica de uma grandeza e de um poder ilimitados, e esse olhar, quando poisa na comparsaria grosseira e indiferente que lhe compõe o séquito, dardeja uma chama bem mais intensa do que a pedraria da sua rutilante mitra...

A procissão regressa à sacristia, onde alguns cônegos largam os pluviais e outros se paramentam de novos adornos, dirigindo-se, depois, à capela-mor a reatar a missa.

No entanto eu vou alternando, com o espetáculo que oferecem as várias fases da festividade, aquele, não menos estimulante, dos pequeninos mas sempre curiosos sucessos que ocorrem por outros pontos do templo. É a hora de maior afluência de turistas impertinentes, e devotos provincianos pasmadiços.

Cativam-me duas misses de rara esbelteza que entrevejo para os lados da Capela do Mariscal; vão fugindo quase e os seus corpos, que os vestidos claros modelam exatamente, atravessam a perspectiva das altas colunas numa penumbra de bosque com a desembaraçada agilidade provável nas companheiras de Diana. Vou-lhes ao encontro ao tempo em que elas, com ares de tentadoras de Santo Antão, haviam prendido pelos braços um velho sacrista e o arrastavam não sei para onde. Mas o velho resiste e, acenando a outro sacristão que é novo, lesto e possante — espécie de toureiro em vestes talares —, endossa-lhas, esconjurando-as de heréticas e desabusadas.

O outro não se atemoriza e lá as leva a reboque, desaparecendo, sem demora, nos recessos da sala capitular. Essas misses arrojadas, que riem despejadamente, pertencem decerto à grande congregação das orbículas donzelas subterrâneas, que passam a vida explorando quantas cavernas prometem passagem para o Inferno. É seu principal campo de ação o Egito, abundantíssimo de vastos e tenebrosos hipogeus, e têm por imprescindível galardão o haver sofrido, sob a monstruosidade das grandes pirâmides, as violências libidinosas de uma tribo completa de camelieiros de Gizé...

Detenho-me a contemplar o vitral da *Humildade*: a água da selha onde o Cristo lava os pés aos discípulos é de uma tão flagrante realidade! Mas embelezadora a santa princesa que, no alto da janela, suspensa em viçosa moldura de flores e frutos, varre a cela com uma vassoura de palma, transmutada em oiro pelo prodígio da luz.

Nos outros vitrais que narram a vida do Cristo, a sua túnica, solta, conserva a cor vermelha na gama dos tons mais ricos e profundos: púrpura

escarlate, carmesim cristalino, laca de cochonilha e ruivo alaranjado; só aqui, no vitral da *Humildade*, é que a pintaram roxa e apertada na cinta por uma alvíssima toalha de compridas franjas...

Eu penso nas misteriosas leis esotéricas a que obedeceu a escolha dessas cores e, já preso de um começo de sonolência, entro à obscura Capela da Verónica, sentando-me num largo banco de veludo, com pregaria de cobre, cuja espalda inclinada parece convidar-me à meditação e ao repouso.

Será sacrílego e absurdo, mas é sobretudo verdadeiro, que eu não haja ainda encontrado nem remanso de bosque umbroso, nem serena perspectiva marítima, onde possa dormir tão gostosamente a minha sesta como dentro de ampla catedral gótica, nalgum rincão trevoso, donde mal se oia o refferer do órgão ou o salmodiar do coro...

O banco é de uma comodidade abacial e eu, sem demora, tosquenejo, meio enlevado em sonho que já se esboça, quando reparo num cónego corpulento e negríssimo que vem direito à capela, perscrutando agudamente de longe, como quem procurasse divisar alguém dentro dela.

Lobriga-me através das grades, mas, certamente, não reconhecendo no meu vulto a pessoa que buscava, entra despreocupado, abre a portinha da sacristia que fica à direita do altar e que logo fecha, batendo com a mão na testa como se alguma coisa indispensável lhe houvesse esquecido, retrocede e, sempre afetando não me ver, deixa a capela, dirigindo-se para o cruzeiro.

Ele não deu por mim, mas eu é que o reconheci por uma das mais sinistras vestais da pulcritude católica, havendo-o visto, nas Semanas Santas, de sentinela à Porta de São Miguel, velando por que fêmea alguma penetre ao sagrado recinto de cabeça descoberta e expulsando, com esgares de energúmeno, as raparigas que ousavam aproximar-se em cabelo. Sucedendo uma vez que certa mocinha pequena escapara à sua vigilância de lince e caminhava pela nave fora, ele correu sobre ela, arrancou-lhe do penteado o lindo cravo que o ornava, e, levantando-lhe brutaemente as sainhas, com elas lhe tapou a cabeça, deixando-a transida de medo e lavada em pranto, a fugir com o rabinho à vela...

Não decorrera um quarto de hora após a passagem do cónego pela capela onde eu continuava dormitando quando assoma às grades e, desenvolto, as transpõe, indo bater à porta da sacristia, um forte rapaz dos seus 18 anos, muito elegante no traje de chulo que lhe realçava a ambígua plástica apolínea, escandalosamente. É, nas feições, o tipo dos arcanjos

que os grandes pintores sevilhanos puseram nos quadros da Anunciação: imberbe, tez mate, cabelo negro e anelado, grandes olhos aveludados, de lânguida expressão amorosa.

Não há que duvidar: hoje de manhã cedo, quando voltava do banho, foi este mesmo efebo que encontrei, num desalinho de noite mal passada, saindo dos aposentos do mais conspícuo dos meus companheiros de hotel, o príncipe de R., considerável personagem de uma corte do Norte, ao que se diz favorito do próprio soberano e seu conselheiro íntimo.

O efebo, como encontrasse a porta da sacristia fechada, bateu o pé com impaciência infantil e relanceando-me o olhar provocante foi-se pela igreja fora, na volta da abside.

No entanto a missa ia seguindo o seu curso sonoro e redundante — devia ser obra do romântico Eslava — com imoderados transportes, oceânicos andantes, arroubos seráficos e jaculatórias exaltações, até que se fez o silêncio peculiar da pausa para o sermão.

Sermão espanhol é regalo que não perco, se a festividade a que assisto a ele é obrigada, pois o enfatismo serpentino, eriçado de vociferações, que fornece a base principal à parenética dos nossos vizinhos, desopila-me eficazmente, em guisa de aperitivo. Corri, apressado e ansioso de fruir a gratuita lição higiênica, para os pés do púlpito, mas o orador, longe de corresponder à minha esperança, frustrou-a. Fazia ele o panegírico do santo festejado com fastidiosa simplicidade jesuítica, descaindo especiosamente em descolorida homilia.

Abandonei-o para voltar ao enlevo do templo e, querendo tornar a minha retirada mais airosa e menos reparada, ali logo ao pé me fiquei a contemplar a linda pintura de Alonso Cano, que está no retábulo da capela ou altar da Nossa Senhora de Belém e representa a Virgem a meio corpo com o Menino Jesus nos braços. Que formosa obra de arte, esta! Arte viril e humana, que não exclui nem delicadeza nem poesia e brada aqui bem alto contra as mais louvadas mas delambidas e açucaradas virgens de Murillo.

Depois meti-me na Capela do Espírito Santo e com indizível surpresa descubro ali um excelente retábulo de loiça esmaltada, terracota robbiana cujos personagens são característicos, reais, individualizados, como raramente sucede encontrar-se nas obras daquela família de escultores. E a moldura, como sempre, entrançando pomos e flores de uma frescura pasmosa.

Como é que eu não dera ainda por esta obra-prima? Conquanto me não envaideça a pretensão de trazer na memória o catálogo artístico da catedral, o trabalho em questão é de tão alto valor e encontra-se em lugar tão evidente que me vexa havê-lo descoberto só agora.

Dirijo-me à Contaduría Mayor, onde conheço um empregado que é inexaurível fonte de informação e me explica a recente proveniência do, com efeito, autêntico Della Robbia, oferta anónima de uma senhora que o anonimato não reservou de ser conhecida, e reputada igualmente rica e devota.

Refiz-me do leve sobressalto — embora isto se lhe afigure pueril, devo confessar quanto me custava conformar-me com a ideia de que as obras-primas já me passavam pelos olhos despercebidas — e voltei à Capela da Verónica a retomar o meu posto, decidido, desta feita, a dormir uma sesta igual pelo menos à duração da prédica. Mas tudo conspirava hoje para me atalhar o sono. Instalado na parte mais obscura do comprido banco, oiço o ciciar de vozes na sacristia — cuja porta estava entreaberta —, ciciar de um tom especialíssimo que muito particularmente me impressiona...

Umhas pregas de saia violeta, que oscilam a espaços diante da porta, revelam-me a presença do cónego mas nada se divisa do seu interlocutor.

Falam muito baixinho, com largas interrupções, e durante uma delas o cónego assoma, pela abertura da porta, a cabeça de perfil, mas de modo que o sítio onde eu estou escapa ao seu campo de visão oblíqua. Recolhe-se e então faz-se um silêncio mais largo, que pareceu estender-se ao resto do templo. Terminava o sermão; as naves, de repente, ecoaram passos de multidão que se dispersa e logo as vozes do órgão reboaram majestosamente.

Na pequena sacristia da capela esse ruído repercutiu-se numa espécie de sapateado; em seguida o efebo, que outro não era o companheiro do cónego, mostra o rosto risonho e desusadamente vermelho, recolhe-se por instantes e reaparece, abrindo a porta de par em par, seguido do cónego que a fecha e cai em êxtase diante do altar.

O rapaz atravessa a capela sem nenhuma hesitação, lançando-me, na passagem, um incitante olhar profissional, e desaparece. Após breve mas fervente prece, o cónego levanta-se; está cor de betume, com olheiras de tisma, e arrasta penosamente os pés, como se eles fossem de chumbo, parando a curtos intervalos para inspecionar as biqueiras dos sapatos. Em frente à Capela Real tem uma súbita genuflexão que o prostra sobre as lárjeas com violência de síncope. Duas beatas correm em seu auxílio,

mas ele tranquiliza-as, dando-lhes saraivadas bênçãos, ergue-se a custo e lentamente, hirtó, dominando a ameaça da ataxia, coa-se pelas paredes da capela-mor e some-se. E eu, livre de empeços e cuidados, mergulho no sono dos justos.

Sonho que estamos em abril e a cidade rescende aos perfumes combinados da flor da acácia e da laranjeira, como realmente sucede quando é abril em Sevilha; tudo floresce e nos jardins de São Telmo as palmeiras, invadidas pelas glicínias, cujos cachos cor de lilás lhes toucam as cabeleiras verde-negras, ajuntam ao concerto de aromas a sua nota especial e suavíssima.

Acordo admiravelmente bem-disposto e como tenha já acabado a missa resolvo ir passar o resto da tarde no Parque Maria Luísa.

O dia continua lindo, mas na rua depressa me convenço de que não estamos em abril; o perfume dominante é a combinação do cheiro de jacintos e de azeite rancento frito, peculiar do urbano inverno andaluz.

Para encurtar tomo pelos fossos da fábrica do tabaco; à esquina de São Telmo reparo numa elegantíssima vitória vazia, cujos lacaios riem ruidosamente, como que a comentar algum caso picaresco. Mais adiante, em ponto de nenhuma concorrência habitual e agora deserto de transeuntes, quem imagina V. que se me depara novamente? O efebo do hotel e da igreja, a quem um nobre cavalheiro de meia-idade, e expressão entre magoada e vexada, entrega duas notas de banco, depois de as haver agitado no ar à laia de quem dissesse: «São as últimas que me apanhas...» O Antínoo, porém, muito senhor de si, responde-lhe com riso escarninho...

O nobre cavalheiro é o dono da vitória vazia e o mesmo que todas as tardes eu vejo chegar à hora elegante do Passeio das Delícias, rressupino nas brandas almofadas do seu coche, vencido ao peso da sua infinita importância, da sua piramidal aristocracia, da sua incalculável riqueza, o olhar desdenhoso e apagado, os braços pendentes e as pernas cruzadas, mas mortas. É o mesmo que sempre que avista alguma dama da sua jerarquia e amizade manda parar o seu trem e, como que galvanizado pelo *odore di femina*, apeia-se lestage e vai para ela aos pulinhos, sacudindo as rotundas pousadeiras, mas de cabeça erguida, com soberba altanaria, destemido, enfunado, ovante...

Cádiz — fevereiro

Deixei-me ficar, esquecido, todo o mês de janeiro, em Sevilha, não a passear um galo, como há quem julgue ser ocupação minha favorita, mas a tomar sol, conquanto invejoso daqueles que realmente vivem de passear galos, chupando cigarrinhos e repimpendo-se no sabor das fortunas e venturas que lhes hão de trazer as quiméricas vitórias dessas aves, nas lutas tão estimadas do público sevilhano.

As manhãs na catedral ou no museu; as tardes nas Delícias — jardim rescendente, paraíso de Mafoma que a tarde povoa de huris obesas — e dois passeios fora de portas: Alcalá e Carmona.

Alcalá é o rebanho do casario caiado andaluz a trepar na encosta íngreme de uma alta colina; guardam-no as ruínas do formidável castelo, cujos torreões espreitam todo o horizonte em volta; uma ribeira melancólica, o Guadaira, serpenteia ao fundo do vale, por cantos mimosos de paisagem, que os pintores de Sevilha celebram.

A cidade acastelada de Carmona coroa outra colina mais levantada que a de Alcalá e serve de peanha ao alcácer ainda orgulhoso na deformidade das suas ruínas, cuja grandeza se abalou, por certo, nalgum estremecimento da terra. É uma povoação silenciosa, habitada por lavradores e beatas, onde superabundam as igrejas faustuosas. As ruas animam um quase nada ao cair da tarde, quando os lavradores voltam do campo e o estrupido

dos cavalos chama às janelas as meninas curiosas ou namoradas. Lindos são os ginetes que eles montam com as pernas encolhidas nos estribos curtos, à maneira árabe. Depois ouvem-se as fontes a cantar, abundantes e solitárias, junto das portas monumentais, que defendem a cidade contra todas as turbulências do progresso.

A tarde da minha saída de Sevilha era tépida que nem de primavera; perto da estação cantava-se e bailava-se. O comboio silvou, festivo, e meteu por entre pomares de laranjeiras em flor que tapavam o horizonte; só a catedral aparecia, armando longe, no esmalte do céu, os cardos dos seus coruchéus. Mas depressa a paisagem se limpou do arvoredado e, suavemente, por colinas abatidas e várzeas infinitas, ondulou até Jerez.

A cidade do bom vinho não encerra maravilhas. Algumas igrejas pequenas, de escrupuloso gótico. Mas a fachada do Cabildo Viejo e os seus truculentos grupos — de inspiração naturalista, pelos moldes da renascença alemã — acendem no espírito uma desacostumada surpresa que se raciocina gostosamente.

Fora de portas as ruínas da Cartuxa, vastíssimas e confusas. Todo o claustro grande desfeito, gasto; pulverizado em parte, ou mero esboço do que foi. O refeitório, ainda intacto nas suas linhas do mais nu ogival, tem a desacatar-lhe o aspeto austero a estouvada ornamentação dum púlpito plateresco, e o claustro pequeno, de arquitetura florente e grácil como a ampliação de um canteiro de lírios desabrochados, por tal modo o roeu a carcoma, sem lhe tocar nas tenuíssimas nervuras, que a sua existência parece prodígio de cenografia.

De Jerez a Cádiz vai uma hora de caminho, passando ao lado das extensas salinas de Puerto de Santa Maria, espécie de Mênfis com as pirâmides caídas, e Puerto Real, povoação risonha onde se pressente que as ruas vão dar alegremente ao mar, o que deve ser a suprema consolação duma rua...

A vaporosa Cádiz das manhãs claras, cuja mancha rosada fascina o viajante na derrota do Estreito, é uma cidade horrorosamente triste. Cercada de muralhas às quais o mar arremete raivoso e lamentoso, açoitada dos ventos, imóvel na perpétua agitação da água, atulhada de altíssimos prédios inexpressivos e mortas alvenarias de casernas, tudo a ajeita para encerro de degredados.

Ao forasteiro anónimo ou impudico — feliz, em suma — resta, no entanto, o apreciável recurso de explorar dia e noite as ruas tortuosas que se enredam ao redor da catedral: o bairro dos pescadores e das meretrizes.

À mesa do hotel — recurso dos tímidos — pompeiam três proeminentes figuras: o coronel inglês, o tenor e a dama deste, que chupa pelos dedos afusados quantos molhos lhe caem no prato, quando não ejacula trilos ferinos, remexendo circularmente dois olhos como dois búzios, à sombra do seu chapéu de palha, onde esfuziam mais penas de capão do que nas barretinas de todo um regimento de *bersaglieri*...

O tenor é tenor italiano típico, de fartíssima grenha luzente, satisfeito de si só e triste da pobre gente que não é ele, o burro, sempre a benzer o ar com as mãozinhas gordas, faiscantes de joalheria falsa, e a ajuntar o sebo da barba rosquilha numa faustuosa gravata cor de ferrejo.

Vivem os dois em santa harmonia com o coronel inglês, o qual, no regresso da Índia, aqui arribou por ter piorado a mulher, senhora invisível, mas canora também, tanto quanto lho exigem os intestinos mortificados. É minha vizinha de quarto...

Baixinho, cheio, reforçado, expressão de supremo espanto nos olhos redondos, nada inglês, nada guerreiro, o coronel tem muito de velha judia barbada e é fora de dúvida que ontem à tarde, à minguá de leite, a cujo regime está condenada a dolorida esposa, ele a consolou metendo-lhe nos lábios o bico hirsuto de uma teta escorrida, generosamente exumada da sua, dele próprio, camisa de flanela...

Os demais hóspedes são de somenos importância; muitos deles embarcarão comigo amanhã no *Montserrat*, que vai para a Havana, com escala nas Canárias.

A BORDO DO *MONTSERRAT*

Fevereiro, 8

Merecerá a pena de narrar a pequenina aventura, legitimamente espanhola, que insuflou certa alegria ao episódio do meu embarque, esta manhã?

Foi o caso que, seguindo à risca as prescrições da Companhia Transatlântica, tomei às dez horas o rebocador atracado ao cais para serviço dos passageiros do *Montserrat*.

— *A las diez en punto, caballero, e sepa V. que el vaporcillo es gratis* — dissera-me no escritório da companhia um senhor de mais barbas do que a mitologia punha nos queixos de Neptuno.

Mas a meio caminho de bordo surgem das carvoeiras três figurões de zarzuela — andrajosos, para realçar os galões doirados dos bonés — e começaram a cobrar tantas pesetas por cabeça e mais tantas pesetas por volume de bagagem. Um deles requisitava, melífluamente, a espórtula; o segundo, diligente, ministrava bilhetinhos impressos; o terceiro, desavergonhado, recolhia a paga num mealheiro de igreja e assim a coisa quase que revestia cores honestas.

Quando chegou a minha vez recusei-me ao pagamento e com tanta pachorra o fiz e em tão acertados termos, protestando voltar a terra para

averiguar da justiça daquele inesperado imposto, que alguns passageiros exigiam já a restituição das quantias pagas.

A repentina aparição de outro cómico — quase nada menos esfrangalhado e muitíssimo mais agalado — que, por dulcíssimos modos e cativantes falas, deixava ao meu alvedrio decidir a contenda a bordo perante o agente da companhia, conseguiu calar-me, permitindo seguir na cobrança e levá-la a cabo sem outro incidente.

Chegados ao *Montserrat*, não somente ninguém insistiu pelo pagamento a que me recusara, mas, vendo-me ficar no rebocador, com jeito de querer voltar a Cádiz, o quarto comparsa veio para mim, tão insinuante como afetuoso, a sorrir, todo finório, assim a modo de colega ou de quem me cobiçava para o seu elenco:

— *Suba V., caballero, que no nos debe V. ni un centimito... Todo esto no fue más que una equivocacion...*

E foi ele quem auxiliou os galegos na condução das minhas malas até à câmara do vapor, não lhes consentindo aceitar gorjeta alguma.

— *Repito, caballero, no nos debe V. nada. Todo esto no fue más que pura equivocación...*

Mas um quarto de hora depois já o velhaco me «apresentava» ao comissário da polícia gaditana, o qual, carrancudissimamente, exigia provas certas da minha identidade.

— *Pues tiene V., caballero, todas las señas de un capitán criminal que buscamos...*

Por milagre levava comigo papéis bastantes a sufocar as argúcias policiais de um Pina Manique. Satisfeita a quadrilha não me contive que não dissesse alto e bom som o bem que dela pensava; e o bonito, então, foi vê-los, atrapalhados, para mascarar a patifaria, irem dar com um gigantesco biscainho ruivo, o qual também *tenia todas las señas del capitán criminal* — os mesmos sinais que em mim correspondiam a uma estatura mediana e barba preta...

Fevereiro, 9

O tempo, que vinha calmo, mudou de tarde e embora o céu sereno, apenas muito esgazeado para o lado do norte, não indicasse a olhos de profano indícios de tormenta, a agitação do mar sobre ser grande crescia gradualmente.

Era convite indeclinável para a cama, onde me fui meter ainda sem excessivo esforço acrobático. Mas logo principiou o magnífico bailado, por balanços rítmicos e espaçados, do impulso da vaga dando paralelamente ao eixo do barco, que depressa se alteraram com alternativas surpreendentes, tomando o navio numa arredouça entre oscilações leves e arremetidas impetuosas, de lhe pôr a quilha no ar...

Refletia-se o movimento dentro do barco. No meu camarote mexeram-se as malas, chocaram os frascos no lavatório, resvalaram as almofadas do sofá e a mais e mais a escuridão se povoou de formas movediças que se buscavam e se encontravam com baques amortecidos, e se dispersavam, deslizando silenciosamente. Malas, bancos, sapatos, almofadas, em preparativos de investir as paredes, hesitavam, à semelhança de entes autónomos, parando, receosos, em volta dos pés fixos do leito e do sofá. Pelo cristal redondo da claraboia coava uma amarelenta reverberação de luz mortiça e longínqua a afrouxar e a alterar as linhas e os contornos de tudo quanto me cercava.

De repente o barco teve um estremecimento convulsivo, obrigando o lavatório a cuspir todos os seus frascos e juntamente o estojo de viagem, cujo recheio de vidro e aço se espalhou no tapete.

Eu via agora juntarem-se às formas volumosas — mais volumosas, pesadas, e por assim dizer brutais — das malas, dos bancos, das almofadas, as espertas facetas dos frascos de toucador que retiniam e rolavam miudamente pelo chão, e, mercê da pontinha de febre que entrara comigo, cada vez mais me enovelava nos cobertores, espavorido com a ideia de pousar os pés no tapete, preferindo a conjectura de me sepultar, inteiro, nas ondas, a expor-me, nu, às gélidas punções de uma tesoura aberta, ou das puas do cristal estalado das caixas de sabonete...

O vento, no entanto, assobiava com sibilos de respiração cansada, mas fazia-o às vezes discretamente, animando-me por clareiras de repouso, a sugerir-me afoitezas de peixe, como se tudo isto se passasse, normalmente, no seio de uma baleia adormecida... Passageiras acalmias no horror do medo, pois eu ia pouco a pouco desviando a atenção do risco próprio para me envolver na calamidade comum, e todo ouvidos para os retumbantes cataclismos que ocorriam pelo navio fora e mos trazia, diabolicamente orquestrados, a música da devastação e da ruína...

Na sala de jantar desabavam rimas, torres de pratos, sobre parques de copos, e logo adiante soltavam-se camadas de bandejas, dispersando-se com um som que parecia abrir em forma de leque, e arrebanhava outros sons bruxuleantes, mas humanos, assim de imprecações e de risos quase extintos... Um episódio novo concentrou-me outra vez os sentidos nos limites do meu beliche. O cubo de zinco onde se baba a claraboia quando lhe bate o mar, saltou do alvéolo e caiu estrondosamente no chão, despedindo um jato de água que veio molhar-me o travesseiro; durante alguns instantes tudo parou e emudeceu como que escutando o vascolear da água que ainda lhe ficara dentro... Então duas portas bateram ao mesmo tempo, no corredor; bateram rijo, trincolejando ferragens mal pregadas, com o ruído relasso de muitas tigelas a desfazerem-se em cacos. Foi sinal este para a continuação da batalha entre os meus móveis, os quais, de concerto, se atiraram ao cubo de zinco, levando-o repetidas vezes ao ar, forçando-o a verter todo o seu líquido até que, vazio e sonoro, o arremessaram para debaixo do lavatório onde permaneceu o resto da noite em sobressaltos e tremores...

Quando acordei da passagem breve pelos sonhos quase delirantes de um sono febril, mudara completamente o regime que regulava os movimentos

do barco, cujo eixo, agora, cortava perpendicularmente o eixo das vagas. E com que esforço o fazia! Como se não desconjuntava todo, ou como se não afundia de vez, nesses momentos de angustiosa suspensão, de arquejante paragem, em equilíbrio sobre a aresta da onda ou, inerte, no seio da montanha fluida!

O navio tremia todo, revolvendo os intestinos de ferro, rangendo as articulações, arrastando cadeiras, jogando-se ao mar, ficando, perdido, a popa toda fora da água, exasperado pelo giro das hélices inúteis...

Mas de envolta com tanto ruído próprio da luta pavorosa que se travava, o quer que fosse gemia a espaços, chorando lágrimas sentidas, no referver daquele embate de elementos insensíveis. O que era que assim se lamentava tão doridamente?...

Ao atropelo dos arrancos violentos que me exacerbavam as sensações pávidas, toda a minha angústia era buscar os meandros tenebrosos de uma anatomia fantástica, à qual a alucinação sujeitava o interior do monstro onde eu jazia, a origem, a razão dessas lamentações tão fundas, e tão breves que se furtavam às agudíssimas espias dos meus sentidos, para os inquietar de novo se por acaso outro fito os absorvia um momento... mas essas lamentações perseguem-me e, evidentemente, nascem do mar, e cercam o navio, e são-me segredadas à cabeceira do meu leito... E, se realmente existem sereias, mulheres cruzadas de peixes, folgando em grutas de coral, à luz lunar das pérolas, sobre o veludo verde das algas flácidas, quanto lhes não custará a passagem do imundíssimo monstro que é um vapor, sempre a conspurcar o seio imaculado das águas!... Ah! eu compadeço a dor das sereias!...

Fevereiro, 10

«Anfitrite, és tu?...» murmurava eu, no desfecho de um deleitoso sonho submarino, para o criado que vinha prevenir da proximidade do jantar e me anunciava também a volta do bom tempo.

Comi pantagruelicamente e fui digerir a copiosa refeição sobre o tombadilho, recostado em preguiçosa cadeira articulada, banhando-me de luar branco e a vista entretida a seguir-lhe as esteiras da tremulina acesas pelo mar fora. Sentia-se o ar morno e embebido de aromas das noites de setembro no Algarve e a memória pesquisava pelo passado temas aprazíveis que viessem completar a felicidade da hora presente.

Toda uma riquíssima série derivou da palavra *Montserrat* lida ao luar sobre as tábuas dum bote de bordo e ao luar surgiu ali logo, da superfície rasa do mar, tal como nas planícies da Catalunha, o bárbaro, golpeado contorno da mole abrupta onde o convento daquele nome está.

V. conhece descrições do mosteiro e também, decerto, estampas que reproduzem a aglomeração das cilíndricas pedras perpendiculares, altas de quinhentos metros e mais, que caracteriza essa estranha serra de *Montserrat* e lhe dá aspetos de órgão no qual reboassem os concertos cosmogónicos...

Muitos outros mosteiros da Catalunha vieram após este expor ali os seus melhores trechos: grutas circulares em que se ajeitam as perspectivas de arcos miudamente lavrados nos pórticos românicos; as projeções

caprichosas de que a Lua reveste as sepulturas históricas nos claustros góticos; a magnificência geométrica das salas capitulares, com o eco lamentoso dos refeitórios vazios; as meias trevas que empapam, desfiguram, dilatam, as naves dos templos abandonados; as cicloides aéreas onde poisam, leves, os lanços de escadaria nos pátios abaciais e as ruínas garridas, ocultando as suas lepras nos largos panos das trepadeiras gulosas e espessas, nas cercas hortadas desses mosteiros que, a exemplo de Poblet e Santas Creus, foram também fortalezas, panteões e alcáçares reais, por onde eu peregrinei toda uma lua propícia de maio...

Mas singrando assim, feliz, a fantasia aprobeu direito a outras terras preferidas, para chamar outra impressão mais completa, mais forte, mais definitiva.

Sítios são esses por onde se comia ainda há bem poucos anos o pão de trigo rústico perfumado, trigueiro e levemente glutinoso, de quando a indústria das farinhas balbuciava as suas primeiras trapaças. Comi desse pão com surpresa e delícia, pensando ser do mesmo que a Sulamitis mastigava nas pérolas dos seus dentes. Pão trigueiro, macio, à imagem do ventre dela: «monte de trigo cercado de açucenas»; ventre morno, minheiro, com efluências de pão quente, para ser beijado e mordido...

Não julgue que eu viajava então na Palestina mas em Portugal, e se me socorria de comparações tais — favoritas na prosperidade da minha vida imaginativa — era para melhorar o sabor ao pão e nele talhar formas mimosas e vivas, como as devia ter a grácil donzela, e por essas formas haurir os bálsamos de que se ungiam e, assim, levado pelo guia minucioso e indulgente da Bíblia, transportar-me aos frescos hortos da Síria de Salomão, quando na realidade eu ia, sufocado pela calma de um dia de julho, atravessando os pinhais de Aljubarrota, a caminho do Mosteiro de Santa Maria da Vitória.

Comecei a divisar por entre os álamos da estrada as agulhas da Batalha ao cair da tarde, já quando o Sol arrefecido pouco mais era do que uma brasa a extinguir-se em ténue poeira de cinzas avermelhadas. Pouco depois, alumiado por esta claridade prestigiosa, que lhe deixava a base envolta em fulvas penumbras, levantava-se o monumento no mais encantador dos seus aspetos, soltas pelas abóbadas, presas nos cardos dos espigões, cingidas às arestas dos muros, as rendas de pedra que o enfeitam. A luz do Sol poente inflamava essas rendas, recortando-lhes os desenhos em fundos esmaltados: matiz de oiro sobre oiro, frágeis relevos preciosos, subtilizados por mudanças sucessivas de efeitos fulgurantes...

Não me pus a desembainhar estoques de crítico para retalhar convenientemente a sensação recebida: contemplei enquanto durou o crepúsculo e depois sopeei a impaciência na leitura d'*Os Lusíadas*, esperando a hora em que, alta já a Lua, o sacristão iria mostrar-me os claustros.

Levantou-se a Lua pelas transparências esverdeadas do horizonte que parecia recuar lentamente, já cerca da meia-noite, no absoluto silêncio onde tudo caíra em redor do povoado. Aguardara a aparição da luz fantasmática no alto de uma colina que melhor vista dá sobre o monumento: sombra mociça ouriçada de sombras agudas, tomando à claridade incerta das estrelas relevos de um instante, logo absorvidos por outras sombras mais vagas. O luar bafejou o grande coruchéu de poeira alvacentas, como o primeiro, frio, reflexo da aurora, mas prontamente se fez opalino e mais penetrante, insinuando-se nos labores das agulhas, nos lírios de pedra que ameaçam as cornijas, nas teias de frisos que arripam a superfície das paredes e mergulhando, por fim, na tinta opaca em que se condensava o interior dos claustros, libertou das trevas toda aquela maravilha e como que a refundiu em espumas de prata fina...

Em noites tais a vista não se detém na rude forma natural das coisas, mas passa-as à alma que as transfigura e, luar ainda mais doce, mais fecundo, mais íntimo, as devolve, repassadas de poesia, puras subjetivações, enlevo da imaginação, orgulho do pensamento... Essa noite foi juntar-se àquelas — numerosas, inolvidáveis — passadas a reconstituir lendas do alto das varandas da Alhambra, que dominam quase a pique, de bem alto, a cidade branca, derramada na veiga fragrante; essa noite ficou a par daquela em que, na ilha Caprea, visitei a «gruta azul»; e as noites contemplativas por entre os ciprestes de Scutari; e as noites de apaziguamento no imutável cenário do Nilo; e, as mais raras de todas, as noites de Veneza de luar venenoso, no atáude das gôndolas que vão molemente direito ao Lido, ao agasalho das quais a luxúria se exacerba divinamente...

Mas essa noite antecipou-se erradamente a outra, absoluta, que para mim só o meu querido amigo Frank Holman, o pintor, fixou em moldura de ouro, naquele quadro que eu resguardo das poluções dos filisteus, onde a sua alma deu realidade à visão flutuante, desfalecente, incerta, das aparições efémeras, as formas silenciosas que a noite cria e que mal, a custo, se refletem, ou morrem, ou repousam na laguna, como sombras coadas de outras sombras...

Santa Cruz de Tenerife — março

Cheguei a animar o projeto de ver miudamente quantas ilhas há neste arquipélago das Canárias, que são muitas, e todas, segundo contam, igualmente dignas de estudo, mas o clima, a brandura do clima tão bafejado de aragens mornas, tão preguiçoso, minou-me a energia e, porque as comunicações não apresentem aqui facilidades extremas, só vou aonde forem carruagens e deste modo limito as minhas digressões à Grande Canária e a Tenerife.

Eu não sou daqueles que figuram de antemão a paisagem de regiões que visitam; a realidade desmancha acintosamente os quadros da fantasia e assim a decepção ou, pelo menos, a contrariedade tornam-se frequentes e perturbam o gozo de ver. Mas a ideia bem arreigada que me sugeriam umas ilhas já do tempo dos Romanos sujeitas ao rótulo de «afortunadas» e, depois, civilizadas ao calor da Renascença, orgulhosas do seu pico — o seu Teide —, vizinhas dos trópicos, era quase paradisíaca, e quaisquer serras peladas, ou áreas áridas, ou de carácter menos assinalado, com que a princípio deparava, tinha-as quase na conta de ofensas pessoais...

O clima foi-me desta vez bafo lustral nos meus ressentimentos, restituindo-me a paz confortativa ao espírito alvoroçado e balouçando-me na vida suave de uns dias ininterrompidamente aprazíveis... Deixei-me de lançar em rosto ao pico — ao Teide — as intangíveis belezas do Etna,

e conformei-me na suposta indigência pitoresca destas ilhas a ponto que tudo agora me é surpresa e delícia...

Não lhe encareço os meus últimos dias, passados em Orotava; o magnífico vale deslumbra no seu revestimento de opulenta verdura viçosa, mas povoado de condenados que ali esperam alívio a insanáveis sofrimentos e, à custa de penosos, mal encobertos esforços, alardeiam sorrisos de felicidade, entristece o forasteiro são, a quem repugnam paródias dos Campos Elísios...

É tão flagrante o contraste da natureza a ferver de seiva crassa em volta dos seres definhados, cuja vida se esvai no doloroso dessorar lento, que a ideia de um «Ser Superior» infinitamente poderoso e bom ganha ali foros de abominável escárnio...

Busquemos diversão à molesta lembrança e busquemo-la aqui, em Santa Cruz, no hotel do nosso patrício, se bem que internacional Camacho, onde se hospeda o magnetizador «O.» com a mulher e a filhinha. Que extravagantes olhos são os dessa gente!

Comem à mesa na minha frente e eu não me canso de perscrutar os olhos da criança, que têm as íris de aventurina e cintilam, meio cerrados, no rosto esmaecido, como o brilho de certas estrelas rompe a alvura leitosa de um céu saturado de luar. Devo socorrer-me de dulcíssimo lirismo para aludir à misericordiosa ternura que parecem decantar os olhos, húmidos de inefável luz, da mãe; e o jeito das mãos, todas carícias de arminhos, polvilhando perfumes!...

Esta gente estraga-me o estômago, onde os remoinhos de tanta poesia encruam as chorudas iguarias do Camacho...

Sem embargo, suspeito que levarei da Gran Canaria melhores recordações... Ali não há pingo nem vale de Orotava mas sítios como San Mateo, serra armada em pequenos calvários de presépio, que são outros tantos cestos de verdura a coar fontes cristalinas em alvéolos de rochas cinzentas.

Depois, em Tenerife não há mais do que uma única estrada, a de Orotava, via sagrada por onde só transitam landós pomposos, aos tirões intermitentes de umas pilecas vacilantes e estafadas, enquanto que a Gran Canaria é sulcada de estradas e existe nela uma raça de cavalos pequenos, fogosos e infatigáveis, excelentes para sela, os quais também tiram as leves tartanas da ilha, tão lesto que voam, e essa febre de movimento ao ar livre encanta, quando não é indispensável, à míngua de melhor excitante, na vida acanhada das ilhas pequenas...

De duas relativamente largas jornadas, aos pontos extremos de Agüimes e Agaete, conservo lembranças vivas, que reproduzem panos de paisagem muito diversa em série apressada de mutações.

Ambas as estradas serpenteiam à beira-mar, mas aquela, de Agüimes, passa primeiro ao través da rocha viva, por elevadíssimos arcos, sobe, depois, a excessivas alturas, junto de um abismo onde o mar vai aguçando os gumes de muitos leixões retalhados e dispostos em círculo, sobre os quais pairam bandos de abutres, e entra, em seguida, pela terra dentro cortando o mais tenebroso vale que os meus olhos viram. É uma região formada de escórias minerais, sem outra vegetação a empecer-lhe a cor ferrugenta além dos fartos molhos de catos gigantes que a largos espaços crescem, e cujas delgadas ramificações cilíndricas se estorcem, emaranhadas, e agitam no ar as extremidades soltas, de verdosas serpentes iradas...

Na igreja de Telde, povoação situada a meio caminho de Agüimes, veem-se pinturas «desculpáveis» e um retábulo de escultura delicada; são, julgo eu, os únicos vestígios de arte que as Canárias encerram...

Perto de Agüimes um leito seco de ribeira, semeado de pedregulho negro, amplo bastante a permitir passagem ao Amazonas, aguarda os enxurros que as serras lhe enviam com frequência.

Entre Las Palmas e Agaete há três léguas de estrada quase toda no litoral. Alguns lanços imitam arredoíças com as pontas presas em duas eminências niveladas e a curva a roçar na babugem do mar; outros foram abertos, a meia altura, nas paredes lisas de fundíssimas, assombrosas, escavações que sobem do mar a pique; outros estiram-se ao lado de extensas várzeas plantadas de bananeiras, resguardando-as da areia da praia.

Convém passear sozinho no vale de Agaete, que é majestoso e propício a evocações sobrenaturais, fechado, como a arena de um circo, em serras sobrepostas cujos cimos as nuvens ocultam.

Lembrar-me-ei também, decerto, de Las Palmas, a capital da Gran Canaria que uma ribeira poluída divide em duas encostas acidentadas e pitorescas, donde reluz o mar por todas as perspectivas, e dos virentes jardins em socalcos sobem as palmeiras a espanejar o céu; lembrar-me-ei, saudoso, das suas airosas mulheres, indolentes e morenas, cujo olhar, dardejado sob a alvíssima mantilha de lã, desassossega e perturba o forasteiro desvalido; e lembrar-me-ei, sorrindo, da hospedaria da Dona Pino, aviário exótico, ruidoso, tumultuário caravançará, onde entra e sai quem quer, e come e bebe quem quer, e paga quem quer porque ali — embora Dona Pino

prosperere — ninguém pede ou presta contas; e lembrar-me-ei, eternamente, mesmo nos celestiais saraus, das feições, do sorriso, dos olhos leais dessa menina que em noite de teatro eu contemplei durante os três atos da pior ganida das zarzuelas; não era um tipo espanhol, mas um rosto amorável de portuguesa quase envergonhada de ser tão linda...

Funchal — abril

O *Aline Woermann*, o sujo vapor que me trouxe das Canárias à Madeira, aproximou-se de terra enquanto eu dormia; foi já quase no ancoradouro que eu vi, do tombadilho, a ilha, toda estofada em vegetação de um profundo verde-garrafa, subir como um pano de veludo esticado, que as nuvens estivessem puxando do mar...

Cortina espessa, húmida e feracíssima, sem delineamentos nem contornos, absorvendo tudo no seu nivelado plano ascendente, apareceu-me tal a convencional antítese das ilhas clássicas do Mediterrâneo, descarnadas, sinuosas de recortes caprichosos, cujo efeito é meramente ornamental e repugna a qualquer sugestão utilitária como abundância, riqueza, fertilidade... Nestes enfeites do mar e do céu, peanhas propícias à obra de arte humana, onde uma coluna truncada ainda realça tão bem como o cabuchão no engaste de ouro, apurou a nossa raça os modelos definitivos da paisagem espiritual e poética, escravizada à arquitetura.

A primeira impressão da ilha da Madeira — tenebrosa e farta — é flagrante desacato a esses modelos respeitáveis e vem trilhar-nos, a despeito de tudo, a estesia que honramos....

Mas como chega depressa a reconciliação e como esmaece a aparente hostilidade suavizada em trechos surpreendentes, infinitamente diversos e de engenhoso arranjo...

Pois haverá no mundo paisagem mais aliciadora do que esta que eu desfruto agora mesmo, do jardim embalsamado e silencioso da Quinta Vigia?

Tudo é imobilidade e sossego no panorama em gris que a minha vista abrange: mar de calma, adamascado, com a sua orla bordada de barcos em relevo — cascos de seda frouxa e mastreação de retrós — à luz igual, branca, branda, que o alto céu leitoso coa do Sol que se não vê; as verduras mociças da serra aliviando-se da espessura em verduras mais tenras, ao contraste dos casais caiados, e, longe, sombrejando o horizonte, uns arremedos de Capri, ilhas perdidas cujas corcovas montam por sobre a última linha do mar...

Os jardins aéreos da Quinta Vigia são refúgio inviolável a quem busca isolamento durante o dia, e o predileto lugar de reunião, durante a noite, para quem não prescinde de diversões mundanas — com paradas à roleta. «Paraíso com sol e Inferno com lua» — sentenciará, talvez, o moralista minaz e importuno. Eu não moralizo, amigo, bem sabe, e venho aqui de dia, quando fico no Funchal, a descansar dos meus continuados passeios pela serra.

Dentro da cidade não há local mais adequado a retiros intelectuais e, decerto, merecem preferência a quaisquer outras as horas de calor, contanto que se aviste e oiça o mar, para, sossegado o corpo, abrir ensanchas à imaginação e senti-la então largar pano, pouco a pouco, buscando rumo, e hesitar na derrota até que, ao leve sopro do mais fortuito indício, se faça de vela direito a remotas, desconhecidas, almejadas plagas...

Hoje vim aqui mais porque o desejava chamar à minha presença e lhe queria dar participação e dizer-lhe muito bem da vida sã e feliz que levo nesta ilha selvagem: o local é igualmente propício para fugazes devaneios e evocações afetuosas.

Eis a forma como emprego o meu tempo.

Subo à serra logo de manhã cedo e é já noite cerrada quando volto ao hotel, moído como um sal, bem disposto a entrar de surpresa no pleníssimo remanso do sono solto... Trinta quilómetros de exercício na livre amplidão do ar impoluto e dez horas forras às prodigalidades da vida, dez horas de cristalina insensibilidade, limpas de realidades e de sonhos... em cama fofa.

O meu criado, que é também o meu guia, espera-me à primeira ascensão do elevador junto à Igreja do Monte, obrigado ponto de partida para quase todas as excursões na serra.

É já uma elevação grande, o Monte, e o seu acesso, ao tirar da locomotiva arquejante, pela íngreme pendente acima, remete-nos à fantasia de certos contos diabólicos onde se violam sem escrúpulo as leis naturais. A paisagem torna-se ludíbrico da vista, invertendo perspectivas, deturpando curvas, machucando casas, bandeando rochas, cavando abismos infernais sob a gaze esverdeada das trepadeiras em flor, desencantando vales idílicos a meio de ravinas lóbregas e revoltas, arrancando os pinhais à sua perpendicularidade majestosa para os arrojarem como feixes de lanças de encontro aos broquéis espelhados dos tanques de água.

Todos estes elementos de discórdia, aquietados à paragem do elevador, tecem, sumptuosamente, a dalmática, a capa de asperges, admiração e enlevo dos olhos, sob a qual o Monte avoluma desde a roda do mar ao adro da igreja. Os pinhais fazem-lhe o fundo de veludo escuro, cercados e lavrados da doirada ramagem das carvalheiras, por onde reluz a pedraria das fontes...

É dentro de uma canastra de verga, assente em duas tiras de madeira ensebada — trenó rústico —, que eu desço, à tarde, do Monte à cidade, resvalando vertiginosamente pelos declives arrebatados da calçada estreita, onde há traços quase verticais cuja passagem provoca angústias de queda mortal...

Os meus primeiros passeios foram pelos pinhais que se alastram por cima do Monte à cata de novas perspectivas, com mira nos cabeços de granito quase inacessíveis que a miúdo calvejam na densíssima vegetação das matas, empresas por vezes temerárias mas generosamente recompensadas na exultação dos horizontes larguíssimos, a mais e mais despejados ao sucessivo desdobrar de ondulações montanhosas.

Adiantei-me depois para leste, dando volta à escavação fragosa do Curral Pequeno, descansando na passagem da Choupana — trecho de composição alpestre — até aos prados da Camacha, campina em planos curtos de relva, quebrada por sebes de vimeiros.

A poente visitei Câmara de Lobos, que é um porto de pescadores fechado em rochas de basalto, crespas como ficam as gotas de chumbo derretido que as crianças deitam na água fria, para tirar sortes, em véspera de São João. Aí perto levanta-se do oceano uma despropositada mole, de temeroso esboço elephantino, aguentando a encosta risonha do vastíssimo vale que deu entrada aos descobridores da ilha.

A estrada que liga Câmara de Lobos ao Funchal, nos lanços arrojados, no modo de galgar as agrestes, apertadas ravinas, nos encurvamentos pitorescos por onde se esquiva, plagia agradavelmente a estrada de Posilipo...

Mas se as paisagens observadas até aqui, embora preciosas, não escapam à humilhação das analogias deprimentes, urge notar-lhe que divisei aspetos de irrefutável originalidade na minha recente jornada ao Curral Grande ou Curral das Freiras.

Esta pavorosa depressão geológica encerra no círculo das suas muralhas de granito negro, à profundidade de muitas centenas de metros, um vastíssimo e deslumbrante tapete de tintas fundidas a primor em culturas variadas e prósperas. Tal é a surpresa de encontrar assim entregue à monstruosa aglomeração de rochas bravias a guarda daquela maravilhosa alfaia, cujo desenho e colorido somente se explicariam nas combinações de uma arte refletida e consumada, que não sopeamos a fantasia e, à incitação do conjunto fabuloso, para ali trasladamos instintivamente quadros mitológicos, imaginando que ali mesmo se congregaram os exércitos de titãs para ocultar o seu paládio, antes de acometer o céu...

Prestava-se a luz à visão perfeita, exaltada na transparência do ar que acendia as cores como cristal puríssimo, das alturas onde me assomei. Tudo ali era pintura; nenhum relevo perceptível destrinchava as árvores de outra vegetação mais chã; as casas denunciavam-se no rigor geométrico das suas manchas e movimento algum traduzia o gorgulhar do homem naquele fundo matizado onde a impressão de isolamento absoluto, de alheamento expiatório, de natureza enclaustrada, sobrepujava a qualquer outra...

O meu guia, a quem não foi indiferente o assombro que se me transluzia no rosto, prometeu-me passagens ainda mais portentosas nesta ilha desconhecida. Falou-me do sítio de Sant'Ana como se pintasse a tebaida dos poetas; ergueu a mão, lentamente, sobre os abismos e aguçou no espaço uma ponta diabólica: o pico Ruivo; os seus grandes olhos refletiam cambiantes infinitas: eram as cascatas do Rabaçal.

Calculo que um mês chegará, escassamente, para tudo isto, pois a ilha é extensa, eu ando a pé e os caminhos são de cabras...

No regresso, voltando do Curral Grande, entrei para descansar numa espécie de boceta oval, toda alcatifada a musgo roxo, genuína gruta de poema pastoril, a cuja entrada retangular pendia uma cortina de água desfiada, e os fios tão juntos e distintos como nos reposteiros de misanga japonesa.



A aproximação de um grande vapor branco, há meia hora já aproado ao Funchal, que deve ser um *Castle* conduzindo tropas frescas para o Cabo, veio atalhar-me a febre epistolar.

Vou deixá-lo, por agora, amigo. Não quero perder o ensejo de admirar ainda uma vez o aprumo, a elegância, o asseio dos nossos cruéis aliados. Os mesmos soldados rasos, após travessias medonhas na promiscuidade das casernas flutuantes, desembarcam limpos, garridos quase, empertigados nos seus modestos uniformes de caqui engomado, e mais guapos do que os ajudantes-de-campo da Majestade portuguesa em dias de parada...

Também os desejo ver duas horas depois, na ocasião de regressar a bordo, amarfanhados, mas não combalidos, pelos efeitos das beberagens venenosas — que sob o rótulo de «Madeira genuíno velho» os taberneiros lhes ministraram —, distribuindo pontapés e socos, em guisa de paga, aos assassinos que os perseguem...

Vem a pelo notar-lhe que a guerra do Transvaal ateou na população madeirense o fogo da discórdia. Por serem de diversa tendência partidária muitos namorados retrataram as promessas matrimoniais, muitos amigos se esbofetearam publicamente, e muitos co-herdeiros, embora de maioridade, exigiram partilhas judiciais. Ou eles não fossem os dignos filhos da briosa raça portuguesa, capazes de afrontar as máximas catástrofes para que Roberts ou Kruger levem virtualmente a melhor nas suas contendias, nesse empenho tão acesos como indiferentes a tudo quanto lhes vai por casa e sem ânimo para — ao menos — meter facas aos cevados nacionais que lhes transformaram a pátria em pocilga...

Este bonito — ardente — período deve ser relido ao som da *Portuguesa* assobiada, ou do *Hino da Restauração* na guitarra, consoante, caro amigo, a música das suas atuais disposições patrióticas...

Aproveitarei a tarde para dar uma volta pela cidade que ainda não vi; nem sequer entrei à Sé. Contento-me, quando vou a caminho do Monte, em parar um momento diante da torre quadrada que se ergue das abóbadas da abside. É um arranjo de linhas e de cor altamente pitoresco.

A construção ampara-se a gigantes toscos — rematados por agudíssimos fusos de pedra torcida entre os quais corre uma renda manuelina — para formar terraço. Apoiado em parte neste, e sustido lateralmente por gigantes

mais sólidos, outro terraço mais elevado cerca-se de balaústres, donde se levanta o campanário de pedra negra faustuosamente mirrado de azulejos claros. A ramagem de duas viçosas palmeiras, que repuxam dos alicerces, espanjeia-lhes as pedras carcomidas.

Funchal — abril

Não eram falazes as promessas do meu criado e guia Gregório e pela primeira vez nas minhas peregrinações senti a realidade, logo de chofre, sanar as desconfianças geradas no encarecimento prévio.

Verdade seja que o rapaz não especificara tais ou tais caracteres de encanto — impertinentes croques da estética oficial, a que a repulsa acode instintivamente —, mas, generalizando, evocara com ingenuidade uma região sublime.

Levei quinze dias de inefável regozijo contemplativo em Sant'Ana a filtrar a alma por sítios tão altos, tão luminosos, tão desafogados, que ma restituíam límpida, serena, permeável às mínimas irradiações de beleza exterior. Movimentos, formas, cores, reverberavam-se-me no cérebro por clarões iriados da alegria de viver.

Durante essas duas semanas alijei saudades, raciocínios, concupiscências, filosofias...

Eu sorvia o mundo pelos sentidos, abrindo os olhos às perspectivas infinitas, aos céus ampliados na circunferência do mar que a elevação das montanhas dilata, as prodigiosas transfigurações da paisagem, ora aparecendo em miniaturas esmaltadas, nas profundíssimas cavidades dos vales, pelo rasgão de uma nuvem opaca, ou, deslocada no caixilho móvel do arco-íris, esbatendo-se sob a musselina flutuante das neblinas leves, ou

sepultando-se nos nevoeiros crassos, que a abafam por fim em borrões quase líquidos — redomas de vidro cheias de fumo negro... E, logo, à súbita rajada do vento, a ressurreição das matas cerradas que sobem pelas encostas arrebatadamente, como exércitos, levando, a modo de guiões, nas pontas mais altas dos pinheiros, farrapos de névoa doirada; e na volta do atalho, a terra a resvalar por vinte espinhaços, varetas de um leque meio aberto, cujo pano matizado o mar arredonda.

Ao cair da tarde o Sol oblíquo ardia nas poças de água tão violentamente que encandeava e, mais intensa do que à excitação do álcool, a vida acelerava-se na embriaguez das excessivas altitudes... O meu sono era suave e continuava durante a noite o embevecimento dos dias generosos, em sonhos cujas imagens buscavam o meu travesseiro, bailando como pérolas brancas nas réstias de luar...

A travessia do Funchal a Sant'Ana foi trabalhosa, com chuva e cerração, por caminhos suspensos à laia de escadas de corda sobre despenhadeiros apocalípticos.

Após cinco léguas de marcha, quando luzia a redenção na forma já perceptível do campanário de Sant'Ana, obscureceu-se espantosamente o céu e despejou água a cântaros. Para me animar o meu guia observou, no tom sossegado que lhe é peculiar:

— Daqui à hospedaria pouco mais há de meia légua... mas não tarda que seja noite e bem pode suceder que não encontremos lá ninguém... Na verdade com o tempo assim quem espera hóspedes?... A mais disso deve haver transtorno nos arames e talvez o despacho desta manhã não chegasse...

Sant'Ana é uma larga dispersão de cabanas de colmo, arredada das quais, na pendente da ribamar, sobre um grande terraço ajardinado, está a construção inglesa que recebe os forasteiros por favor especial e ajuste e aviso antecipados.

A tal meia légua durou duas horas sempre com água por cima do artelho e a perspectiva de encontrar a hospedaria fechada...

Mas esperavam-me...

Despi-me; confiei o fato encharcado a uma das duas bruxas saturninas a cujo cuidado fora cometido o trato da minha pessoa. Jantei na cama e admirei ao som da tempestade que durou pela noite fora e era deliciosa de ouvir nos interlúdios do sono...

Amanheceu o dia seguinte inesperadamente formoso e a chuva não incomodou mais durante a minha permanência ali; tempos vários, frescos,

de ventos e nevoeiros e muita nuvem a empanar o céu de formas em perpétua evolução, como estudos para ornamentações cada vez mais faustuosas... O tempo, enfim, que melhor convém a digressões alpestres.

Fui ao Santo da Serra e ao pico Ruivo, custosas jornadas que alternavam em dias de mais energia com as visitas aos povoados vizinhos e às fragas da costa.

Em volta de Sant'Ana o campo bem cultivado e fértil reparte-se infinitamente em pequenos retalhos por sebes tecidas de roseiras, hortênsias e lírios. A indústria tem chegado ali ao extremo de prender ao flanco das rochas aprumadas no mar pequenos canteiros de verdura, sobrepostos em cadeia de alcatruzes, por sítios cujo acesso se deve reputar empresa para loucos. Certo dia, buscando passagem de um para outro desses graciosos alegretes aéreos, vi-me nos braços da morte aventurado por uma cimalha que não tinha dois palmos de largo; à direita alisava-se a rocha como parede betumada de cisterna, e ao lado esquerdo a aresta doutra parede igualmente lisa que profundava duzentos metros até ao mar.

Parei e disse para o meu criado:

— Não imaginava que o coração pesasse tanto... se não voltamos para trás perco o equilíbrio...

Muito serenamente — a julgar pela firmeza da voz — o Gregório replicou:

— Voltar aqui não se pode... Isso que o senhor sente é falta de costume, mas eu o amparo se for preciso...

Não foi preciso porque bastou para me suster a confiança no seu auxílio. Livre de perigo, reparei que o rapaz estava lívido.

— O que tens tu?...

— O senhor dizia aquilo para me meter medo, não é verdade?... Como é que eu o havia de amparar?...

E o caso fez-lhe decerto abalo porque à noite tinha febre. Mas as bruxas saturninas à força de escalda-pés e lambedores deram-no por bom ao dia seguinte.

Algo socarrão, o Gregório comentava:

— São muito caridosas aquelas senhoras... qual delas a melhor... A desdentada disse logo que me não deixava passar a noite sozinho e mandou deitar a outra... que não quis ir... e ficaram ambas à minha cabeceira... Davam cada suspiro que metia dó...

O Gregório ainda não tem 20 anos: é alto, forte, bem feito. A cabeça de construção latina, a testa lisa e breve, o cabelo frisado, quase ruivo, os

olhos cor de avelã verde e um pouco apartados do nariz. Nem um pelo de barba a pungir-lhe a tez pesseguenta; as comissuras dos lábios abertas em cheio na carne e reviradas como pequeninas pétalas de rosa. Uma cara que sorri, intrinsecamente luminosa, mas de expressão ambígua, inquietadora até. Vestido com a túnica de cetim, curta, quinhentista, estaria bem no séquito de algum rei mago dos frescos do Luini. Eu recorde-me de lhe ter mandado fotografias de Saronno; repare o meu amigo no pajem que leva a espada e a coroa de el-rei Baltasar: é o meu Gregório.

Mas bem mais curiosa ainda do que a expressão da sua fisionomia é a extravagância dos seus conceitos.

Duma vez que eu lhe observava a respeito dum grupo de estrangeiros:

— Têm ar de se aborrecer valentemente...

— Têm... — respondeu — é decerto gente muito capaz...

— Então?!

— Pois eu penso que esta gente enfastiada que se põe a correr mundo com tanta fadiga e tanta despesa é só por amor à verdade, para ter o direito de dizer «já vi», quando se fosse mentirosa podia do mesmo modo dizer «já vi» e ficar-se muito bem repimpada em casa.

Em Sant'Ana, encontrando-nos à porta do télégrafo com uma chusma de criancinhas, disse eu:

— Talvez sejam todas do telegrafista...

— Com certeza...

— Pois tu conhece-lo?...

— Não senhor, mas os telegrafistas são todos assim... é do ofício...

E, esclarecendo, acrescentou que o telegrafista é prolífico, o farmacêutico irascível, o confeiteiro desdenhoso, o sapateiro brigão, o latoeiro político...

O Gregório traz o casamento justo com uma rapariga do Monte, que é deveras mimosa e linda, mas em Sant'Ana descobriu lá para as húmidas profundezas do Calhau de São Jorge uma espécie de prima, assim como ele de olhos verdes e cabelos cor de canela, e mal soavam ave-marias sumia-se. Porque me andasse sempre a falar na «sua grande amizade» à noiva, pareceu-me bem repreendê-lo:

— Pois tu não tens vergonha!... Olha que isso é uma traição que estás armando à tua moça...

— Deixe o senhor lá que não há bicho mais velhaco do que é a mulher...

— Não percebo...

— Ora adeus! Isto não é nada para o que ela ainda me há de fazer a mim... — e com as mãos arrebitou um caracol de cabelo de cada lado da testa.

Os disparates e as momices do Gregório toleram-se, graças à singeleza desafetada que revelam, e assim coavam, sem arrepios, no embevecimento da minha vida.

Para rematar o prazer desses dias de Sant'Ana a situação do hotel reservava-me, nas horas sedentárias, o seu admirável panorama, cuja tribuna era um grande jardim abandonado.

Ao centro a casa, sob a exuberância festiva das flores de um buganvil que lhe bucolizava a fachada, fazia de caramanchão, sustida, rusticamente, em torcidos troncos de parreiras; nos festões de púrpura desbota do buganvil, emaranhavam-se as vides com a viçosa alacridade das hastes novas que abrem ao sol as folhas de cristal doirado.

O jardim, todo, em volta, celebrava a glória de vegetar livremente, por desvairadas composições cromáticas e promiscuidades subversivas dos bons preceitos de cultura.

O cálice dos lírios roxos enfeitava a hirsuta grenha dos buxos outrora tosquiados; dois ciprestes agudos viam-se liados até meio na rede das trepadeiras multicores, como bandarilhas de honra; presos à mesma moita, os botões de rosa, cheios, pesados, amarelos com jeito de limões, as estrelas de veludo gasto das rosas negras, as crespas borlas fartas das arregaçadas rosas cor de carne. Outras rosas desfolhadas maculavam de sangue os cortes de brocado rescendente, tecidos por jacintos e narcisos em canteiros ainda geométricos. Árvores imensas de camélias, tão inçadas de flores que pareciam fingidas, a meter-se ainda em cima nos enredos de florinhas brancas dos jasmineiros de Itália e, suspensas nas pernas dum carvalho único, exorbitante, os xales de glicínias sumptuosamente franjados...

Parte do jardim tornara-se impenetrável pela densíssima vegetação que o enchia, mas via-se, de longe, desse miolo de verdura, alar a fluência magnífica das bananeiras estéreis, os leques malabares das palmas anãs, as vergastas dos bambus e, ardendo como fachos acesos, os tirsos alaranjados dos catos floridos... Do lado oposto e ao abrigo do biombo de loureiros entretecidos de heliotrópios, cujas flores, na sombra lúcida, lhes recamavam a folhagem envernizada de gotas azuladas, o tanque de águas verdosas, turquesa oval, refletia por entre rolos de limos trechos de céu profundo. Era ali que durante os crepúsculos se destilavam os perfumes mais ativos.

O jardim vivia o momento supremo do seu esplendor, hora imperial, fulgurante, perdulária, que se encurtava para se não repetir mais, exausta em voluptuosidades arrebatadas e caprichosas; e essa hora divina foi para mim só...

Levanta-se o terraço — espécie de planalto — que o jardim ocupa quase sobre o mar a sueste, e, livre por todos os lados, graças à amplitude de sucessivos vales, descobre em redor a imensa região de serranias revoltas, que enchem o horizonte de cimos recortados como um abecedário turco e garram, para o sul, na ponta de São Lourenço...

A ilha saturada de água rressuda agora em fontes, cascatas e ribeiros, cujo murmúrio ouvido no jardim, como um solo de flauta modulado a distância, os melros acompanham briosamente chilreando em coro.

Mas o que ia no céu não eram meras combinações ornamentais; as nuvens davam ali espetáculos ordenados, de acessível compreensão, como depressa verifiquei. Comédias e tragédias e autos e farsas.

Os protagonistas eram uns monstros de algodão nevado, e aparência vagamente ursina, que dois dias depois da minha chegada assomaram ao horizonte lá dos lados de leste e nunca mais desampararam a cena. Se por acaso o vento norte os obrigava a acolher-se a bastidores, ei-los que, ressurgindo de oeste, iam tranquilamente acastelar-se nas cristas da serra, levando o céu às costas, como coisa muito sua e do seu uso íntimo. Armavam todas as tardes umas aparatosas tendas de cetim bordado a froco, cujas franjas desciam até ao mar, e nelas se recolhiam ao cair da tarde, em majestosa procissão, com os Reis à frente, a quem o Gregório chamava Dom Fabrício e Dona Giralda.

Passavam alguns dias em batalhas que pelo método a que tudo obedecia mais pareciam torneios, e era de ver, durante os terríveis recontros, como se abolavam as resplendentes couraças e que jorros de sangue lhes corria das feridas e vinham pelo céu abaixo juntar-se, a poente, num lago de púrpura. Desse lago levantou-se uma tarde um dragão horrendo que arremeteu de fauces escancaradas direito ao Sol. Correu-lhe ao encontro Dom Fabrício, despedindo chamas do arnês de diamante. Mas o dragão levou-o de vencida, arpoou-o com as garras, engoliu o Sol e rolou para o mar escabujando e dando urros...

Depois fez-se entre os monstros a grande paz em que os deixei. Saíam com a aurora a apascentar os rebanhos de ovelhas de prata e desciam invariavelmente, sem mais desvio, a pendente do mar onde passavam as

noites. Só uma vez os vi fora de água depois do sol-posto: estavam todos à roda da Lua a estudar, talvez, algum maravilhoso fenómeno que nós não percebíamos cá da Terra...

.....
Difícilimo será imaginar região mais bruscamente acidentada do que aquela por onde se passa na jornada entre Sant'Ana, Faial e Machico. Por toda a parte a vegetação pulula e as mesmas rochas desaparecem sob espessíssimos mantos de musgo, de modo que um estofa solto parece cobrir o esqueleto da ilha, sustendo-se nas depressões em regaços de veludo e selando-lhe os espinhaços de feltro brando. Certos caminhos desenroscam-se nas gargantas dos algares, pelos debruns dos despenhadeiros, à laia de serpentes; outros são como frágeis laços de nastro atirados a esmo aos lombos cheios; outros riscam as penhas escuras e perpendiculares de ziguezagues — as linhas quebradas das faíscas elétricas nos horizontes plúmbeos...

Embarquei em Machico para o Funchal e hoje cá estou outra vez na Quinta Vigia a dar-lhe conta das minhas finezas enquanto não aparecem uns ingleses chegados à ilha na minha ausência, os quais me emprazaram — em bilhete de visita que o Gregório me levou esta manhã ao quarto — para um encontro aqui, esta tarde.

É gente com quem me avistei há dois anos na Sicília; falámos então na possibilidade de visitar juntos a Madeira, esta primavera, palavras imprudentes a que eu não liguei sentido algum, mas são assim os ingleses, cujo primeiro cuidado foi buscar-me pelas hospedarias do Funchal.

Pensei em esquivar-me à entrevista, mas o Gregório disse-me que vinham também duas senhoras e uma delas era «tal qual» a imagem da Rainha Santa que sai na procissão de Terceiros da freguesia do Monte e que é a coisa mais linda que existe na ilha...

Sempre quero ver...

Funchal — maio

A Sé do Funchal tem três naves... Mas três noites seguidas, levadas, inteirinhas, a acariciar — a adorar — o corpo saboroso de uma desejada criatura até então vista só de relance, embora a miúdo, quando essa criatura vence a prova da nudez e, depois, evoluciona na memória, como pelas transparências glaucas de um aquário, em atitudes voluptuosas; três noites assim exigem honras de precedência sobre todas as catedrais do mundo... Por isso e conquanto eu saia agora mesmo da Sé do Funchal, vou falar-lhe da minha Cecília...

Era um perfil idealizado à maneira dos cunhos gregos que eu divisei, argênteo quase, no interior penumbrento de uma casa térrea, de passagem para o Monte. Expressão muito fina e o quer que fosse de longinquamente, subtilizadamente, caprino; olhos claros sob a leve curvatura das sobrancelhas negras e dois rolos de cabelo loiro, levemente arcados também, e paralelos às sobrancelhas, alisando-se sobre a testa para unirem as pontas detrás da cabeça.

- Quem é aquela rapariga, Gregório? — inquiri sobressaltado.
- Não sei dizer quem seja... — respondeu muito naturalmente.

Mas a graciosa figura tornara-se infalível, à nossa passagem, na janela térrea, e o seu olhar aceso perseguia o Gregório e parecia importuná-lo como reflexo do sol em espelho móvel...

— Não resta dúvida... aquela mulher conhece-te, Gregório...

— Talvez!... Eu é que nunca a vi mais gorda...

No entanto, a certeza de que existia ou existira entre os dois qualquer ligação misteriosa tornava-se cada dia mais evidente, graças ao afinco da rapariga em esperar a nossa aparição e o enleio do Gregório, a quem o seu olhar torturava.

— Gregório, tu mentes... Tu conhece-la como aos teus dedos...

— Juro que não... mas o senhor verá... Hoje mesmo vou tratar de saber quem ela é...

No dia seguinte:

— Então, Gregório, quem é a mocinha?

— Valha-me Deus, que me esqueceu de todo... Já agora indagarei quando voltarmos de Sant'Ana...

Deitei inculcas por outras vias de modo a poder apurar o negócio na volta de Sant'Ana e logo lhe soube o nome e a história. Chamava-se Cecília e nascera no Monte, onde tivera namoro com um primo que a seduzira e depois a deixara por outra. Vivia por conta de um inglês rico e zeloso, que a amava com delírio, mas, agora, à distância, pois andava ausente. O primo sedutor e o Gregório eram uma e a mesma pessoa. Existiam suspeitas de que ela lhe perdoara; durante a última romaria em São Roque houve quem os visse conversar e, como nunca faltam alcoviteiras, a noiva do Gregório teve logo notícia do caso e ali mesmo, no adro da igreja, lhe deu um faniquito. As informações acrescentavam a título gratuito: sabe-se que o Gregório tem muito bom dinheiro granjeado na lida do Monte, com os carrinhos de verga e ao serviço dos estrangeiros; além disso, por morte dos pais ficam-lhe para cima de três contos e a noiva é o melhor partido da freguesia. Tudo gente de peso, em suma...

— Então, Gregório, já descobriste alguma coisa?...

— Ah!... Parece que a rapariga é lá do Norte da ilha; vive em companhia da mãe e está por conta de um inglês muito rico e muito cioso, que lhe prometeu casamento... e não a larga nem um instante...

— Pois, Gregório, meu rapaz, já agora acaba o favor e averigua como é que eu poderei falar à rapariga, ou à mãe, ou mesmo ao inglês rico e ciumento, se isso for indispensável, porque, de todos os modos, tenho resolvido não deixar a ilha sem primeiro dormir com a mocinha...

— Isso sim!... — exclamou ele, visivelmente escandalizado. Eu não prossegui, esperando ensejo mais oportuno de voltar ao assunto. Depois

vieram os encontros com os meus amigos ingleses em passeios, almoços e merendas no campo, a que o Gregório assistia sempre e sempre com os olhos a fugirem-lhe para a «imagem da Rainha Santa». A «linda imagem» arranjava-se pelos moldes pré-rafaélicos: posturas serpentinadas, gestos fluidos, e bandós crespos de cabelos vermelhos a comerem-lhe as faces... E ia-me parecendo a mim que o motivo predileto das suas meditações era a plástica do Gregório, com tal frequência o seu olhar o buscava e nele descansava...

Um dia, à queima-roupa:

— Gregório, e a respeito da Cecília?...

— Qual Cecília?... Pois já lhe sabe o nome?...

— Sei tudo e sei o que tu lhe fizeste... O que mal compreendo é esse teu egoísmo ferrenho, essa tua teima em não queres repartir de um quinhão que te não pertence. Olha, para teu castigo, serás tu quem ma há de arranjar...

— O senhor anda muito enganado comigo... para tudo servirei eu menos para isso...

— Veremos...

Volvidos dois dias fomos à Quinta do Palheiro Ferreira, que é a propriedade mais bem cuidada e mais célebre da ilha, verdadeiro apanágio de casa reinante. Em situação esplêndida e, à semelhança dos parques ingleses, armando, ao acaso, sobre um prado uniforme, igual, de relva viçosa, os canteiros de flores, os grupos de árvores raras, as alamedas pomposas de carvalhos, de castanheiros, de plátanos, os pequenos labirintos de pinheiros, os lagos reflexivos e as fontes sussurrantes, limpa de toda a rusticidade inconveniente, não será fácil inventar cenário mais apropriado para idílios perversos do que o recinto daquela embelezadora quinta...

Por favor muito especial dos seus donos ali pudemos passar quase um dia todo. Jantámos alegremente numa clareira vazia e solene como qualquer sala de trono... A companhia, numerosa, combinara-se na proporção observada pela raça humana: com excesso de mulheres.

Mas a mais idosa das senhoras presentes não tinha ainda 30 anos, e todas conheciam Nápoles, a Úmbria e o Baudelaire... Houve um momento de quase absoluta expansão, durante o qual a alma desafogou sem escrúpulo, a caminho das máximas indulgências... os vinhos, de excelente escolha, acendiam o entusiasmo...

Depois da refeição dispersámo-nos pela quinta.

A providência, provavelmente, deparou-me dentro de um caramanchão o invejável grupo que a «santa imagem» e o meu Gregório lá foram representar... Ambos calados, como é próprio de esculturas... Ela tinha as faces desmaiadas e a mão direita metida pela abertura da camisa branca do rapaz, em cujo peito os anéis dos seus inquietos dedos reluziam... Pretendia a desfalecente menina, sufocada pelo exorbitante calor que fazia, amparar-se ao ombro do seu companheiro? Assim devia ser e decerto assim o compreendera ele, quando desveladamente lhe passou o braço musculoso à roda da cintura...

— Gregório — disse-lhe eu nessa mesma noite —, os meus amigos ingleses queriam levar-te daqui a dias a Sant'Ana; vai também a «Rainha Santa»... Mas eu não te deixo ir; direi que preciso de ti, se me não proporcionas meio de estar com a Cecília... Entendes?...

— O senhor pode fazer o que quiser e eu estou por tudo, mas no que diz respeito à Cecília escusa de porfiar... Eu não sirvo para tais recados...

Sem embargo, ao outro dia de manhã cedo entrava-me no quarto e, se bem que em voz sumida e tom despeitado, resolveu-se satisfatoriamente:

— Se quiser, a rapariga espera-o esta noite às oito horas... — Depois, humilde: — Mas um grande favor lhe tenho eu a pedir...

— Dize lá...

— É que a não beije nos olhos...

E assim o prometi...

A Cecília tem a consciência exata de quanto vale despida. Viveu até aos 10 anos descalça, na serra, e os pés, perfeitos, conserva-os intactos, mau grado as elegantes botinas de tacão alto, a cujo molde os sujeitou, vai para dois anos, por culpa do amante. Este senhor é homem dissoluto, conforme depreendi do que ela a seu respeito referiu, e fotografou-a repetidas vezes, em diversas posições estudadas nua, mas conservando-se de meias e botinas... Para arranjar fundos aos quadros colgava nas paredes colchas preciosas de que ela me mostrou a coleção admirável.

Eu observei-lhe:

— O teu amante, além de libertino, parece-me homem de pouquíssimo gosto... Tu és incomparavelmente mais formosa descalça e para to provar vamos repetir as lições que ele te deu, mas sem botinas nem meias...

Às atitudes académicas ajuntava ela outras de sua invenção; a mais atraente era de joelhos sobre a cama, sentada nos calcanhares, com um sorriso malicioso e quieto, a apontar para mim os bicos dos seios hirtos,

cada um em sua mão... Era imagem que o poeta aceitaria para pôr à entrada do palácio da Ventura.

Em um dos momentos de mais elevado êxtase, quando eu, esquecido da promessa feita, lhe ia beijar os olhos — sorvê-los como duas gotas de vinho generoso —, ela cerrou-os docemente e pareceu-me que os seus lábios murmuravam: «Gregório...» Aos meus lábios acudiu o mesmo nome como se o fosse de alguma divindade tutelar...

Julguei de outra vez surpreender-lhe nos olhos claros uma levíssima tinta de melancolia.

— Que tens tu? — perguntei.

— Nem eu sei bem... Desejava ser cabra e comer de bruços a erva verde... — e o seu rosto tomou a mais lídima expressão vegetativa...

.....

Voltemos à Sé, que ainda hoje não desmerece da referência feita por Damião de Góis: «sumptuoso templo». É de três naves, o teto de cedro arte-soado, em rosas octógonas, com pinhas vazadas e pinhas pingentes, alternando, e tudo embutido a marfim e madrepérola, no melhor estilo hispano-árabe.

A capela-mor, manuelina — infelicissimamente com a pintura das cadeiras do coro retocada a azul-celeste e caca de anjinho; a capela do Santíssimo lavrada e cosida em oiro, resplandecente, riquíssima, e o tesouro da irmandade recheado de ostentosas alfaias do bom tempo de D. João V; muito azulejo curioso, de fábrica portuguesa, em largos panos historiados a figuras azuis. Alguns painéis, de forte colorido, pelos retábulos e a joia por excelência, a célebre cruz que D. Manuel ofereceu, a qual tão apreciada foi em Lisboa, na Exposição de Arte Ornamental, que por pouco não fica lá esquecida. É com efeito objeto para ensandecer a quem lhe antegostar a posse: as delicadíssimas figurinhas dos quadros da Paixão, que lhe enxameiam os braços, parecem obra italiana...



Depois da minha última carta dei fim às digressões pela ilha indo a São Vicente e ao Rabaçal. Fui embarcado daqui à Calheta, que é um cordão de casas, suspenso do espinhaço da serra, à semelhança dos rosários de pimentos que se veem às portas das vendas espanholas...

O trecho fragoso da costa que o vapor percorre despeja, agora, dos alcantis sobre o mar infinitas cascatas, como se a ilha fosse uma imensa concha de granito a trasbordar água clara.

Vai-se da Calheta ao Rabaçal em continuada ascensão por lombos ouriçados de pinheiros novos e fundos barrancos vestidos de giestas amarelas de oiro que o vento açafroa aos sulcos — os sulcos deixados pelo roçar, leve, dos dedos sobre um estofa de pelúcia... Atravessa-se à luz de archotes um quilómetro de túnel — o Furo — e desemboca-se na região das «águas loucas», o Rabaçal, onde tudo se desfaz em cristais líquidos a correr para os abismos de veludo verde.

Ali, ainda subsiste a primitiva vegetação em urzes que atingem dimensões de carvalhos grandes e nas dragoeiras-da-índia, árvores quase fabulosas, com troncos abertos e cavados a modo de grutas amplas no seio da rocha...

Desfazem-se os rochedos em água que lhes rebenta do coração e repuxa e brilha e cai, silenciosa, nos tapetes de musgo.

Uma estreita cornija que serpenteia sob o lençol, pejado de cambiantes, de extensa cachoeira, dá acesso ao assombroso meio cilindro, cavado no granito, onde esfuziam com desordenada violência, espadanando em leques ou vergastando em cordas grossas, dezenas de fontes, e sobre elas, de altura espantosa e tomando-as todas dentro de uma luminosíssima cúpula de vidro prismático, outra cascata a desfechar noutra mais vasto cilindro, fojo temeroso e sem fundo por cujos recessos a vegetação esponjosa lhe absorve e abafa o ruído...

É o Risco e o Sítio das Vinte e Cinco Fontes.

As serras de São Vicente e São Boaventura pedem para ser vistas por miúdos e «vividias» durante meses. O género pastoril, a não ter nascido na imaginação dos poetas que buscavam cenários adequados a idílios rústicos entre almas cândidas, inspirou-se, decerto, em regiões parecidas a esta, se as há: murmuram os ribeiros, chilreiam as aves, choram as fontes e as grandes árvores agitam brandamente sobre os prados matizados a sombra cariciosa das suas ramas... Aónia e Pérsio por lá andam perdidos...

Mas a fim de satisfazer a todos os gostos também não escasseiam ali vestígios de convulsões tremendas, com perspectivas trágicas. Topa-se a caminho do Curral Grande com uma escadaria colossal de basalto que, sendo infinita, não leva nem ao céu nem ao inferno... é uma expressão de ansiedade petrificada.



Os meus amigos ingleses partiram ontem para Sant'Ana e daí seguirão até Ponta Delgada com ideia de regressar ao Funchal pelo Curral Grande. É excursão para quinze dias; acompanha-os o Gregório.

Fui com eles até ao Monte.

À despedida o Gregório disse-me:

— Já sei que lhe beijou os olhos... é como quem beija cabeças de passarinhos...

— Tu estás doido, rapaz!... Adeus...

O Gregório chorou e deu-me a entender que era com pena de me deixar. Ele sabe que depois de amanhã embarco no *Cabo Verde* para Lisboa e supõe, ajuizadamente, que nos não tornaremos a ver. Embora vivêssemos quase dois meses juntos — ou por isso mesmo que vivemos quase dois meses juntos — a sua comoção — desinteressada — surpreendeu-me...

A «imagem da Rainha Santa», que não percebera a conversa, mas, com os olhos gulosos emboscados num imenso molho de goivos, cravos e rosas, espreitava o Gregório, exclamou, arrebatada, ao ver-lhe as lágrimas:

— Que belíssimo coração o deste rapaz!...

Eu desejaria encontrar-me com ele só para lhe ouvir a relação verídica das suas atuais aventuras. Mas empenho baldado, talvez; o Gregório é poeta que não intenta fazer versos; discreto, cauteloso e dissimulado, portanto...

Funchal — maio

Com a desapareição daquela gente aliviei da pesada nuvem que se me ia condensando na alma; eu sentia-me já preso aos mexericos insinuantes e deleitáveis que são o chorume da ociosidade civilizada e morto por desafivelar a imprescindível máscara da hipocrisia sociável... Não sem uma pontinha de saudade; a saudade que fica das escravidões voluntárias.

Caí de novo em mim, na minha liberdade de monologar, no meu teatrinho íntimo, onde o ator e o público — imaginação e consciência — se entendem a primor.

A minha consciência é um espelho impudico e muito límpido, cobiçoso de todas as imagens que brilham...

Passei na cidade com a alegria do encarcerado que se começa a gozar do indulto. Já podia olhar levemente, demoradamente, libidinosamente para quem passava a meu lado, na rua, sem incorrer na pena de explicar ou disfarçar a sensação que os olhos denunciavam...

Para tirar a prova à realidade da minha alforria fui verificar se era, com efeito, absolutamente isenta de influências daninhas a astral impressão que registrara da cruz de D. Manuel, e monologuei:

«O trabalho é assombroso, mas miudinho... As cenas da Paixão valem tanto como quaisquer outros adornos de joalheria... O Cristo não sofreu o que dizem, nem muitíssimo menos, tal qual o apresentam nesta cruz

de prata... É uma obra híbrida, de composição alemã, onde se prenderam as pretensiosas figurinhas italianas que a enxameiam, sem originalidade no conjunto ou nos detalhes; parece coisa que um habilíssimo ourives veneziano lavrasse, destinada à exportação. Na Itália o esplendor da decadência deslumbrava os povos bárbaros... Nós dávamos ouro e em troca exigíamos joias que ouro valessem. O barro vil, o bronze pataqueiro, o mármore abundante, pareciam indignos dos nossos lares... Os bandidos queriam ouro que outros bandidos depois levaram... Por isso viemos facilmente a esta pobreza de Job... Uma escultura do Donatello seria corrida à pedrada na corte de D. Manuel, ou, pior, enxovalhada pelas chufas do Gil Vicente — que os ourives da família assopravam... Mas que ideia faço eu do que ia pela corte de D. Manuel?... A escultura em Portugal!... Quando descobrirão os nossos críticos argutos que o Miguel Ângelo era filho da Severa?...»

Tornei ao meu passeio e como o dia fosse bem fadado deparou-se-me na Igreja de São Pedro outra maravilha, pelo menos ao nível daquela.

É um tríptico pintado em madeira, que está na sacristia, sobre a cómoda dos paramentos, a qual lhe serve de peanha. Para preencher o vão da parede, aonde o trasladaram de outra antiquíssima e extinta Capela de São Pedro, ajuntaram-lhe de cada lado um santo de invenção local e moderna. Estes desalmados aditamentos são de molde a realçar a beleza peregrina da obra antiga e torná-la perceptível a profanos inteligentes ou broncos; sem embargo, e embora ali permanentemente exposta vai para um século, ainda não conseguiu arrancar aos frequentadores ou visitantes da igreja palavra alguma de louvor ou admiração.

Tão grande é a nossa penúria em obras desta natureza que me pareceu justo denunciar-lhe a importância ao pároco, pessoa discreta, cujo entendimento se alumiu ao fogo das minhas explicações... No seu alvoroço correu a comunicar o milagre ao bispo. Para maior tranquilidade minha, cometi a um dos excelentes fotógrafos que aqui há a incumbência de reproduzir o tríptico. O meu amigo receberá a seu tempo um exemplar da fotografia; no entanto e a fim de completar a informação, eu ajunto pormenores.

É um verdadeiro tríptico, com os painéis laterais suscetíveis de serem dobrados sobre o painel do meio, como se fecham as portas de um armário. Uma figura de corpo inteiro — três quartos do natural — em cada quadro.

O do centro representa São Pedro visto de frente, a cabeça um pouco inclinada para a direita e rematando a leve inflexão do corpo. Com a mão

esquerda segura as pregas do manto e com a direita, erguida à altura do peito, empunha a chave doirada do céu, sustentando no antebraço um livro aberto. O manto, escarlate, arrasta pelo chão, descobrindo acima da cintura a túnica de burel, por cuja cava, onde se dobra a gola da camisa branca, avulta o pescoço nu. Velho, calvo, corado, de barba branca, tipo rústico, de expressão jovial, bondoso e são, como convém à figura que reproduz. O fundo do quadro imagina a larga paisagem em volta de um lago, ou ria, ou braço de mar sereno, onde as margens se alcantilam de rochas agudas. Ao lado direito, em proporções de miniatura, o episódio da vida do pescador que deixou a barca no mar e vem, descalço, por cima de água, direito ao Cristo que o espera na praia; depois, a perspectiva circular dos rochedos e vegetações que se entremeiam, à esquerda, de edifícios consideráveis até dar no casario de uma cidade fortificada. Pela interceção das margens, que a perspectiva encaminha para o alto do quadro, a alvorada põe em volta da cabeça do santo o resplendor da sua luz branca...

Pitorescas ribas com trechos de praia arenosa; florestas fruindo luz; águas fluidas, sob a ampla concha do céu, a desfalecer em tons atenuados de uma doçura liliácea; toda a admirável paisagem esbatida a meias-tintas, onde a figura principal ganha relevo, este fundo pacificador e luminoso é quase a alma do santo comentada.

O quadro da direita representa Santo André. Vestido de escuro, a cabeça a três quartos, o corpo inclinado para a frente, uma das mãos arrimada à cruz em forma de X, na qual padeceu o martírio, a atitude, a expressão do rosto de quem rebate com ironias os assomos da brutalidade agressiva e insofrida... É uma figura de homem vigoroso, na pujança da vida, superiormente belo. As dimensões do quadro só consentem que o fundo apareça e tome importância sobre a cabeça do santo, reproduzindo um canto de região montanhosa.

O quadro da esquerda é obra-prima de simbolismo manifesto. Tudo quanto o dogma cristão deve à tenacidade agitadora, ao imperialismo intelectual de São Paulo encontra-se ali escrito, naquela figura imperturbavelmente severa e enérgica, a um tempo meditativa, inteligente, poderosa e obstinada... A cabeça aparece quase de perfil inclinada para o peito; sobre a túnica roxa cinge-se o manto de um branco refletido de azul; na mão direita um livro fechado, na esquerda a espada nua. O que se vê da paisagem, ao fundo, é em linhas convulsas, por onde assoma uma nesga de floresta tenebrosa ou torreja um castelo minaz.

A classificação desse tríptico deve apresentar dificuldades ainda aos mais expertos. O valor subjetivo — sem quebra de perfeição naturalista — das paisagens que lhe tomam o fundo fá-lo, talvez, derivar da escola de Bruges e contemporâneo do Gerard David, mas a obra está absolutamente limpa dos trechos ornamentais, bordados e alfaias, que constituíam as delícias dos pintores flamengos de então. E é sem dúvida trabalho de grande mestre, assim de um Patinier ampliado, que estudasse a fundo os venezianos, grande inteligência para quem a técnica não tinha segredos e que pôs todo o seu saber e toda a sua arte na criação típica de três figuras capitais da Igreja.

Como tipos nada conheço superior em pintura alguma e a composição, o colorido, o desenho são, decerto, de um poderosíssimo artista.

Mas que seja flamengo, ou, ainda, alemão — o Holbein não repudiaria o Santo André —, pouco importa a quem lhe não goza o sentido arqueológico ou histórico e sim a atualidade da beleza que persiste na harmonia do colorido, no engenho da composição e pelo vigor do desenho.



A satisfação de ter desfrutado alegria tão pura como essa que o exame do tríptico me proporciona e a gloriola de o haver descoberto tornaram-me comunicativo. Ao jantar dei a notícia do achado ao meu vizinho, o africanista Trivier, que sem demora a passou ao companheiro, e assim, de comensal em comensal, rastilhou em torno da grande mesa redonda, provocando pasmo.

Os oito carecas do topo da mesa — hóspedes fixos, funcionários do fisco e da magistratura — cujas cabeças lisas, esféricas e ressequidas clamavam por tiros de laranja, como um jogo vivo de «pau bolado» e me supunham «naturalista à cata de bichos», miraram-me com intensivo desdém, atribuindo a ruína da nação à voracidade cúpida dos *ferros-velhos*, que vendiam a estrangeiros as nossas preciosidades por dez-réis-de-mel-coado. (Destarte se exprimiram, textualmente...)

Uma senhora que frequenta a mesa com intermitências — embora constante, eternizada, na gravidez progressiva e horrenda que a traz sujeita

a uma espécie de balão cativo — e ali, afetando fastio mortal — a expressão dolorida de quem sucumbe ao implacável destino — devora moelas de galinha às dúzias, como se isso fosse a «Fatalidade», perguntou, indolente, a um dos mais esburgados do «pau bolado»:

— Ó Francisquinho, então valerá muito, valerá mais de cem mil-réis?...

O personagem brasileiro que toma vinho Madeira velho tão cautelosamente como se lhe tivesse de contar as gotas e discreteia acerca da política europeia com a autoridade própria de alguém que varresse o lixo das chancelarias; um, que diz sentenciosamente, no seu falar amaciado: «Quando chove faz húmido...» e pergunta ao Trivier, em tom de quem propõe problemas à Wronski — sempre na sua linguagem pipiada — «O senhor me fará favor de dizer, o senhor que já por lá andou, quando é que começa o inverno ali pelo meio da África, ali por baixo do equador...» — a que o Trivier responde com decência! —; pois o personagem brasileiro relanceou-me um olhar indulgente e dissertou sobre a «sua, dele, Itália artística» tão satisfeito de si que, ao perorar, tragou de contente, de uma só vez, coisa de 35 réis de vinho Madeira velho — a avaliar por 110 o custo de cada decilitro.

Este brasileiro — tão nosso irmão em tudo — é casado com uma dama teutónica que resume as feições de feto numa expressão mais fechada do que o «nó-cego» e traz pela mão um menino híbrido, o qual se apresenta com certo ar de «Delfim preso no templo» e para se entreter, enquanto a sopa não arrefece, põe a nado dentro do prato numerosas esquadras de papel, saídas do inexaurível arsenal de um jornal velho...

Generalizou-se a conversa como se a notícia galvanizasse o espírito, aliás fúnebre, daquela assembleia. «Um do Porto natural» fala-me de São Pantaleão, seu padroeiro, que está enterrado na Capela da Santíssima Trindade da Igreja da Sé — V. averiguará da verdade de tão arrojada asserção! — e o batoteiro empedernido filosofa a trouxe-mouxe, de sua conta e risco, um tanto ou quanto fora do texto mas poeticamente:

— A mocidade é o «prazer de viver»; perto dos 40 anos principia a «curiosidade de ver»; a velhice é a «saudade da vida»...

A certo cavalheiro prático acodem reflexões amargas de fel:

— Desgraçado país! Aqui, no Funchal, da linda casa onde habitou Colombo, relíquia venerada, romagem de estrangeiros ilustres, ainda perfeita não há dez anos, só resta um *cliché* fotográfico: arrasaram-na por causa das eleições... Nesta ilha abençoada não há «porto», não há

«estradas»... e chamaremos infames aos Ingleses se nos derem o que nos falta só a troco de uma substituição de bandeira? Chamaremos infames aos Americanos quando eles, em nome da humanidade e a troco de sacrifício igual — leve! — levantarem e acenderem nos Açores os faróis de que os Açores carecem para não serem mais, em mãos de portugueses, o terror da navegação universal...

— As ilhas adjacentes (assim as chamam, não é verdade?) — atalhou mansamente um sábio russo — são, em verdade, incomparáveis... Se os pelados, desolados rochedos do arquipélago grego se não enfeitassem com as loucuras de tanto escritor imaginoso, quem lhes ressuscitaria a vida poética tão graciosa das suas lendas, assim pelados, áridos e desolados como eles se apresentam... Na Madeira a manteiga é excelente...

— A Madeira! Quem fala aqui da Madeira? — barafustou o redator principal do *Independente*. — Paisagens limpas de alvenarias, flor que chupa a seiva nas mesmas supurações da terra!... Procurando concretizar, para tranquilidade da alma inquieta por tão desacostumadas aparências, mau grado o desejo de sopear a imaginação, evitando os destemperos huguínos, quem é que à lembrança deste paraíso não sente ferver-lhe no peito o cachão das frases sintéticas... A ilha da Madeira é, minhas senhoras e meus senhores, uma teta ubérrima da África negra...

Alguém que não parecia tolo disse-me então:

— O senhor viaje e deve ser feliz. Com impressões e reminiscências de viagem não há solidão nem degedro completos mas uma perpétua iluminação da alma e da inteligência por evocações contínuas... Assim se prolonga a mocidade...

— Boa receita para prolongar a mocidade — desafinou um estouvado —, não cansar de tecer planos e projetos embora lhes adiemos a realização para um futuro cada vez mais distante, como se a vida não tivesse fim...

Não o deixaram terminar; alguém berrou, dominando o vozerio:

— O que está o cavalheiro a asneiar para aí? Não me fale na Espanha! Em Espanha não há, nunca houve arte! A Espanha é isto: «Faça favor de me dar um palito» — diz o freguês ao criado do café. — «Pois não...» — responde este, e muito grave e correto tira da algibeira do colete um feixe de palitos sujos, servidíssimos, e oferece-lhos. — A Espanha! Bem se deixa ver que o cavalheiro nunca visitou o nosso Museu das Janelas Verdes...

Este é o derradeiro eco da conversação animada que, à mesa de um hotel bem frequentado, se originou da notícia da minha descoberta... Tenho lido a miúdo extratos de sessões magnas de notáveis academias literárias e artísticas muito mais insensatos e muito menos curiosos.



Para terminar a minha carta, que será certamente a última — o *Cabo Verde* espera-se aqui amanhã cedo — e para fazer as despedidas à Madeira, respigando nas minhas sensações após a deliciosa ceifa, foi ainda ao sossego umbroso da Quinta Vigia que recorri — a Quinta Vigia das horas de grande calma. Esta cesta de flores, posta em peanha de basalto cujo plinto o mar lambe, foi o ninho preferido, ninho de silêncio, onde a miúdo vim macerar as minhas saudades em ondas de perfumes, movidos e avivados pelo hálito do mar...

Mas a ilha já bem pouco me importa!

Numa capela de folhagem verde, atapetada de folhas secas, esconderijo esquecido dos jardineiros, nicho aberto para o mar largo, não são essas sensações, agora, que o coração me festeja, mas as saudades do mar que embala, o mar que de tão perto me provoca saudades que eu vou matar.

A lembrança de uma pequena ilha morre depressa na memória; fica-nos dela uma vaga imagem, fingida, a boiar à tona do mar distante; é um navio desmantelado que já não levanta ferro, inválido, incapaz de seguir viagem...

Destes perfumes, destas flores, da vida livre e encandeada no resplendor que assoma às arestas das montanhas — e as sestas breves junto às fontes claras — e a ânsia fútil de subir, para que a redoma do céu abranja um círculo de mar mais vasto — e a caça dolosa aos desejos fugitivos nas pupilas dos olhos que se esquivam — e a esperança da virgindade a violar — e a impressão dos teus seios, ó minha extravagante amiga, que amadureceram ao calor das palmas destas mãos —; é de tudo isto que eu teci a mortalha com a qual te enterrei já, ilha encantadora e selvagem, neste jardim onde o perfume da rosa vence todos os mais perfumes.

As minhas fantasias, os meus desejos, as minhas esperanças, soltei-as agora mesmo pelo mar fora com ordem para não voltarem mais aqui...

Sem embargo não é somente o mar que me perturba; aqui ainda me fica um rasto de saudade...

Em redor de mim os cravos poisam nas craveiras, espertos, como bandos de passarinhos: há cravos vermelhos, da cor do fogo, que ardem ao sol, pequeninas chamas que vão desaparecer...

Não são os cravos...

Os cravos têm o perfume das vodas do campo; aqui, neste jardim, o cheiro da rosa vence todos os mais perfumes. É que ainda aqui paira o aroma da «rosa intangível» que os poetas adoraram, essa fluida imperatriz cuja incontestável realza o profuso, excessivo manto, que lhe punha nos ombros o cabelo solto, apregoava. Foi aqui que ela sofreu os tormentos da sua pubescência dolorida...

Para que servem as palavras, onde estão as palavras preciosas, os vocábulos redondos, lisos e iriados como pérolas, e as frases gemadas de ametistas, e as expressões infantis que acariciam como o roçar de um frouxel de seda, e os frontais rígidos dos dísticos brônzeos que eternizam a memória, onde está o tesouro do poeta digno de enfeitar os cabelos soltos dessa imperatriz de 16 anos?... É na febre de celebrar a glória de cabelos tais que fermentam os ritmos novos!...

Eu penso também, agora, nessa imperatriz desgraçada que viveu neste jardim um ano inteiro da sua mocidade.

Com o halo da piedade e uma coroa de desdêns e, nas mãos brancas, os gumes de ironias, trouxeram-na a público como quem mostra uma relíquia monstruosa; mas a sua beleza feiticeira, os episódios cruciantes da sua existência, a sua tragédia final — que tão acertadamente rematou o seu poema — e os perfumes do seu coração, esparsos, que alguém condensou em livro — o livro da idolatria, o livro prostrado, do adorador desiludido, humilde e generoso — fixando a curva da vida ociosa pelos traços melódiosos do voo da abelha, consagraram-lhe o prestígio. Envolta no manto verdadeiramente régio dos seus finos cabelos soltos, a sua imagem ilumina a lenda!

É neste jardim que convém pensar, respirando à farta o ar vivo, nas fundíssimas minas de carvão, nas vidas gastas, inteirinhas, pelas pequeninas células tenebrosas, que um movimento leve — frequente — de terreno converte em sepulturas.

Quem não pensará também na delícia com que o assassino aguçava a ponta da lima áspera que havia de penetrar a carne mimosa da impera-

triz... A tragédia, no entanto, não foi perfeita e se o cenário de Genebra, apurado nas decantações visuais de um Turner, convinha, apetecia-se que a vítima fosse mais nova...

Mas tão criminoso ou mais do que a lamentável criatura vou eu impunemente fruindo a graça estética das coisas; abençoada época se assim nos permite viver, anónimos, ao abrigo de grandes e de pequenos.

E clamo sem compaixão: a poesia do marinheiro que recorda saudosamente a família e o lar é inferior à poesia do marinheiro que tudo esquece para só pensar no mar...

CARTA A JOÃO GRAVE

Granada
(Alhambra, Peinador de la Reina) — abril, 1904

Meu querido camarada:

Julgo eu que no mundo inteiro não haja palácio comparável à Alhambra. A arquitetura — arte soberana —, expurgando-se de quantos elementos lhe são estranhos, criou aqui uma série de eurtimias que exauriram toda a fantasia da linha. Suponha um variadíssimo poema onde o conceito, a cor e o ritmo brotassem do valor musical da palavra sem o auxílio grosseiro da imagem.

Palácio de sonho ou de magia, por certo, palácio sem fachada, encerrado, para encarecer o assombro, a surpreendente revelação, em muralhas de fortaleza, transpostas as quais os pórticos de entumecidas curvas entoam hinos de triunfo, as salas recebem-nos com festivas aclamações de apoteose e onde na obscuridade das alcovas se destila o incoercível perfume dos jardins «em noturno».

Mas triunfo nada guerreiro, apoteose sensual e ecos fugitivos de lânguidos suspiros em que se extinguem as voluptuosas carícias.

Intimamente e profusamente sugestivo no seu arranjo, bastam os soluços da água murmurando em fios de cristal pelos regos abertos no lajeado

alabastrino para evocar a vida que houve aqui: quantos pés de âmbar neles se refrescaram pela calma dormente das tardes de estio e quantas nevadas mãos de açucena, mas lascivas mãos em delírio, calcinando-se, pelos demorados interlúdios do amor, ao desespero da hora que não chega ou que passou, neles mitigaram a febre que as abrasava!

Horas de luxúria aqui passaram como ainda outras não arderam em lâmpada mais rendilhada; quem as pudesse reviver em vocábulos que se queimassem como um puro óleo sem resíduos!

Sob o embaciado céu do amã e à meia luz luarenta do gineceu que opaliza a tez morena, animando-a com lactescências de lírios e jasmíns, as ondeadas formas nuas avultavam no mármore liso ou dele se levantavam, tão níveas como se a pedra, fecundada, a cada instante lhes desse vida, ou se desentranhasse em formas novas.

Os corpos arrastavam-se sobre os tapetes na flexura dos movimentos ofidíneos e era de bruços que as cativas adolescentes aspiravam o aroma das viçosas laranjeiras, perpetuamente geadas de botões, ao recortado balcão que se chama hoje de Lindaraja.

Nenhuma impressão molesta de «grandioso» perturba a graça com que nas paredes arrendadas poisam, em cúpula, os favos de alvéolos e pingentes — obra de colmeias; e esse mesmo Pátio dos Leões, com as suas frágeis colunatas de pálido mármore polido, sustendo leves calotas marchetadas, não passa de um jogo de alvos dedos de damas brincando com dedais filigranados.

Eu não sei como a lenda conseguiu enraizar neste recinto a lembrança de episódios trágicos vertendo sangue que não borbulhasse nos desvários da concupiscência. Pelos recantos que se cavam na espessura das paredes, em dosselados nichos, há largos divãs de penumbra onde ainda se estorcem as sombras amorosas de corpos enlaçados!

Eu vim aqui realizar um sonho prodigioso, ler neste cenário *As Mil e Uma Noites* na versão que o Dr. Mardrus, por legítimo escrúpulo de arabista, emenda: *O Livro das Mil Noites e Uma Noite, mihrab* ocelado de todas as gemas da poesia, concentrando no movimento eterno das suas curvas luminosas a esfera plenária dos possíveis e impossíveis deleites. O desmazelo, a timidez pudibunda, a ignorância e a inaptidão estética dos outros tradutores reservaram ao trabalho do sábio e subtil francês a glória de nos oferecer as primícias de uma flor esplêndida, nunca suspeitada, cuja beleza, tão alta como requintada e suave, escapara à profanação da gente bárbara.

A sua leitura, dentro deste palácio, como Bagdad não teve igual mesmo quando ali reinava Harun-al-Rachid, dá realidade palpável àquilo que é do exclusivo domínio da ficção e melhor do que em nenhuma outra parte, através destas galerias miudamente lavradas, cuja melodiosa elegância frangível desaparecerá breve como se esvai a flora de um sonho deslumbrante, eu penetro o encanto da poesia oriental, a sua graça voluptuosa, alada e fugaz, cantando o gozo do momento atual ao abrigo dos terrores que o futuro misterioso porventura encerre... «O sentido místico» dos poetas persas que *As Mil Noites e Uma Noite* transcrevem a cada passo, desvenda-se facilmente neste recinto, ao influxo da arte que o ornou, sob as volutas de inapaziguável lubricidade em que se envolvem e no seu acompanhamento de deliciosos risos indecentes...

Esta leitura de que o meu espírito se não sacia provoca-me transportes adoráveis e é justamente no embevecimento de semelhante beatitude que eu chamo à reflexão do meu espírito as claridades de outros espíritos que mais o levantaram.

Entre eles sobressai essa cariciosa alma de poeta piedoso e sensualíssimo que é para mim, que só o conheço pelos seus escritos, a forma de João Grave.

Decerto não encontraria ponto mais do que este levantado ou donde com melhores motivos mais inspiradamente lhe escrevesse. E com grande escândalo de uns andaluzes desengonçados e suspicazes, ostentando negríssimas barbas de naires — desses que em tudo enxergam a pátria postergada e vendida a estrangeiros — obtive dos empregados da Alhambra a mercê de ficar fechado esta manhã no Toucador da Rainha, airoso pavilhão isolado no cimo de uma quadrada torre alta e abrindo para todos os lados, donde me parece que naturalmente comunico e discorro com os espíritos da minha eleição.

Daqui lhe escrevo pois.

Aqui a ciosa Aïcha, a intrépida mãe do tortuoso e mole Boabdil, de balde inventava e provava louçanias com que suplantasse a feliz rival e foi para comprazer ao capricho da mais culta e formosa infanta portuguesa que o pavilhão tomou, ao gosto da Renascença, a sua forma atual, revestindo-se de graciosíssimos frescos em quadros miudinhos — pelo molde das *loggie* do Vaticano, mas de assunto exclusivamente pagão e helénico.

Pinturas ainda hoje encantadoras na sua decrepitude acelerada pelas intempéries e conspurcada pelas irremediáveis provas de selvajaria moderna

— todo o século XIX — grandemente expressa nos mil e mil emblemas e dísticos torpes, boçais, ou «espirituosos», entalhados a ponta de canivete ou de prego por onde os espaços melhor se prestavam: seios, ventres, nádegas e coxas das divindades mal vestidas.

Foi na Alhambra que a idolatrada esposa de Carlos V levou os melhores dias da sua existência — uma lua-de-mel de muitos meses — cujo gozo nem ao pavor dos terremotos se empanou, e foi pela ascensão do seu quimérico sonho de grandezas que o César, ardente no apaixonado empenho de lhe dar realidade, arrancou ao génio arquitetónico da Itália o plano de um palácio inconfundível — o seu palácio — todo engendrado na grave harmonia de uma elipse colossal.

E deram-se a máxima pressa em lhe executar o traçado para que ao pé do exímio padrão da glória sarracena, a Alhambra, surgisse a prova inamovível de um poder mais forte casado às pompas de uma arte mais viril.

Mas escasseava o espaço e, no seu implacável rigor geométrico, a prodigiosa curva de pedra, ao fechar, abriu no flanco das delicadas construções árabes irreparáveis brechas: vandalismo para ser eternamente abominado!

A obra ficou em meio e desde logo sumptuosa ruína, cercando a hiante elipse central do pátio imenso — dentado todo em volta por colunas monolíticas.

Não urge desvendar o histórico segredo que baldou aquele assombroso esforço material e artístico; tal como está, na esterilidade da sua esplêndida nudez, impõe-se à veneração estética — se esterilidade pode haver no que é belo.

A thing of beauty is a joy for ever!

E assim como está, aguarda talvez o acaso de uma coincidência imprevista que lhe dê definitivo sentido, agora é apenas moldura maravilhosa para quadros de pura imaginação, mas a Natureza pode inesperadamente encontrar-lhe mais idóneo destino. Nada tão doidamente absurdo como as Capelas Imperfeitas da Batalha: eu já as vi povoadas por um bando de pavões que abriam ao sol, entre as arcarias de oiro recortadas no azul-ferrete do firmamento, as caudas faustosas, e achei-as «perfeitíssimas».

O palácio de Carlos V não se completou por instigação da Imperatriz, subitamente assustada — embora a grande distância — com a frequência dos inofensivos tremores de terra a que a cidade de Granada parecia então

sujeita. Outro e bem diverso foi o motivo suspeitado, o qual, a ser verdadeiro, mais enaltece o carácter da mulher cuja fé na grandeza do próprio destino se formara à incitação da glória sempre crescente do reinado de seu pai, o «rei venturoso».

Interessante figura a desta princesa, tão mal estudada ou completamente por estudar, pois que os cronistas e investigadores da nossa história só colheram minudências, por onde os prendessem à realidade do seu meio, nas vidas façanhudas ou rapinantes dos heróis do sexo forte. Nos fastos nacionais de alguns séculos, as mulheres pouco mais conservavam do que a vacilante memória dos seus nomes apontados «às secas»!

Esta foi uma rara princesa virtuosa, que de muito nova atingira a consciência plena dos seus extremadíssimos dotes intelectuais e morais, e se conservara sempre de «tão altos pensamentos que pressupôs de não casar senão com o mor senhor da cristandade».

Eu imagino-a de nobilíssimas maneiras, muito entendida em música, airosa e perfeita bailarina, educada, consoante os preceitos do «Instituto delle donne», no conhecimento do Dante e do Petrarca, notável humanista, lendo Virgílio e Séneca, e versada também no que as ciências ofereciam de noções positivas, reputadas então como inestimável riqueza para quem as possuía.

Tão bela, inteligente e sábia, e incomparavelmente mais poderosa do que a sua célebre contemporânea, a ideal Joana de Aragão, faltou-lhe o génio de um Nifo para inspirar outro ainda mais subtil tratado do que o *Do Amor e da Beleza* por onde os amavios da italiana nos embelezam hoje e irão deliciando eternamente as gerações de artistas.

Como Joana de Aragão o corpo da princesa Isabel parecia conformado, em estrita obediência aos sagrados cânones da estatuária grega, no completo equilíbrio das proporções harmoniosas e era «nem gordo nem magro mas repleto de seiva: suculento».

Mas ninguém lhe fixou por líricas hipérboles o encanto da voz melodiosa e cadenciada, nem a frescura do hálito suave, nem a doçura da pele branca e tépida, nem esse perfume tão diverso e característico em cada mulher formosa e, mais intimamente, em cada um dos canteiros do seu corpo. «O delicado aroma de pêssego que lhe exalavam os seios», diz, se bem me lembro, o filósofo Nifo daquela que ele estudou como impecável modelo.

Meu amigo, leia esse estranho tratado *Do Amor e da Beleza* e diga-me se quem o escreveu não foi precursor genial de tantas teorias ousadas e

argutas sobre as quais outros estetas ergueram, séculos depois, os monumentos das próprias famas.

O idealismo de Platão, que excluía do mundo externo a Beleza e a restrição à refinada conceção intelectual, fora adotado pela Renascença como inatacável dogma. Quando muito, e excetuados à vileza dos mais sentidos, podiam os olhos auxiliar a percepção do Belo. Nifo, insurgindo-se contra uma doutrina que infamava o tato, o olfato, o gosto, o ouvido, mostra como estes sentidos, a par da vista, transmitem ao cérebro a beleza esparsa pelo mundo orgânico e põe-se a fornecer provas, olhando, escutando, saboreando, cheirando e apalpando tudo quanto no acervo de perfeições que constituíam o corpo da excelente Joana de Aragão se prestasse a experiências perentórias. Depois, generalizando, esclarece o modo como qualquer sensação pode alcançar, filtrada pelo sentimento e pela inteligência, a graça estética.

A filha de D. Manuel não encontrou panegirista que a sujeitasse a método, assim infalível, de investigação, e das suas prendas rezam somente em breves frases ressequidas alguns cronistas mazorros. «De peregrina beleza e tão inteligente como isenta de sua condição», dizem eles; mas já dizem excecionalmente muito.

E não é de pasmar que tantas qualidades concorressem em quem foi de pai e mãe consanguínea dessa feíssima e brutíssima fera, o senhor nosso rei D. João III? Irmã de João III de Portugal e mãe de Filipe II de Castela!

Sobretudo quando se lhe destrinça a bondade, transparecendo cada momento, a temperar a sanha das perseguições religiosas ou políticas, nos períodos turvos que empeçonharam o reinado do marido, bondade logo brilhantemente assinalada quando, após o casamento que se efetuara em Sevilha, os monarcas vieram a Granada para dar solução à crise mourisca, ao tempo agudíssima.

A imperatriz aproveitou as boas disposições que trouxera ao ânimo do César a vista de um tão prodigioso conjunto de maravilhas, extasiado no qual ele exclamara, talvez involuntariamente: «Desgraçados aqueles que tanto perderam!», e enquanto a conselho da junta dos teólogos — alcaeteia de bispos — se mandava trasladar aqui a inquisição de Jaen e se promulgavam atrocíssimas leis de extermínio contra os infiéis renitentes, D. Isabel acolhia na Alhambra, e logo à intimidade da corte, as mais prendadas meninas das principais famílias muçulmanas.

Então os moiros organizaram festas, em honra dos monarcas, de um esplendor tal que a todos os cristãos traziam deslumbrados. Executaram-se

durante o verão, nos umbrosos jardins da Alhambra, lindíssimas *leylas* onde figuravam as moiras escolhidas entre as mais formosas e ricas, ataviadas luxuosamente e com esse donairoso garbo oriental que tanto realça a delicadeza feminina.

A corte andava enlevada naquelas dulcíssimas toadas, variações infinitas de uma música toda em suspiros e soluços, matizada por timbres e ritmos que o tom menor melancolizava, e inebriava-se na voluptuosidade das tão diversas e novíssimas danças, exteriorizando milagrosamente os fundos mistérios do amor pela arte suprema das atitudes elegantes e castas.

Mau grado a Inquisição e as hienas da Junta Teológica, os moiros conservaram ainda algum tempo o uso da sua língua, dos seus trajes e das suas práticas higiénicas, entre as quais, à porcalheira católica escandalizada, o banho é que mais intolerável se fazia.

A rainha influiu na magnanimidade de tais concessões que o César sancionou mediante a soma pavorosa — o irrefutável argumento de todas as idades — de oitenta mil ducados pagos de contado pela moirama estarecida. D. Isabel, sempre desvelada por atenuar o mal, conseguiu do marido que destinasse parte dessa quantia a obras de caridade — continuando os trabalhos do imenso hospital para dementes, fundado pelos Reis Católicos — e mais ainda, depois, muito longe de Granada, quando para obter novas extorsões os delegados da coroa advogavam a urgência de suprimir aquelas regalias, lembrava-lhe ela, com relativo êxito, a palavra real empenhada e por que preço fora.

Não é pois trivial essa figura de imperatriz e, a par de tanta princesa ignara, cruel ou simplesmente viciosa, a virtude, nos tempos em que viveu, deu-lhe esquisito relevo. E desempenharia decerto papel preponderantíssimo na história se a extrema fecundidade, que a paixão inapaziguável do marido exacerbava, exaustando-a, a não malograsse.

A sua alma compassiva é para ser evocada no ambiente afagoso deste palácio de fadas e, melhor, o seu corpo na plenitude soberba dos 20 anos, quando ela saía deste mesmo pavilhão, constelada a firmas de pedraria e os cabelos entrançados nos fios preciosíssimos de volumosas pérolas brancas — essas pérolas cingalesas, exsudando brilho, arrancadas aos tesouros dos rajás e que entre as joias do seu assombroso enxoval eram a «via láctea» de uma estrelada noite malabar. Daqui baixava ela a presidir às famosas justas de Bimbarrambla, nas quais o César, por seu

turno, estreou alguns dos seus mais ricos arneses, repuxados e burilados em Ausburgo ou tauxiados em Milão — os mesmos que deram origem à maravilhosa «Armeria», hoje orgulho de Madrid.

Seria para entorpecer a pena do artista melhor dotado, qualquer tentativa de ressurreição ou reconstituição colorida, ou o simples esboço histórico dos quadros que se desenrolaram pela cidade durante a assistência do Imperador e da corte, competindo galas com a civilização árabe, ainda no apogeu da sua pompa.

Mas o paralelo entre o fabuloso fausto de então e a miséria atual é que supera na fantasia do artista o desejo de reviver o passado, trocando-o pela melancolia de um tão desolado presente. E seria o confrangimento, originado na contemplação de ruínas incaracterísticas, semeadas por entre escombros, que conviria exprimir se eu cuidasse em dar-lhe ideia da Granada monumental de hoje.

A obra católica foi aqui mais daninha do que em qualquer das outras grandes cidades arrancadas pelos Espanhóis ao domínio muçulmano. E falo da obra católica porque nas povoações da Ásia Menor, e em todo o Norte de África, onde os seus flagelos não chegaram ou não persistiram, a ruína fez-se progressivamente, pela decadência de uma civilização enferma — como no Cairo ou em Tunes — sem sobressaltos ou substituições desacertadas que mais pesam talvez do que a assolação completa.

De nada valeu aos vencidos de Granada o direito de gozar mais tempo a grave compostura do turbante ou o desafogo da ampla algerevia ou o amã pululante de delícias, para que deles restasse mais acendida lembrança; fora da Alhambra extinguiram-se quase por completo quaisquer vestígios incontestáveis da passagem do Árabe por esta região e no cunho étnico de balde até buscaríamos pela gente do povo uma fisionomia de raça berbere ou semita bem frequentes no resto da Andaluzia.

Cristianizadas séculos antes, Sevilha, pela disposição das suas casas, e Alicante, pelo perfil dos seus habitantes, são mil vezes mais sarracenas do que Granada, onde à estética muçulmana se opôs sem transição gótica — plausível — a arquitetura neogrega e o ornato plateresco.

Mas ficou, para lhe perpetuar a memória, a Serra Nevada e os seus inexauríveis mananciais de águas correntes que o engenho árabe encaminhara para a veiga infinita, hortando-a como o paraíso maometano de flores e frutos. Esse puro sentimento de bucolismo artístico a que o Espanhol é geralmente alheio, transmitiu-se aqui do Árabe ao Ibero, e, como

em Valência ou em Múrcia, o campónio, na esteira dos seus iniciadores, continua cultivando a rosa ao pé do limoeiro.

Porque a característica dos jardins árabes está nessa propositada confusão de frutas e flores, que arredonda sobre leiras de jacintos a romãzeira de sanguíneos cálices de cera, a esbagoar-se mais tarde em rubis sumarentos; e genuinamente orientais essas inesperadas, estranhas aplicações à planta supérflua ou de luxo, de que os antigos portugueses referem o curioso exemplo na Damasco cercada de uma tríplice sebe secular de rescendentes jasmineiros, impenetráveis que nem muralhas fortificadas.

A tradição da cultura árabe persistiu e ainda faz a alegria destes campos, desta infinda planície azulada e levemente undosa como um mar de verão.

Entre a veiga e as montanhas, que reluzem muito próximas nas suas couraças de gelo, espargindo as claridades de apoteose que envolvem Granada, o casario da cidade, antes de se derramar na planície, suspende-se em montões de bagos mal seguros a quatro serros de abruptos perfis — quartos irregulares de uma romã titânica, aberta e sulcada por torrentes que espumam enfurecidas na estreiteza dos leitos profundos.

Os Ingleses às ordens de Wellington encheram-lhe as rápidas encostas dos apertados vales de álamos negros, trazidos expressamente das florestas irlandesas, árvores que prosperaram e hoje atingem alturas excessivas: trinta metros e mais. Toda a imensa ravina que liga a cidade à Alhambra está coberta dessas árvores, esfuziando agora em inverosímeis colunas escuras através da sua generosa vegetação de um tão mimoso e tenro verde que comove.

A solitária ascensão ao palácio, sob o dossel de frondosa seda e entre agitados mantos de folhagem translúcida, escutando o murmúrio cantante das fontes e o concerto de gorjeios e trilos desfiados em gotas de cristal pela passarinhada ébria de primavera, é um trecho vivido de épica balada, nalgum lance mais peregrino de mistério e de encantamento.

A meio da ravina o caminho das carruagens abre em rotunda sobre a qual se inclinam de todos os lados as altíssimas árvores, com a majestade própria de uma arquitetura de basílica, infundindo não sei que sentimento de expectação e de esperança lírica: é na manhã clara e fria a argentina trompa de Roldão prestes a soar, e quando se aproxima a noite como ali vibra, ardente,

Le cri walkyrien des paons au crépuscule!

Pelos retalhos ajardinados, no labirinto de corpos independentes que compõem a Alhambra, floresce agora quase exclusivamente o lilás, dentro das molduras reverdecidas em húmido sinople de buxo aparado de fresco. Eflorescência pródiga e desvairada e casta!

Se o jacinto é uma flor de carne adolescente e lasciva, o lilás é vicejante sinestesia de graças infantis! Lilases com grinaldas aereamente soltas em cachos melindrosos de carmim desvanecido, em festões violeta de tenra polpa magoada pelo frio, em miudinhas gotas de leite gelado, em penachos de botões eréteis e jucundos!

A vegetação contrariada pelo rigoroso inverno tarde começa a expandir-se este ano; nas alturas do palácio mal os lírios roxos entreabrem, junto às moitas de lilases, os seus cálices de veludo — profundas çaçoilas de perfume açucarado. Mas nalgum recanto de ruinosa cisterna, ou, abrigando-se do norte, pelos fossos da Torre de Vela já vai desabrochando uma ou outra rosa de aroma obstinado que se nos prende à roupa como a sua essência nos bazares levantinos. Eu presumo serem estas rosas da Alhambra da mesma casta das rosas de Ispã, cujo olor ativíssimo se exacerba ainda ao morrer.

Era de rosas mortas a fragrância que há pouco, junto à igreja por onde vim, se casava com o cheiro da cera e do incenso e repassava o adro dos eflúvios de maio católico — mês da hecatombe inútil da flor soberana.

Mas acima da Alhambra, intactos, ainda no seu primitivo plano, os aéreos jardins lendários do Generalife, vastos, irregulares, acidentados, misteriosos e surpreendentes, arquetados como um serralho em recâmaras de verdura imarcescível e extensas galerias de ciprestes e salões de cristal aberto nas arcarias dos repuxos: os poetas cantáramos já, imperfeitamente, em todas as línguas.

Em baixo, a cidade rasga-se numa vastíssima avenida de plátanos seculares, perpendicularmente ao Genil, e continua ladeando o ribeiro, por alamedas de plátanos e álamos negros, nos passeios pomposos do Salon e da Bomba com uma faixa lateral cerrada em magnólias, olaias, acácias e mimosas, agora mais essencialmente perfumada pelos canteiros de goivos brancos.

Há dentro deste jardim um refúgio adorável, frequentado especialmente por criancinhas: um banco circular de madeira ao abrigo dos fartíssimos festões de buganvis de um roxo episcopal e ao meio um monstruoso pinheiro para-sol, com pedaços de tronco descascados de fresco, ulcerados, resinosos e cor de carne inflamada — o impassível mártir da endiabrada chusma infantil.



Falar de uma cidade espanhola, mesmo de leve, sem aludir aos seus templos seria extravagância propositada. Mas não julgue que lhe vou impingir em descritivos floreados as contestáveis maravilhas da catedral híbrida, nem o incontestável prodígio de graças entesouradas que é a Capilla Real, com os seus sarcófagos luxuriantes e o recheio de pinturas raras e ainda mais raras esculturas. Abriria gostosa exceção, quanto aos monumentos clássicos, encalamistrando frases a favor do Convento de São Jerónimo — *panteon «del Gran Capitán»*, obra-prima de Diogo de Siloë e portanto, talvez também, da fantasia plateresca, a cujo templo o decorrer dos séculos acrescentou beleza, envelhecendo, fundindo ornamentos e cor numa grave, consoladora harmonia — se a pátria dos Abencerragens, e nisso se avanteja ela a todas as outras povoações da Península, não estivesse inçada de igrejas churriguerescas, acoitando grupos e imagens terrificantes em camarins cuja bárbara riqueza excede quanto se conta dos pagodes asiáticos.

Era mais louvável e curioso e acertado forragear em campina de tão farto pitoresco.

Não sei se a padroeira de Granada é a Virgem das Angústias, mas as *pietà*, multiplicadas até às obsidiantes fantasmagorias do delírio, parecem obedecer aqui a uma cruenta aspiração paroxismal, no desabrimento do horrível chagoso e gangrenado. Senhoras de olhos purulentos e faces esfaceladas, com pasmosas coroas de cinco andares enfiadas na cabeça — os corpos hirtos metidos em mantos pedrados de oiro e aljôfar — sustendo no colo os Cristos dobrados em arco, desarticulados e sobrenaturalmente escorchados.

A imaginação torturada por um misticismo que exige representações da mais sórdida idolatria entregou-se aqui, durante os séculos XVII e XVIII, a toda a casta de desatinos.

E agora, esse mesmo instinto grosseiro, encanado pelo jesuitismo à estética arrebicada e lambida, continua dando-se largas na profanação das igrejas primitivas, em restaurações indecorosas e substituindo à sorrelfa as lindas imagens da Renascença por esses bonecos de marmelada — ou excrementícios — que a França industriosa ou a Alemanha sabichona fabricam e exportam.

Conhece a especialidade, os Sãos Josés e os Santos Antoninhos de confeitaria e fecalidades? Como se percebe que as devotas, chupando aqueles dedos ou lambendo aquelas faces, travem ao prazer místico da prova estercorária, grata aos martírios canonizados, a ilusão celestial de chuchar paus de chocolate!

Mais valia, decerto, a completa ruína (tudo tem fim!) do que as malvadas reparações como aquela que dias atrás examinei na igreja de San Juan de los Reys, raro espécimen de linhas góticas e românicas arcaicamente adotadas na sua máxima simplicidade — quando a renascença italiana dava leis — talvez para comprazer à população árabe, a que o plateresco era odioso e que ali tivera a sua mais antiga mesquita.

Nela estão agora instalados os frades Redentoristas — ordem fundada por São Afonso Maria de Ligório, varão admirável que foi acolhido no céu com estas carinhosas palavras da Virgem: *Don Alfonso Maria tome V. asiento*. Tal e tão lisonjeira familiaridade amou alguns santos de polpa, patriarcas e doutores da Igreja, condenados a permanecer de pé toda a maçadora eternidade, contava-me o malcheiroso frade que me serviu de guia e ajuntava, no seu legítimo júbilo, que isso em nada perturbara o incremento dos Redentoristas, para os quais «nunca faltava obra». Até já estão estabelecidos aí junto do Porto, onde granjearam prontamente numerosa clientela.

As veneráveis cantarias San Juan de los Reys foram escrupulosamente rebocadas e depois ornadas a arabescos de abóbora-menina em fundo «café com leite», e os seus altares povoados pelas chorumentas imagens de França; o campanilho árabe, ainda visível na minha última visita a Granada, desapareceu demolido ou entaipado.

Perguntei por ele, explicando ao frade que nesse velho minarete, relíquia sagrada para as corporações clericais, o almuadem chamara durante séculos o povo à oração: «Por isso mesmo o suprimimos» — contestou com especioso critério.

E para me ressarcir da ausência do minarete mostrou-me na sacristia a singular «curiosidade» do convento, um grande quadro da pior pintura do século XVIII, onde a Virgem de teta de fora esguicha um jorro de leite para a boca de São Francisco de Assis, que o saboreia com esgares de espasmo sexual. — «Passagem, por certo, da desregrada vida que o santo levou antes da conversão», comentei honradamente; e o frade, conciliador, obtemperou: — «Coisas dos bons tempos que já não volvem...»

Os frades prosperam e alastram, como a grama em terreno inculto, por esta população de jornaleiros famélicos, e proprietários opulentíssimos que veem nos claustros os específicos respiradoiros da miséria oprimida. Para a gente rica não há «anjo da guarda» que valha um frade na faina de a proteger contra as reivindicações do povo.

E os frades são exclusivamente «povo», pois é natural e racional que o homem ignorante mas solerte prefira às agonias da vida rigorosa, que espera o desvalido, a pânria do convento onde até o uranismo proveitosamente supre, na mais aprazível e impertérrita das funções orgânicas, a falta de mulheres, e a coberto das moléstias e responsabilidades apensas à procriação.

É o torpe frade, paladino interessado ou convicto da ordem social estabelecida, que no afã de atrair o beatério, igualmente néscio, perpetra maior número destas infames restaurações ou levanta de seu pé vastíssimas basílicas de arquitetura idoneamente ignóbil.

Porque é de notar, sobretudo em país onde tanto abundam tão espaçosas e monumentais igrejas, suficientes para conter a massa compacta dos fiéis — com infiéis à mistura —, o beatério não concorre às grandes catedrais antigas, os sublimes padrões de arte. Dir-se-ia que Deus e Arte se tornaram incompatíveis ou, melhor, que onde transluz resquício de Arte deserta Deus. O que importa, a bem da fé embotada, é trasladar aos templos a estética dos bordéis, em capelinhas novas, com invocações, ritos e idolatrias suaves ao paladar de fregonas e rameiras.

Além da obrigação imposta ao frade e ao padre de tomarem a miúdo banho — olhe que o irmão redentorista de San Juan de los Reys, na sua percuciente ressumbrância fétida, era ainda assim modesto espécimen em comparação às esterqueiras andantes que formam habitualmente a espiritual milícia monástica —, duas medidas governativas tinham agora todo o cabimento em Espanha: proibir a construção de mais igrejas e criar nos seminários cadeiras de estética e museus do nu, onde os futuros sacerdotes largassem algo da sua nativa e bronca bestialidade, começando a apreciar o corpo humano independentemente das suas relações com a função genital. E que o apreciassem assim também contanto que lhe perscrutassem a beleza artística...

Na sacristia da catedral em Sena, o grupo antigo, o célebre, o imorredoiro, d'As Três Graças — as três apetitosas adolescentes nuas, de seios levantados, ligadas pelo gracioso encanastrado dos braços — ergue-se, em branco mármore que o tempo sensualmente penetrou de tons de carne, sobre uma pia batismal, sem escandalizar ninguém.

Pois que a riqueza artística da Espanha esteja quase na totalidade dentro das suas igrejas e dos conventos, e portanto entregue a padres e frades, e que essa riqueza seja incalculável, nada presumindo eles do seu valor intrínseco e estimativo, não se afigurará essencial prepará-los dalguma forma à iniciação do Belo? Quantos irreparáveis atentados em restaurações e substituições malignas se teriam assim evitado!

Entretanto as catedrais se vão aluindo e se desmoram os mais formosos templos — não há atualmente na riqueza humana cabedal bastante à reparação completa e artística daquilo que em Espanha ameaça ruína —, em vez de conservar melhor ou pior o que já existe, frades e padres arrancam, ao fanatismo do beatério hipnotizado e à plutocracia calculista, dinheiro para edificações novas e estúpidas, as quais não constituem exclusivamente uma afronta à estética, mas talvez mais principalmente ainda um atentado social de previstas consequências horrorosas.

Em Granada, se algum edifício de vastas proporções surge por entre as ruínas dos bairros leprosos, é infalivelmente igreja ou convento; o mesmo ou quase o mesmo sucede nas mais cidades espanholas e até a fabril Barcelona, parodiando a tibetana Lhassa, viu nos últimos anos encherem-se-lhe as alturas de Sarriá, como outra Potala, de novíssimos Escoriais, competindo em dimensões com o pavoroso modelo e dele apenas diferindo na indigência estética do plano e da ornamentação interna.

Essas construções custosas, indecentes e tão-somente aproveitáveis a uma escassa minoria de ociosos ignaros, constituem permanente provocação, sobretudo em centros assim miseráveis como Granada, ao proletário normal, de cujas necessidades ninguém cuida por faltarem os recursos que sobram para erguer coios de preguiça e de porcaria.

E nas horas tenebrosas ou radiantes, das justas ou injustas represálias, lá vão a ferro e fogo, e de cambulhada, a obra má dos Redentoristas, Esculápios e Lazaristas, e as gloriosas criações onde um Diogo de Siloë ou um Alonso Cano puseram o melhor do seu genial engenho.

Mas legislar na Península em capítulo que toque nos nossos senhores padres e frades é utopia de uma originalidade tal, à mistura com uma tão espantosa — ia dizer eclesiástica — procacidade que eu mesmo me fico a rir da lembrança e dela lhes peço a eles, frades e padres, perdão se por acaso estas linhas chegarem ao conhecimento de alguns, suplicando-lhes humildemente que as não almagrem com vista à Santa Inquisição.

Falo sério. Eu acredito nos malefícios da sinistra, serva irmandade. A Santa Inquisição, que outro nome houve nunca, para portugueses, assim prenhadíssimo de ameaças, de iniquidades e de vilezas...

Mas eu descarrilei, não resta dúvida, e com tão má sorte que vim esbarrar nesse potente bastião da Igreja Católica: o Santo Ofício. É o justo castigo de quem se desorientou a ponto de empachar o seu regalado ceticismo com veleidades de reformador.

Leio a miúdo nos jornais de ideias avançadas que a Igreja Católica é uma «força morta» e lembro-me, por contraste, dos Holandeses a chamarem delicadamente aos quadros «de naturezas-mortas» «vidas mudas». Eu desvario de pavor perante a probabilidade de incorrer nas iras dessa «força morta» que nem mesmo à custa de subtilezas bizantinas se poderia nunca dizer «força muda», pois berra e brame diariamente pela boca de milhares de energúmenos desencabrestados, e creia que se não fosse a minha ilimitada confiança na sua discricção já ia reler quanto escrevi para bifar qualquer irreverência puxada pela retórica ao bico da pena.

E à cautela sempre me penitencio, ainda preso do assombro que me causaram estas audácias confidenciais... Como guisei eu semelhante refogado moralista com o seu atrabiliário molho amaro aos inocentes irmanitos em Nosso Senhor Jesus Cristo e como veio tudo isto à balha dentro do Peinador de la Reina aonde se alguma ambição me trouxesse não iria além da glória vã de fixar, por vocábulos suficientes à compreensão mundana, sensações inéditas que flutuassem indecisas, na sua inefabilidade, pela imaginação dos poetas?!

E era assim que eu apeteceria escrever-lhe em troco à munificência com a qual agasalhou o meu *Agosto Azul*. Quando penso na profusão de flores que sobre ele espalhou o imaginoso génio de João Grave e o considero assim enfeitado — o meu pobre livro — já me não parece o mesmo e fico perplexo na surpresa do pai da pastora que subitamente visse a filha coroada rainha pelo capricho de um príncipe. Ah! como eu desejaria merecer a constância do seu louvor e como é grande o meu receio de que ele não fosse para o *Agosto Azul* mais do que o capricho de um príncipe inconstante!

XVII

POSFÁCIO
OU
CARTA AOS LEITORES SOBRE COISAS MÍNIMAS

Com um francês da minha amizade, ao tempo destemido decadentista e faustoso deformador à maneira de Beardsley — hoje de um classicismo cristalino —, me encontrei a miúdo em Londres no decorrer de um verão abafado, sufocante, afumegado, como só nas fabulosamente povoadas margens do Tamisa a humanidade suporta. Nem por isso a babilónica metrópole — Londres estarecedora, Londres incalculavelmente múltipla, desvairadamente infinita, misteriosa, tentacular, hermética, derradeiro refúgio da Esperança que o mundo inteiro baldasse, etc., ladainhava o meu companheiro e eu dizia «âmen» — nem por isso perdia qualquer das suas seduções nas inumeráveis, iriadas cambiantes da arte e da luxúria.

E possuídos, contaminados até à medula do delírio da sua vida arrebatadora e exaustiva, nós apenas parávamos quando percebíamos que debaixo dos pés nos ia faltar o chão, sentindo o zumbido da vertigem baralhar-nos as sensações e as ideias. Fugíamos então por um dia à irresistível, capitosa voragem, buscando a relativa tranquilidade de alguma praia pouco frequentada, como Ventnor ou Swanage, ou acolhendo-nos às sombras de Windsor ou Bushy-Park, para retemperar os nervos e os

pulmões no bafejo do mar ou na frescura inefável das árvores que povoam aquelas prodigiosas tapadas.

L'Angleterre mère des arbres — cantou o Verlaine e de facto, pelo gigantesco, possante, majestoso, e pelo venerável, dir-se-ia que os seus carvalhos e os seus castanheiros são os incontestáveis patriarcas da flora terrestre.

Duma vez que escolhêramos para refúgio o parque de Hampton-Court e, ao atravessar as edificações do trágico palácio do cardeal Wolsey, entráramos à grande *hall*, fruindo, silenciosos, a imponente impressão do seu conjunto, tão semelhante, no enramado do altíssimo teto e na brandura da luz frouxa que os vitrais lhe coam, a alguma alameda de mata secular, a minha atenção concentrou-se maquinalmente numa grotesca figura de *clergyman* que saltitava, como gafanhoto de perna partida, diante da grade que resguarda a entrada de um dos enormes vãos das janelas. Dentro jazia, clamando contra o gótico ambiente — mau grado a discreta penumbra que lhe atenuava a escandalosa alvura — a reprodução em mármore do *Hermafrodita* de Policles. O corpo deitado do fabuloso andrógino volta as costas ao público, e todo o afã do estranho visitante parecia consistir em apreender-lhe, embora de escorço, algum dos aspetos da frente.

O sacerdote — pois evidentemente o era — cuja face apresentava a aparência ao mesmo tempo enrugada e mole do pero cozido, mais dava nas vistas pelo seu traje de farroupilha, tão raro entre ingleses da classe média, esmeradíssimos, sempre, no vestuário. Indiquei-o ao meu companheiro, que, sem demora, exclamou:

— Ah! conheço-o muito bem... Vamo-nos embora porque se nos lobriga já nos não larga: é o mais importuno e impertinente maçador que deambula pela superfície do orbe terrestre...

Fomo-nos e a caminho dos jardins o meu amigo seguiu nos informes:

— Aquele personagem hoffmânico é nem mais nem menos do que o doutor Tetley, presidente da liga contra a aplicação das parras ao sexo das estátuas nuas...

— Você inventa, sem dúvida — atalhei.

— Não, meu caro, não invento... Nem os intuitos da famosa liga fogem à corrente da moral genuinamente inglesa — continuou o meu companheiro —, de resto justificadíssimos no caso sujeito, pois as estátuas antigas, cuja nudez é sempre casta, tornam-se indecentes graças à folha de lata recortada em folha de vinha... É talvez na sequência deste conceito que à generalidade dos ingleses repugna o calção, quando se refocilam

no seio de Anfitrite — perdoe você a anfibologia... A grande pedra de escândalo para os habitantes da ilha de Jersey, durante o exílio de Vítor Hugo, consistia no uso que o poeta e os seus hóspedes faziam das cuecas para tomar banho, sendo a adâmica simplicidade, ali, obrigatória...

— O doutor Tetley procura, certamente, verificar se no *Hermafrodita* há parra...

— Talvez...

— Como é imprevista e curiosa para os povos latinos a forma de interpretar o pudor nas raças anglo-saxónicas, não é verdade? A um amigo meu gorou-se-lhe o casamento, que era auspiciosíssimo, só porque falou em «camisa» num chá a que assistia em casa da noiva...

— O puritanismo, agora, atinge raramente tais extremos; no entanto ainda se faria uma extensa lista dos vocábulos inocentes que aqui são banidos da linguagem decente, sendo forçoso confessar que a sociedade ganha, e muito, com essa restrição convencional. Tudo isso não obsta a que, se por exemplo a religião o exige, a realidade crua reforce os argumentos dos evangelizadores. É feio falar em camisa, mas na catequese feita por um pregador ilustre, em templo de frequência aristocrática, perante numerosa assembleia de damas elegantes que rescendiam a aiapana e apoponax, já eu ouvi aludir «ao ponto da anatomia masculina que mais prende a atenção das mulheres e para o qual os seus olhos de preferência convergem...». Antes de sair da igreja ainda esperei, mas inutilmente, alguns momentos a ver se o orador sagrado explicava o verdadeiro motivo dessa muito especial curiosidade feminina, lembrando-me do conhecido chiste daquela famosa madama que assistia pela primeira vez ao desfile de um regimento de zuavos: «Têm, com efeito, um lindo uniforme, mas com aqueles calções tão largos ninguém será capaz de adivinhar o que eles pensam...» É possível que o doutor Tetley ande a inquirir do estado em que se encontra o *Hermafrodita*, mas sem intuitos maliciosos; olhe, Swedenborg, o místico, pensava que os anjos eram hermafroditas e... estéreis; ora o doutor Tetley é discípulo de Swedenborg, e na contemplação da escultura grega porventura preliba candurosamente algum dos infinitos êxtases da vida futura...

Nisto havíamos chegado aos jardins do palácio, onde, contra a nossa expectativa, encontramos basta concorrência a escutar o concerto de uma banda regimental.

Sentámo-nos sobre a relva — esse *green* túpido e macio, que é uma das incomparáveis especialidades inglesas — e a conversa derivou para a

literatura. O meu amigo acalentava na mente a louca aspiração de exprimir em palavras esses prestigiosos aspetos de Londres, onde, nos jogos das sombras e na suavidade da luz, transparecem visões portentosas, desde a caverna de Polifemo até aos jardins de Armida, dando verbalmente uma versão ampliada das sinfonias pictóricas do Cláudio Monet.

Naquele momento a música executava um guerreiro alegre, truculento, impetuoso — qualquer coisa no género da marcha húngara do Ragostzki, fremente de insensatas galopadas, do tilintar das armas e do ondeado infinito e variegado dos uniformes — e o meu amigo, como que inspirado, pôs-se a encarecer, em termos de eloquência intransmissível, os encantos e os triunfos da gestação literária para quem não sujeita a produção ao mecânico exercício de uma fórmula cada vez mais sorvada e gasta...

— A ideia do livro que assoma ao espírito com fulgurantes miragens, mas ainda vaga, incerta, fugitiva... Desenha-se a obra e, a largos traços, fixa-se-lhe o contorno: a exultação de a ver erguida no seu definitivo conjunto! Mas a arquitetura interior, a divisão dos seus elementos, no encadear miudinho dos seus fuzis e no abrir da arcaria dos seus vastíssimos claustros, é o lento e minucioso trabalho que absorve o subconsciente e relampeja a espaços, em quadros tão aliciadores como fugazes, na excitação que a certas horas espirituais dá a proximidade do mar ou o encanto de algumas paisagens... Chega o dia de a trasladar à escrita, com a imperiosa urgência de lhe afeiçoar corpo perceptível aos sentidos externos, e vem a febre da produção, o impulso irresistível, a caça ao vocábulo preciso, que desentulhe o cérebro do seu atravancador tumulto de imagens... Faz-se; completa-se... Já não interessa, tornando-se mister bani-la da nossa vista e das nossas preocupações, para que nos não seja enfadonha, aborrecida, odiosa... Passado tempo volta-nos à lembrança com repentinos assomos de curiosidade e desejo de verificar se ali existe alguma coisa aproveitável: leitura pasmosa, cortada pelas preciosas surpresas que revelam o metal fino e pelos calafrios a sublinharem as passagens vulgares ou ridículas... É necessário refazer, polir, colorir... Entra-se com o cinzelar dos ornamentos e, pelo corpo central, desbasta-se, elimina-se, substitui-se, harmoniza-se: de enjeitada a obra volve-se em filha querida... Dá-se então o manuscrito à tipografia.

— Dá-se o manuscrito à tipografia portuguesa — atalhei — (ao tempo a filarmónica encetara os compassos de uma estafadíssima polca) e é como quem diz: faz-se dele entrega ao inimigo. Para não desmerecer dos seus patrícios o tipógrafo português é por via de regra — pródigo, muito

embora, de louváveis exceções, nas quais, sem dúvida, entra o amável e dedicado colaborador que vai compondo estas linhas — um artista que detesta figadalmente o seu ofício e converte em vítima expiatória quem lhe fornece alimento à atividade profissional. Os granéis aparecem ilegíveis, deturpando o original pelas mais surpreendentes, inopinadas e aberrativas transformações, e pondo a sua profícua revisão muito acima de quanto seja lícito esperar-se das forças humanas. E quando a revisão se faça a distância, quero dizer, longe da terra onde está instalada a tipografia, qual será o autor cordato que não renuncie, logo, à defesa da sua ortografia, abandonando-a à mercê do proto? Já assume proporções homéricas o intento de conservar aos vocábulos a significação primitiva, e como a engenhosa malícia do tipógrafo não descansa, toda a vigilância é pouca para as palavras onde a troca ou supressão de uma letra lhes dá significado obscuro... Palavras perigosas, inevitáveis escolhos!... Porque o sentido do autor desbarata-se na inspeção policial da sua obra, ao passo que a área de visão, exagerada, se alarga a completar rapidamente o período, quando menos em socorro à sintaxe, e as traiçoeiras letras vão ficando — no papel ou no tinteiro — sem que ele dê por isso... Chega o dia doloroso, tão desejado como temido, da aparição do livro. Já não basta que tudo, então, se lhe afigure descolorido e velho, embotados como traz os nervos pela materialidade do contínuo esforço; nesse dia, por pouco e mal que se folheie o livro, eis que as monstruosas gralhas, fígadas por arte diabólica, saltam aos olhos, avultando como se estivessem em normando gordíssimo, mancham as páginas, conspurcam os períodos, derreiam as frases...

Absorvidos no calor da conversa não déramos pelo *clergyman* que vinha direito a nós com os seus pulinhos de gafanhoto claudicante, mas ainda nos levantámos a tempo de o evitar e depois facilmente lhe cortámos as voltas...

.....
Anos depois, quando saiu a lume um livro meu de novelas intitulado *Gente Singular*, lembrei-me desse dia de Hampton-Court e escrevi ao meu companheiro recapitulando a nossa conversa e acrescentando:

— Imagine V. o desfecho de uma novela onde se contam as misteriosas e serpentinadas manobras daquela feiticeira judia, de quem tantas vezes lhe falei, Leonor Gelder: sou a hora da separação; o comboio vai partir; tenho artes de lhe lançar um derradeiro dardo vingativo que a atinge e — ó prodígio! — vê-se-lhe o rosto corar através do espesso véu de viagem...

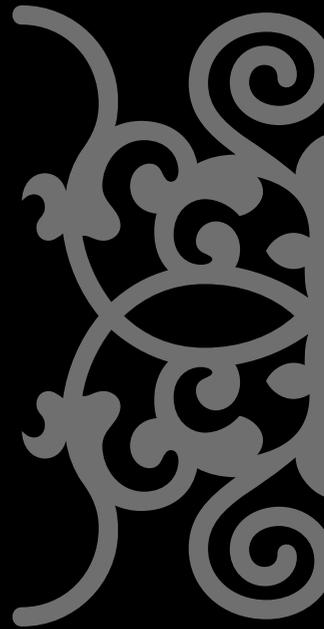
Mas através do que foi que se lhe viu o rosto corar, no entender dos tipógrafos? *Através do seu véu de virgem.*

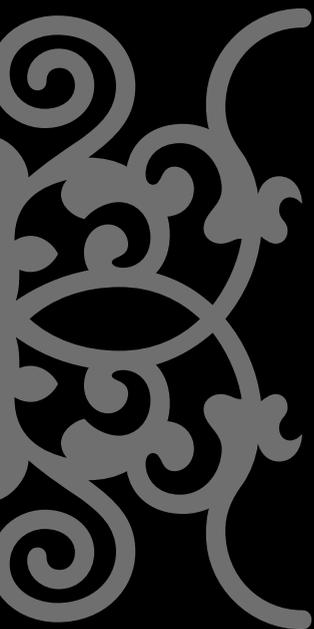
O meu amigo, nada caritativo, telegrafou-me: «Semelhante gralha em livro meu e suicidava-me.»

Nós, portugueses, andamos muito mais pegados à vida; nem me suicidei, nem me comovi, chegando até a achar tal ou qual pitoresco na possibilidade, tão fisiologicamente inverosímil, de que a posteridade consiga contemplar a minha heroína — mãe de famílias nada exemplar, cujos repetidos sacrifícios a Vénus a narrativa registra — corando através do seu «véu de virgem».

Por aqui verá o leitor amigo — ou inimigo — até onde pode ir a diferença entre o que se escreve e o que se imprime, só por mor da simples troca de uma única letra!

E isto — para comodidade, proveito, glória do autor — servirá talvez de desculpa aos numerosos absurdos que porventura se encontrem no presente livro...





ÍNDICE

PREFÁCIO	5
----------------	---

I, <i>por</i> JOSÉ ALBERTO QUARESMA	5
---	---

II, <i>por</i> NUNO JÚDICE	9
----------------------------------	---

INVENTÁRIO DE JUNHO

INTROITO	19
----------------	----

AGRIPINA	25
----------------	----

MÚSICA A PORCOS	33
-----------------------	----

O MEU GRANDE AMIGO TOMÁS	51
--------------------------------	----

VÁRIA	61
-------------	----

PERFUME DO PASSADO	63
--------------------------	----

FALA O MESTRE...	65
------------------------	----

PAISAGEM SENTIMENTAL	67
----------------------------	----

CRÍTICA BOÉMIA	69
----------------------	----

LÍNGUAS PEÇONHENTAS	71
---------------------------	----

SORTILÉGIO ADORÁVEL	75
---------------------------	----

ORGULHO DOS SENTIDOS	79
----------------------------	----

MURMURAÇÃO INOCENTE	81
---------------------------	----

VÊNUS MOMENTÂNEA	85
------------------------	----

DE LONGE...	89
-------------------	----

IMPERFEIÇÕES LAMENTÁVEIS	93
--------------------------------	----

D. PLÁCIDO	97
------------------	----

JOÃO DE DEUS	123
--------------------	-----

DESENHOS E ANEDOTAS DE JOÃO DE DEUS	131
---	-----

MONUMENTOS	143
------------------	-----

VENTO LEVANTE	149
---------------------	-----

NOTA	155
------------	-----

CARTAS SEM MORAL NENHUMA

I	163
II	165
III	169
IV	175
V	181
VI	185
VII	193
VIII	201
IX	209
X	213
XI	221
XII	225
XIII	231
XIV	239
XV	247
XVI	257
XVII	273

AGOSTO AZUL

[CARTA DE MARÇO DE 1901]	285
[CARTA DE ABRIL DE 1901]	291
[CARTA DE JULHO DE 1901]	293
[CARTA DE OUTUBRO DE 1901]	299
COLÓNIA	303
AGOSTO AZUL	331

SABINA FREIRE

PERSONAGENS	343
PRIMEIRO ATO	345
SEGUNDO ATO	377
TERCEIRO ATO	407
NOTA	431

OBRAS DE MANUEL TEIXEIRA-GOMES

- Inventário de Junho*, 1.^a ed., Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1899; 2.^a ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1918; 3.^a ed., ilustrada, Lisboa, Seara Nova, 1933; 4.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1958; 5.^a ed., com prefácio de Urbano Tavares Rodrigues, Lisboa, Bertrand Editora, 1984.
- Cartas sem Moral Nenhuma*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1903; 2.^a ed., Lisboa, Clássica Editora, 1912; 3.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1934; 4.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 5.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1986.
- Agosto Azul*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1904; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1930; 3.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1958; 4.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1984.
- Sabina Freire*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1905; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1936; 3.^a ed. (com estudo crítico de Carlos Malheiro Dias), Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 4.^a ed., Lisboa Bertrand Editora, 1987.
- Desenhos e Anecdotas de João de Deus — Reprodução de Um Artigo da Revista Arte & Vida para Ser Vendida em Proveito da Associação das Escolas Moveis pelo Methodo João de Deus*, Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1907.
- Gente Singular*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1909; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1931; 3.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 4.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1988.
- Cartas a Columbano*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1932; 2.^a ed. [com três retratos do autor por Columbano], Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1957).
- Regressos*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 3.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960; 4.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1991.
- Novelas Eróticas*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1961).
- Miscelânea*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1937; 2.^a ed., vol. I, Lisboa, Portugália Editora, Lisboa, [s. d.] (1959); 3.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1988.
- Maria Adelaide*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1938; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1959); 3.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1986; 4.^a ed., Lisboa, Círculo de Leitores, 1986.

- Carnaval Literário*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1939; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Ana Rosa*, Lisboa, Seara Nova, 1941. [«Proémio» de Castelo Branco Chaves, escrito a 22 de outubro de 1941].
- Londres Maravilhosa*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1942; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1960).
- Correspondência I: Cartas para Políticos e Diplomatas*, 1.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Correspondência II: Cartas para Políticos e Diplomatas*, 1.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Sabina Freire, comédie en trois actes*, Carlos Malheiro Dias (préface), Armand Guibert (traduction), Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Presses Universitaires de France, 1971.
- Obras Completas I (Inventário de Junho — Cartas sem Moral Nenhuma — Agosto Azul)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Câmara Municipal de Portimão, 2009.
- Obras Completas II (Gente Singular — Novelas Eróticas — Maria Adelaide)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Câmara Municipal de Portimão, 2009.



ISSN 078-922-07-2019-5



9 789222 072819 5